

REVISTA

MICHAELENSE



DOCTORES
ACORES



CANTANDO. E SPALHAREI. POR. TODA. A. PARTE.

HISTORIA
SCENCIA

ARTES
LETTRAC



REVISTA MIGUELENSE

Proprietario, director e editor—AYRES JACOME CORRÊA

Redação e administração

RUA DO COLLEGIO N.º 13

PONTA DELGADA, S. MIGUEL-AÇORES

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial

Preço annuo: 1 Escud.

Composição e impressão

Officina de Artes Gráficas

RUA JOÃO CHAGAS—PONTA DELGADA

Cópia e tradução interdittos

ANO I

S. MIGUEL, NOVEMBRO DE 1918

N.º 3

CHRONICA AGRARIA

A produção de gado e seu apuramento—Diminuição da população bovina—Adu-bos chimicos e sua influencia nas lavouras—A arte de tratar d'um pomar e de melhorar as culturas

Ahi por princípios do anno de 1889, chegou a esta Ilha um reproductor das Caudelarias nacionaes enviado pelo Ministerio de Agricultura.

Como o Senhor José Maria mostrou á Junta o desejo de lhe entregar o cavallo, o Veterinario Districtal, Senhor José Pedro de Jesus Cardoso, entrou em trabalhos para a estabulagem do animal e fixou-se n'um repartimento do Matadouro Municipal da Nordella que a Camara Municipal estava construindo e que cedeu á Junta de bom grado; ficou assim estabelecido o Posto e a Commissal Executiva da Junta Geral de 1889 n'um orçamento supplementar inclue uma verba de receita do Posto de 100 mil reis. Não iria longe essa receita porque o cap. 3 art. 3 que exigiu no Regulamento elaborado depois a remuneração dos serviços prestados pelos animaes foi supprimido em presença da reluctancia que os lavradores mostraram para o pagamento dos serviços do reproductor.

Em 1890 chegou o outro cavallo que a conselho do Senhor Veterinario a Junta requisitor do Ministerio da Agricultura e desde Abril (22) a 11 d'outubro o Cavallo Mephistopheles e o Cavallo Eclipse de 7 de Maio a 23 de out. prestaram serviços. Este ultimo foi conservado sempre com grande empenho para a reprodução dos hybridos.

Um puro sangue inglês Dant foi empregado no apuramento das raças desde 1898.

Em 1901 o Senhor José Maria Raposo mostra desejo de fornecer á Junta o cavallo do Governo Hankey Achilles e entregava-o em Janeiro de 902 a seguir ao qual veio o Felton em Abril de 904, e Rigo-letto e ultimamente o Uterus todos sangue inglês e luso arabe.

A obra do Senhor Cardoso pode-se dizer que é desde que se deixaram de fazer as feiras annuaes para as quaes a Junta Geral e os Municipios deram premios pecuniaros, o unico esforço de caracter administrativo que existiu durante 15 annos a auxiliar os creadores de gado no apuramento das raças.

Este lacunoso quadro prepara o leitor a apreciar qualquer trabalho estatístico sobre o assumpto.

Animaes de raças cavallar, muar e asininos no Districto de Ponta Delgada

Annos	Cavallos	Valor mil reis	Mulas	Valor mil reis	Asnos	Valor mil reis
1852	597		1243		7814	
1862	835		1500		7258	
1870	852	30.000	1771	54.200	7167	76.400
1906	1046	40.400	2815	67.500	8558	95.000

O Senhor José Pedro de Jesus Cardoso constatando os benefícios, porque elles cresciam de mez para mez, pensou logo em estender a acção ás raças produtoras de consumo.

Desde 42 a 80 a Sociedade d'Agricultura trabalhára bem pelo apuramento d'essas raças e os resultados a obter com as introduções de reproductores de raça hollandeza e normanda para o gado bovino.

O Senhor José Canavarró de Faria e Maia então o agronomo do Districto juntou-se ao Director dos Serviços Pecuários e abriram ambos a cruzada. Quer o leitor saber em que estado estava a raça bovina do Districto de Ponta Delgada? Basta citar os seguintes factos: Em 1852 o numero d'animaes bovinos no Districto era de 26341, em 1905 apenas excedia os 20 mil; e o peso medio do animal de consumo diminuiu de 2. kilos e algumas grammas; e o consumo que era em 48 de dois mil animaes em 1905 era de 3552.

Chamo a attenção do leitor para os quadros que se seguem.

Abatimento de Animaes no Concelho de Ponta Delgada

Annos		Bovinos	Porcinos
1848	1.º semestre	938	483
1862	todo o anno	2410	1307
1893	idem	2106	732
1905	idem	3552	1613
1910	idem	2706	868
1916	idem	2522	1249

Media por semana nos annos de 1848 1905 e 1916 39,74 e 52 animaes de raça bovina.

Consumo de carnes dos talhos

Annos	Bovinos	Porcinos
	Kilos	Kilos
1842	266.250	90.053
1862	212.731	94.412
1910	393.359	80.720
1916	378.135	117.952

Pezo medio de cada animal no anno de 1848

$\frac{\text{kg. gr.}}{\text{Bovino: } 130,075}$ $\frac{\text{kg. gr.}}{\text{suino } 71,255}$
 no anno de 1916,

$\frac{\text{kg. gr.}}{\text{Bovino: } 147,502}$ $\frac{\text{kg. gr.}}{\text{suino } 99,310}$

Temos portanto um acrescimo de consumo de carne de vacca em presenca d'uma diminuição de população animal (1). Se a matança mensal era em 1848 de 156 cabeças de gado bovino em 1893 era de 183 e em 1916 era de 212, e o numero d'esses animaes em todo o districto era de 26341 em 1852, e em 1904 de 18.950 apenas, ou seja uma diminuição de 45,9%. Temos portanto que enquanto a diminuição d'animaes bovinos se dava n'uma percentagem de quasi 45,9% o augmento do consumo da carne d'esses animaes foi n'uma percentagem de 39,8%.

O Senhor Cardoso no seu relatório do anno de 1904 mostrou a necessidade de a Junta velar pelos gados do Districto e para apoiar as suas considerações cita os seus valores que eram de 361.230.620 rs. A industria leiteira no Concelho de Ponta Delgada comprehendia 1698 vaccas no valor de 59.430.000 reis, sendo a produção do leite de 1.222.560 litros no valor de 48.992.400 reis, dá 24 litros por cabeça.

O Senhor Cardoso mostrava que muito se podia fazer em beneficio da raça augmentando o peso do animal que era de 250 kilos para os bons especimenes e a produção de leite que era de 1825 litros annuaes. Era de toda a conveniencia que a Junta continuasse com os bons trabalhos da Sociedade d'Agricultura no apuramento de raças por meio de cruzamentos. Para isso o Senhor Cardoso pedia á Junta o estabelecimento d'um posto zootecnico no campo d'experiencias junto ao mercado de gado de S. Gonçalo, e a compra de dois touros normandos reproductores.

A cultura dos pastos artificiaes com sementes importadas tambem era alvitrada á Junta para que desse auxilio ao lavrador no custeio da sementeira e na obtenção das sementes.

Alguns lavradores do Concelho de Ponta Delgada tinham com grandes resultados feito varios ensaios já. Consultado o Agronomo Districtal este indicou uma mistura de sementes do peso de 4.190 kilos para um alqueire de terra composta das seguintes forraçens:

Dactylis Glomerata.....	1.610 kilos	Panasco
Phleum pratense.....	0.325	-----
Agrostis dispar.....	0.320	-----
Solum perenne.....	1.285	Azevem
Trifolium repens.....	0.260	Trevo da Bretanha ou branco
Lotus Villorus.....	0.065	-----
Trifolium pratense.....	0.260	Trevo dos prados
Plantago Lanceolata.....	0.065	Tanchagem
	4.190	

(1) Eu não tenho estatísticas de consumo dos outros Concelhos da Ilha mas creio bem que o consumo deve ter augmentado em todos os Concelhos.

Os fornecimentos das pastagens artificiaes eram feitos com 20 % de desconto do preço da compra das sementes. Para isso a Junta abria uma inscrição aos lavradores que declaravam o numero de alqueires de terreno que queriam plantar de pastos artificiaes. As



Bezerro Normando

hervas vinham do estrangeiro porque tinha sido verdadeiramente a importação d'hervas de fóra da ilha a razão da criação dos serviços do provimento das sementes e adubos com o desconto.

A pequena variedade de pastagens obrigava os lavradores a mandarem os animais a voltas, o que lhes custava, segundo diz o Sr. Director dos serviços pecuarios, a 2.500 reis por cabeça. Parece que todos os annos para cima de 4.000 animais vão dos serrados de serra para os pastos da beira d'agua mudar d'alimentação e muitos gados da beira már veem tambem para a serra. O gosto das duas hervas é bem differente sendo as da beira már salgadas e portanto a mudança muito apreciada dos animais.

Em cada Concelho fóra o de Ponta Delgada se deveria fazer o cultivo d'estas hervas para prado permanente em dois alqueires de terra, e para isso a quantidade de sementes foi de 41.900 kilogrammas de peso

ao preço de 17.284 reis, sendo empregada uma tonelada d'escorias de desphosphoração para adubo, contando cal, cujo preço foi de 27.000 reis.

Estavam estabelecidos os principios que formariam mais tarde a base de toda a politica agraria da Junta Geral do Districto e em prol do melhoramento das raças dos animais cujas creações servem d'alimento ás populações. Já então findára a sua missão a Sociedade d'Avicultura cujo fim tinha sido esse mesmo melhoramento de raças d'aves, e a propagação de creações.

Logo no primeiro mez de 1905 foram compradas as sementes. O Senhor José Canavarro de Faria e Maia que ia representar o Districto no Congresso de Lisboa dos lacticínios expoz todos os projectos em execução da Junta Geral de Ponta Delgada e tratou na Capital da obtenção de dois touros normandos e de dois carneiros de raça ingleza do Hampshiredown. Fazendo immediatamente para si a aquisição de dois merinos hespanhoes, o Senhor Canavarro offereceu-os á Junta com uma dedicação pelos interesses collectivos do Districto que elle sempre mostrou no desempenho das suas funções no decorrer da sua brilhante carreira e infelizmente tão curta.

Em 1906 foram distribuidas as primeiras sementes para 30 alqueires de terra divididas pelos diferentes Concelhos nos seguintes lotes de terrenos: Ponta Delgada—7 alqueires, Lagôa—13 alqueires, Villa Franca—5 alqueires, Ribeira grande—3 alqueires, Povoação—2 alqueires.



Bezerro Normando das creações do Senhor Eugenio da Canara

Na Ilha o Senhor José Pedro de Jesus Cardoso continuava na sua campanha em favor dos creadores e lavradores mostrando á Junta a oportunidade de negociar com as carreiras de navegação a passagem de gado para Lisboa por 3 mil reis por cabeça.

Os effeitos da actividade dos dois directores dos serviços pecuarios e agricolas não se fizeram esperar muito. No vapor «Funchal» da Empresa Insulana de julho de 1907 chegaram os carneiros inglezes e os touros normandos.

A estabelagem dos animais ia ser feita pela fórma ambulante como organisára a Sociedade d'Agricultura para os seus reproductores; conforme as requisições que fossem apresentadas á Junta Geral pelos lavradores assim

se iriam estabelando os animais. O Senhor Manuel Cordeiro á Grotnha dos Arrifes e o Senhor José Moniz Feijó ao Livramento ficaram com os touros; os Srs. Dr. Diniz Moreira da Motta ao Termo da Lagôa e Antonio José Canavarro de Vasconcellos á Carreira da Fajá de Cima tomaram os carneiros.

Os lavradores estavam trabalhando e d'ahi a bôa actividade dos dois Directores dos serviços administrativos; e pelo quadro que se segue o leitor avaliará do augmento que teve no Concelho de Ponta Delgada a exportação para Lisboa de gado bovino e os valores que essa exportação representa.

Exportação d'animaes para Lisboa

Annos	Bovino — Cabeças	Valor medio por cabeça em
1864—65	50	1864—65 —40 mil reis
1908	110	1908 —64 mil reis
1910	105	
1911	125	
1912	144	
1913	386	
1916	527	1916 —80 mil reis

Por isso o Senhor José Canavarro pedia á Junta em 1910 que se estendessem os reproductores a todos os Concelhos; já em novembro de 1907 o Senhor Canavarro pedia que os agricultores beneficiassem dos adubos chimicos já que beneficiavam nas sementes para pastos artificiaes.

Rapido foi em todos os sentidos o incremento que tomaram os serviços prestados á agricultura e á pecuaria. Os lavradores reconheceram a utilidade d'elles e aproveitaram-se d'elles.

A sementeira em 1910 foi para 450 alqueires. Em 1913, 21 lavradores beneficiavam dos prados artificiaes em que empregaram 333,500 reis de semente e 280 mil \$15 reis de adubo chimico; e no anno de 1914 a sementeira era de 696 alqueires custando 1.660.000 reis e comprehendendo uma tonelada e meia de semente. Os prados estavam então a serem obtidos com a luzerna da Provença, a Sulla ou sanfeno d'Hespanha, e com opuncia (ficus indica): todas hervas d'importação estrangeira. Os resultados manifestaram-se sobretudo nas quatro enterites de caracter vertiginoso que atacavam os gados e que o Snr. Intendente de Pecuaria attribuia ao abuso do tremoço, esplendida forragem mas que deve ser alternada na comida dos gados porque a sua natureza stringente que forma a sua constituição é lhes prejudicial. Alem da variedade de comida que vinham offerecer aos animaes, as forragens d'importação levaram muitos lavradores a desbravar os terrenos dos mattos.

Era a novidade; e a utilidade ligada a ella enthusiasmo muito agricultor.

Os novos prados se não produziam abundantes hervas como o tremoço (com excepção para a luzerna) despertavam nos animaes mais appetite e elles comiam com mais vontade. Não é facil avaliar o peso dos animaes em media pelas estatísticas fornecidas á imprensa pela direcção do matadouro municipal porque ás vezes nem toda a carne é fornecida aos talhos e pode não haver especialisação d'ella nos boletins. E depois, tambem nunca são muito regulares as estatísticas dos consumos quando se vae a procurar a media dos pesos dos animaes. Assim no Matadouro Municipal de Lisboa a media do peso dos animaes bovinos mortos (media extrahida dos adultos) foi de 264 em 1905, foi em 1911 de 260,6, kilos, em 1916 foi de 249,3 kilos e em 1900 foi de 258,7 kilos. Nas estatísticas do matadouro municipal não se descreve o animal adulto do animal adolescente e a média é muito mais baixa. Vamos citar 4 annos de media dos pesos dos animaes abatidos na Nordela para o leitor poder apreciar a sensivel differença que se tem dado no peso medio do nosso gado michaelense.

Annos	Animaes	Peso	Media
1909	1334	196.847 kilos	ks. gr. 147,505
1912	2731	397.166 »	175,428
1913	2417	342.080 »	141,488
1916	2522	378.135 »	147,562

Mas voltando á historia dos prados artificiaes e aos animaes reproductores vindos do estrangeiro para os cruzamentos com as raças ilhóas, os seus resultados em presença das opiniões dos lavradores.

determinaram o Governo em 1914 a crear um posto zootechnico como já fizera para certos districtos dotando-os com 1.500.000 reis annuaes destinados á sua manutenção e desenvolvimento.

O decreto que creou o posto data de 29 de junho do anno e intimava a constituição d'uma direcção para determinar o funcionamento d'elle. O Senhor Intendente de Pecuaría dirigiu-se a duas pessoas competíssimas, um é o actual Regente Agricola o Senhor Luiz Borges Bicudo tão conhecedor do meio agricola e tão proficiente nos processos da sua arte; o outro é o Senhor Eugenio da Camara, hoje o mais notavel cultivador pelos seus trabalhos d'arroteamento da Achada das Furnas.

Para completar a obra do Snr. Eugenio da Camara a Junta Geral do Districto devia pôr em execução o que em 1849 os procuradores d'essa epocha trataram pôr em pratica. A proposta que foi do Senhor José de Bettencourt Rebello Borges depois de approvada na generalidade foi entregue a uma commissão da qual faziam parte os Senhores André Manuel Alvares Cabral, João Silverio Vaz Pacheco de Castro, o Doutor Augusto Machado de Faria e Maia e o auctor. Depois de discutida na reunião de 28 de novembro foi resolvido incluir na Consulta ao Governo como era costume dirigir no fim da epocha das sessões. O plano d'essa proposta era conceder regalias de contribuições e impostos por muitos annos aos individuos que se estabelecessem na Achada e construissem alli casas de residencia. Da formação d'uma aldeia dependia o arroteamento dos mattos que seriam arrendados aos habitantes por preços convidativos.



Serrado na Lavoira dos Feitos de Vera Cruz do Senhor Francisco do Couto Bettencourt

O Senhor Eugenio da Camara tem largos tractos arroteados e continua no trabalho. Possuidor d'uma boa manada, e fabricante de manteiga, ninguem melhor do que elle conhece a lavoura da sua terra.

O Senhor José Pedro de Jesus Cardoso não podia recorrer a pessoas de mais competencia para dirigir o posto zootechnico e assegurar-lhe o melhor futuro. O posto zootechnico está destinado a ter influencias definitivas no apuramento da pecuaría districtal.

O posto hippico que o Senhor Intendente da Pecuaría tem como o grande factor do melhoramento das raças muar e cavallar no Districto é bem o exemplo que não admittre duvida a que do tão preconisado Posto Zootechnico pelo activo veterinario se obterá muito brevemente resultados mais positivos d'aquelles que se obtiveram até hoje com os animaes reproductores estabeledos em lavoi-

ras particulares beneficiando parcialmente os gados.

No quadro que transcrevemos nota-se uma sensível progressão no consumo; no peso, as alternativas dos diferentes annos não marcam augmentos. A razão é a mesma talvez, em parte, a que já citamos quando fizemos referencia ao gado bovino, mas ha tambem a attender que a engorda dos porcos da genuína raça michaelense muito pretos, de sedas hirsutas e mal semeadas, orelhas pendentes, lombo arqueado, de formas excessivamente agigantadas, no typo do velho porco normando, que davam grandes pesos tem sido posta de parte e substituida pelas do cruzamento com os porcos inglezes de pequenas dimensões que segundo a opinião corrente são animaes que engordam mais depressa e produzem mais banhas.

O gado lanigero, quanto a sua população e consumo, tem soffido as seguintes modificações atravez os tempos.

População no Districto

Annos	Lan.
Em 1815—	18.000 (lan. e cap. reunidos)
Em 1852—	20.320
Em 1862—	14.203
Em 1870—	17.375 seu valor 10.010.103 reis
Em 1906—	20.855 seu valor 18.096.335 reis

Consumo no Concelho de Ponta Delgada

Annos	Animaes	Carne limpa
1862	525	7619
1910	372	10.102
1916	862	10.197

O Gado Caprino aprecia-se no quadro abaixo,

População no Districto desde 1815

Annos	Numero d'animaes	Valor (valores servidos e reunidos)
1815	18,090	(cabras e carneiros reunidos)
1852	14,927	6,500,000 reis
1862	8,768	5,000,000 reis
1870	10,277	10,000,000 reis
1906	12,931	18,000,000 reis

Consumo de carne de porco no Concelho de Ponta Delgada

Annos	Numero d'animaes	Carne limpa	Media de peso
1910	868	82,256	94,76
1911	909	89,283	98,22
1912	10,956	97,186	92
1913	814	89,455	98,84
1916	1,249	117,952	94,43

Quanto ao consumo de gado caprino foi sempre escasso e não figura nas estatísticas; só em 1913 o Director dos Serviços Pecuários incluiu 5 cabeças com o peso de 70 kilos.

População porcina do Districto desde 1815

Annos	Animaes	Valores
1815	59,000	100,000,000 reis
1852	25,383	65,000,000 reis
1862	31,234	109,319,000 reis
1870	20,526	100,193,210 reis
1911	27,830	126,900,000 reis

Os trabalhos d'apuramento de raças mereceram ao Senhor José Pedro Jesus Cardoso a melhor parte da sua atenção e actividade. A acção da Sociedade d'Agricultura manifesta-se bem no sensível augmento que se verifica no gado bovino no Districto desde 1893 para cá. Os creadores e lavradores não foram indifferentes aos trabalhos da Sociedade. Se o peso medio do animal não augmentou progressivamente augmentou de facto como já o mostrei no quadro estatístico atraz. O uso dos sillos segundo o Senhor Cardoso devia completar o uso das voltas e dos pastos artificiaes. Sem os sillos que no inverno e no verão enchem as mangedouras dos animaes de boa e forte herva que durante os mezes da abundancia vão sendo acamados em reservatorios adequados acompanhados de camadas de sal e conservados assim mais frescos do que a folha da gavella empilhada a secco nos cañuões; sem os sillos não se pode realizar uma vasta engorda. O Senhor Cardoso não confia apenas nas nossas forragens alimentares de reconhecidas qualidades pagem, como são o tremoço, o trevo, a ortiga (a ortiga é fermentada em meia cozedura), o pastel, a lentilha, a herva do matto, etc.

E' possível tambem que os reccios do creador, (reccios que se verificam na falta absoluta de industrias que tratam exclusivamente d'essa industria quasi todos exercendo-a conjuntamente com a lavoura), venham das grandes despesas que a industria impõe as quaes não são recompensadas como deveriam pelo preço que obtem os animaes nos mercados.

Actualmente o preço medio entre o gado adulto e o adolescente é de oitenta mil reis a cabeça segundo a declaração do Senhor Intendente da Pecuaria Districtal, e se encarmos a exportação que é um grande factor da riqueza para a industria nós vemos que o frete para cada animal é de 36,250 reis e que as latas de manteiga pagam 39 mil reis o metro cubico.

Compensarão a elevação dos preços nos mercados de Lisboa para 1,000 reis o kilo o preço da carne e 1,500 o kilo da manteiga.?

Todos os michaelenses se devem compenetrar que ás industrias das creações de gado da lavoura e dos lactimios está ligada a riqueza publica, e a Junta Geral do Districto mais que toda a gente, já pelo que tem trabalhado ja pelos vastos serviços que lhe estão abertos, avalia os trabalhos n'esse sentido que pode auxiliar com o desenvolvimento da politica agraria.

A Junta Geral deve subsidiar o actual posto zootecnico creado pelo decreto de 29 de junho de 1914 para o qual o Governo dá um subsidio de 1,500,000 reis.

E' com esse subsidio que se poderá prestar homenagem a lavoura da Ilha de S. Miguel. Desde que os cubos chimicos vieram promovidos pelo commercio e fiscalizados pelos delegados agricolas nos Districtos, aompostos sob bases scientificas, supplantar os adubos vegetaes e animaes, as lavouras ficaram na segun-

da plana das necessidades da agricultura. Como no Districto nunca foi organizada uma empresa de preparação de adubos e guanos para o aprovisionamento dos agricultores, estes foram lançar mão dos adubos chimicos já preparados nas fabricas do Continente e que eram vendidos em saccas pelas casas commercias da Ilha.

O adubo chimico é um producto d'origem allemã o qual, apesar das discussões a que deu lugar sobre a utilidade do seu uso em França e por todos os outros paizes zonde as tradições aconselhavam o emprego dos velhos adubos vegetaes e animaes generalizou-se por todo o mundo. Varias circumstancias concorreram para essa generalisação.

Em 1843 e 1844 nos Estados Unidos da America e pelo Canadá appareceram nos batataes uma doença que no verão de 45 invadia as culturas do Centro e Norte da Europa com a mesma intensidade e gravidade. A Irlanda, cuja riqueza agraria provinha da cultura d'aveia e de batata soffreu tal vez de dez annos depois o recenseamento da população de 8 milhões d'habitantes apenas accusou 6 milhões, a emigração proveniente da pobreza, a mortandade provocada pela fome e pelo mal estar da vida, tinham levado á desolação constantemente crescente uma Ilha prospera e fecunda. As folhas da planta da batata começavam a amarellecer e a ennodarem-se de manchas pretas que a breve trecho passavam para a haste. A alimentação da planta deixava de ser regular e o tuberculo cobria-se tambem de manchas pretas e essas manchas, sobre a epiderme alastravam a corrupção á massa no interior em forma de espigão e depois ao resto da batata que ficava óca e inutilizada.

Durante muitos annos a doença que na America fóra conhecida por *casagui* e na Europa por *gangrena escura ou humida*, alastrou por toda a parte, ameaçando de ruina os cultivadores, assustando as populações e preocupando os homens de sciencia. Todos trabalhavam por tentativas e por experiencias para darem cabo da molestia. Durante vinte annos se combatheu a doença, cuja origem foi determinada na creação d'um cogumelo microscopico designado pelo nome de *b-trytis infestans*: Este cogumelo logo que a temperatura baixava mais começava a apparecer dando lugar ao desenvolvimento de certos tecidos que ao mesmo tempo que cresciam acompanhavam o parasita na sugação da polpa das batatas.

Estava então o sabio Barão Justus de Liebig a estudar os processos praticos de restituir á terra os elementos que as diferentes culturas lhe tiravam, sem recorrer á lavoura ou aos adubos vegetaes ou animaes ou guanos. Liebig reconhecendo e tendo mesmo por principio basico que o adubo era a vida da agricultura collocou toda a idéia de produção na rectificação dos terrenos.

As leguminosas que absorviam muita cal, era preciso dar-lhes cal, aos cereaes que requeriam azote para o seu crescimento era necessario fornecer-lhes azote. A velha usança agricola dos adubos aceite por todos como indispensavel era explicada pelos agronomos, pelos cultivadores e pelos chimicos por formas diferentes mas uma grande maioria adoptava o systema de applicação Liebig. Assim o Dr. Ferreira Lapa que em Portugal se notabilisava pelos estudos de chimica agricola tinha a forma seguinte para base dos resultados das experiencias: é preciso materia a transformar para se produzir. Os seus estudos de laboratorio foram utilissimos para a agricultura.

Uma das experiencias que ajudou a propagação e o triumpho dos adubos chimicos foi a exercida na doença da batata por Ville em França.

O adubo que vulgarmente secco (analyse Boussingault, da epocha), continha 65,80 partes de carbone, hydrogenio e oxigenio, 2 d'azote e 32, 20 de cinzas mineraes, soffria na sua contextura vulgar, insignificantes modificações; porem com a applicação dos elementos separados e fornecidos conforme a natureza das plantas, os resultados obtidos foram semelhantes aos que exerce o opio ou a morphina na imaginação das pessoas; prodigrosos. Não se constatando effeitos prejudiciaes nas plantas como infundem nos individuos estes narcoticos, a generalisação do seu uso foi rapida, havendo a faculdade de se dosar as quantidades do elemento necessario para a pessoa que o fornecia á terra que se achava plantada ou semeada.



1. sangue normando n'um curral ao ar livre da granja do Lameiro

Ville fez ensaios nos batataes e constatou o que Liebig publicára nas «leis naturaes da agricultura» sobre a cultura que o seu elemento essencial era a potassa. Tratando as terras com potassa não só os resultados obtidos eram excellentes mas o crescimento das plantas e dos tuberculos dando-se naturalmente sem esforço, provocou o robustecimento dos batataes e conjuntamente o desaparecimento da gangrena. Estavam salvos os batataes; e com a saude dos batataes estava lançado o padrão de reclame pelo mundo fóra da applicação dos adubos artificiaes ou chimicos. E se acrescentarmos que não tardava muito que se descobrissem as celebres minas de potassa de Stassfurt proximo de Magdeburgo na Prussia, teremos creio que completado o rol das materias que concorreram para o combate da doenca dos batataes e para uma das grandes revoluções que soffreu a agricultura na sua historia.

A experiencia de Liebig feita no jardim botanico de Munich consistiu em plantar a mesma quantidade de batatas com o mesmo peso na mesma quantidade de terra em trez caixas sómente com terras preparadas differentemente: uma era de turfa pura; a 2.^a de turfa com 863 grammas de phosphato de ammoniaco, 383 de sulfato de ammoniaco e 378 de carbonato de ammoniaco; a 3.^a tinha na turfa 600 grammas de phosphato de soda, 250 de phosphato de potassa, 790 de carbonato de potassa e 500 de gesso. A quantidade de terra era de 720 litros pesando 238 kilogrammas para cada caixa que media 150 centimetros de comprimento por 50 de largo e 45 de profundidade.

Os resultados da cultura para a produção da batata foram os seguintes:

	Turfa pura	Turfa e ammoniaco	Turfa e potassa
Grammas	2.520	3.062	7.201
Relação	100	121	285
Peso da semente	7,6	9,7	21,7

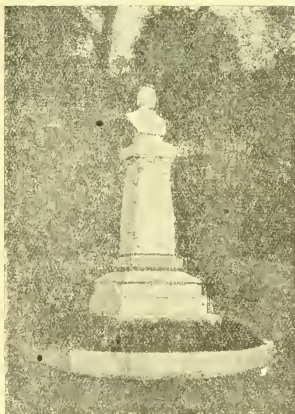
A colheita por hectare seria de 14.000, 17.011 e 40.006 kilos.

Logo na experiencia foi constatado pelo Barão de Liebig que as batatas da terceira caixa da cultura com potassa foram as unicas que escaparam á gangrena.

Em 1868 o problema em estudo pelos amigos da Agricultura e pelos chimicos já não era o da demonstração pratica da efficacia do emprego dos elementos productores na agricultura mas sim o da busca e composição d'esses elementos para o seu emprego.

Em Portugal Ferreira Lapa e C. S. Luz preconisavam a obtenção da potassa pelas salinas como fazia o industrial Balard em França, que obtinha esses saes e magnesia das aguas mães das salinas. Os velhos processos d'obtenção de potassa pelas cinzas dos vegetaes não podiam servir para a potassa a empregar na agricultura porque tornariam os trabalhos excessivamente caros. As minas de Stassfurt baratearam a venda da potassa mas os transportes a grande distancia para paizes estrangeiros ainda oneravam os saes; d'ahi as tentativas de Balard e a propaganda de Lapa e de Luz em Portugal.

A forma preconisada era simples. As aguas ao deixarem depositadas nos taboleiros das salinas o sal, ao retirarem-se, o que era feito quando o areometro marcava 28 g.^o, deslisavam para outro taboleiro igual ao primeiro ficando expostos á evaporação até atingirem um grau de concentração correspondente a 32° do areometro; os saes ahi depositados teriam a composição do chloreto de sodio e sulfato de magnesia com os quaes se poderiam fabricar o sulfato de sodio, passando a agua para um terceiro taboleiro e soffrendo a concentração igual a 36.° do areometro ficava ahi depositado outro sal que é o sulfato dobrado de potassa e magnesia e cuja composição é equal a 45 por cento de sulfato de potassa puro ou 29 por cento de potassa; a agua d'esse taboleiro dava duas doses de saes, a questão era depois da primeira extracção conservar ainda a agua para outro deposito. Os saes de potassa das salinas tinham a vantagem para a agricultura de



Monumento a Ferreira Lapa erecto no aldio da Tapada d'Ajuda por occasião da inauguração do Edificio do Instituto Superior d'Agronomia em 18 de Novembro de 1917

serem, devido á percentagem da magnesia, os mais apreciados para o crescimento das plantas e sobre-

tudo dos cereaes, a sua percentagem de potassa que era como já vimos de 20 por cento no sal das salinas, nos saes das minas de Stassfurt era apenas de 10 por cento. O resultado dos trabalhos de Liebig foram que, em menos de trinta annos, estava a Europa semeada de fabricas de adubos chimicos que se tinham tornado os grandes auxiliares da agricultura; eram os phosphatos, os nitratos, os calcareos, os amoniacos, as potassas etc: a industria estavam ligados os operarios, os materiaes e o pessoal de condução, os serviços de transportes, e os capitães destinados á compra de machinas que rodavam por milhares de contos de reis em Portugal. O consumo succedeu-se com rapidez ao fabrico e o contra-tempo que soffreu na sua marcha foi apenas a falsificação que os Governos, as Camaras Legislativas, as corporações districtaes e municipaes tentaram combater garantindo o cultivador e estabelecendo o controlo por meio das analyses elaboradas nos laboratorios e facultadas ás delegações agricolas.

A necessidade das lavoiras diminuiu porque muitos serviços agricolas antes executados com o auxilio de animais passaram a ser feitos por machinas, e as creações de gado que eram os resultados das lavoiras, muitas vezes, tambem se tornaram uma industria secundaria na vida rural. A agricultura, com a industria dos adubos chimicos, em vez de ser a auxiliar das creações dos gados, dos quaes por sua vez, se tornaria dependente a riqueza agricola, foi inutilisada por ella. E contudo não só os bons principios de economia agraria aconselham as lavoiras na industria agricola como a propria sciencia agricola discute a superioridade dos effeitos da produção entre os adubos naturaes e os adubos chimicos. O velho uso do emprego dos adubos em nada podia soffrer, quanto á sua positiva efficacia, e as novas praticas do adubo chimico vieram chamar explicações e argumentos para provar que centenas de seculos de experiencia não se podiam alterar em meia duzia d'annos como demonstrações que apenas provavam que os novos processos d'enriquecimento do solo não eram mais do que variantes e melhoramentos do emprego dos esterco. Novas theorias o provaram; a recente sobre o desenvolvimento da *bacteria*, base de todo o calcareo e amoniacco fornecido e desenvolvido no terreno, era certamente a mais interessante. O chimico e agronomo Bathomley em Inglaterra tornou-se o pioneiro d'esses estudos para a demonstração da utilidade do adubo animal ou vegetal nos terrenos.

Historicamente está demonstrado que as boas produções antigas do principio do seculo XIX ou mesmo as do seculo XVI obtidas por experimentados agricultores não são ofuscadas pelas produções do mais scientista dos modernos agronomos; emquanto que os lucros das presentes populações agrarias ficam certamente áquem dos que auferiam as dos meiaços do seculo passado que levantaram nas aldeias as igrejas e outros monumentos, que alargaram os seus modos de vida pacos, e tornaram as suas casas muito mais confortaveis apezar da constante progressão da carestia da vida.

E no entanto a actividade das aldeias foi uma pallida civilisação comparada com a actividade das grandes cidades no que respeitava os seus interesses ruraes. Basta dizer que no decorrer de seculos os instrumentos agrarios não oferecem a menor alteração para com elles obter mais trabalho ou mais rendimento. A preoccupação no tempo nunca teve a menor influencia no espirito de economia e de moral das populações, e as mesmas produções, o mesmo esforço, as mesmas horas continuaram a ser empregadas para resultados absolutamente identicos aos anteriores, seni que qualquer alteração se impuzesse aos olhos d'ellas.

O progresso agricola que devia-se ter dado no decorrer do ultimo meio seculo n'uma progressão geometrica, apenas augmentou n'uma progressão arithmetica e esse progresso agricola não só comprehende propriamente a agricultura dos cereaes e dos generos de consumo diario que servem a alimentação publica, como a pomicultura, toda a horticultura e a arboricultura em geral.

Na pomicultura que preocupa muito e com razão a Imprensa de Ponta Delgada pois que d'ella já retirou a população do Districto um enorme proveito do seu grande trabalho, actividade e intelligencia promovendo e sustentando durante meio seculo uma intensa exportação de laranja para os principaes mercados da Europa, e que hoje se acha completamente supprimida, tendo-se abandonado a arte do cultivo intensivo, os mercados e os meios de transporte para esses mercados.

Não é com simples tratamento de limpeza d'arvores e pulverisação com insecticidas e fungicidas que se recolhe uma boa produção de fructos todos os annos.

A receita executa-se regularmente quando o pomicultor tem o seu pomar tratado e plantado d'arvores escolhidas. E para se tornar um pomar saudavel e cheio de bellas especies é necessario proceder a uma infinidade de trabalhos que as fumigações e as limpezas e podas nas arvores nunca podem dar.

Põe-se portanto a questão principal da maneira seguinte. Como obter bons especimens fructiferos? De envolta d'ella é que se procederá a todos os trabalhos que traão a riqueza ao pomar ou á quinta, o resto é um simples trabalho d'inspecção pondo em execução de quando em quando, algum tratamento, e no momento da apanha da fructa ter as reservas necessarias com ella para não se dar o que é muito caracteristico dar-se com as asperas, cujos fructos indiscutivelmente soberbos, ás vezes em tamanho e maturação, mas que chegam aos mercados todos maculados por serem mal apanhados na arvore e ainda

peor transportados das quintas para os lugares de venda em ceirões ou cestos acogulados vindo os fructos comprimidos uns contra os outros magoando-se e apparecendo todos cobertos de nodos pretas.

Evidentemente que a fructa deve ser apanhada com foices bem afiadas ou thescuras especies, presas no cimo d'um pau que abrem e fecham com a pressão d'uma corda e debaixo das quaes a meio metro se colloca um cesto com palha ou farello para receber a fructa que cae. Alem d'isso todos os cestos que deverão receber a fructa até ao estabelecimento devem estar mais ou menos preparados com palha ou farello.

O vendedor naturalmente que se dedica á apresentação da fructa no estabelecimento fará as seleções necessarias para que as melhores especies sejam separadas das piores, os bons fructos não se misturem com os mais pequenos ou imperfeitos.

Mas estes pequenos cuidados com os fructos fazem parte d'um outro mister que nós não pretendemos criticar; nós queremos simplesmente referir-nos á parte pomicultura que é uma tão complexa arte e sobre a qual se tem escripto tantos tratados e se tem executado milhares d'experiencias, e se tem obtido novidades sem conto.

Procedamos por ordem:

Em primeiro lugar *temos as sementeiras*: A sementeira deve ser feita com sementes de productos saos e escolhidos como forma, tamanho, e como qualidade e ellas mesmo escolhidas da mesma forma como foram seleccionados os fructos.

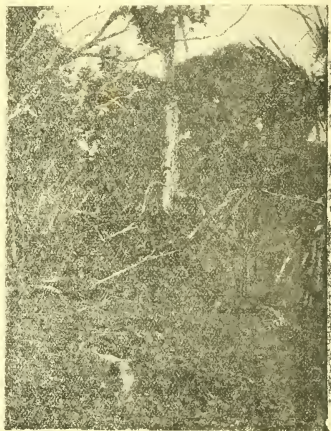
Temos depois os enxertos que devem ser feitos em cavallos da mesma especie e se possível fôr do mesmo typo ou da mesma arvore d'onde provem o enxerto. Ha uma theoria sobre os enxertos que toma o cavallo como simplesmente transmissor da seiva vivificadora á planta sem ter n'ella a menor influencia sobre as qualidades que a caracterizam e distinguem. O cavallo é forte, o enxerto vingará e a futura arvore será uma arvore vigorosa. Quando a gumose entrou nos laranjaes da Ilha no decorrer de todo o seculo passado os proprietarios de quintas e os quinteiros lançaram mão para os enxertos, dos cavallos de laranja azeda ou bigaradia, muito usada pelos italianos e pelos francezes, que no dizer dos pomicultores eram cavallos fortes, e o uso generalisou-se. O resultado foi nunca a gumose desaparecer e a laranjeira ficar reduzida a um typo de laranja infesada, acida e descorada na maioria.

O que se diz para os cavallos pode-se dizer para as creanças. Para ellas serem robustas é dar-lhes uma boa ama, saudavel, forte, de bom leite. Mas se quando a creança não precisa mais ser alimentada pelo leite da ama ou da mãe se ninguem que tiver a instrucção e a educação exigidas para ensinar não tomar de futuro a ascendencia á creança como é que ella formará o seu espirito recto, elevado e esclarecido junto da pobre e boa mulher que lê por uma forma atribulada e que mal sabe discorrer sobre os seus deveres de servical?

Não; o cavallo não é tudo para o exito como a ama não completa só por si a educação d'um infante.

As podas que veem em terceiro lugar devem obedecer ao principio da fructificação regular attendendo á qualidade da fructa. Deixar muita fructa absorverem muitos ramos a seiva é tornar a arvore muito productora mas em prejuizo da sua saude e da terra que a alimenta. A arvore deve ser podada reduzindo-se a copa a uma pequena altura (é mesmo conveniente isso para a abrigar dos ventos sujeitando-a á acção dos abrigos) e os ramos debastados para ao mesmo tempo que se deixa penetrar o sol e circular o ar, agrupar com poucas ramificações os fructos que nascem e desenvolvem-se absorvendo forte e saudavel alimento porque a seiva muito vigorosa terá poucos ramos a alimentar.

A cultura é simples nas nossas terras soltas e ricas d'humus onde o azote abunda. A's vezes a cal é necessaria para a rectificação do terreno e sobretudo para as desinfecções das raizes quando a arvore é atacada por insectos que se alimentam n'elles. Muita gente mesmo quando o inverno chega cavam em roda das arvores de fructo e arream-lhes as raizes dando-lhes n'essa occasião alguma cal para



Batata doce se cria por entre quinta; No Jardim Jacinto Cordeira

ellas absorverem juntamente com a terra nova que lhe deita. No verão também quando o calor chega ha quem cubra a terra ao redor do tronco quasi a meia distancia da linha da extremidade dos ramos da copa de palha de feijão ou milho ou milheiro com o intuito de quebrar a acção do sol e conservar a terra fraca e humida. Parece-me desnecessario tudo isso logo que a terra esteja forte; quando a terra leva uma cultura de tremçoço ou de batata doce; o tremçoço para lhe dar azote e a batata doce para refrescar a terra; então talvez seja necessario lancar-lhe uns bons cestos d'adubos de curral, ou de terra nova de resto não nos parece necessario tocar na terra.

A *plantação* deve ser submettida a uma orientação criteriosa. O cultivador intelligente e em grande escala não pretende só obter uma produção d'uma cesta de fructa.

Elle deve collectonar as castas, mas deve também fazer a experiencia constante e tentar obter pelo cruzamento a casta nova. Portanto o pomicultor de fructa deve reservar quartéis para certas castas e quartéis para castas misturadas. Assim como uma boa administração deve empregar capitaes em propriedade rustica e em propriedade urbana, titulos de renda segura, e especulações arriscadas, para dividir assim a sua fortuna por diversas fontes e não a tornar susceptível de soffrer um revez como acontece a um individuo que possui todos os seus rendimentos d'uma só origem, assim com bons pomicultores preserva uma casta de fructa d'onde colhe boa produção; mas não cessa de pensar em obter melhor do que tem, approximando as avoeres de fructa grada das avoeres de fructa miuda, as avoeres de fructa menos doce das avoeres de fructa mais doce, as plantas cujas fructas são defeituosas das plantas cujas fructas são perfeitas, tendo em vista sempre pela aproximação submettida a um plano para facilitar a fecundação e portanto a melhoria da especie.

Mas a fecundação pode ser provocada *pela hybridação artificial* e neste trabalho que o pomicultor tem o seu futuro pela forma mais positiva se se dedicar a elle com toda a paciencia e desvelo. De facto



Estufa no jardim Canto

se pelo enxerto se obtém uma fixação d'uma casta de fructa; se pela aproximação das plantas se provoca a fecundação natural e pelas sementes dos fructos fecundados um novo producto que a experiencia e as longas tentativas podem trazer uma qualidade nova; pela *hybridação artificial* o pomicultor não só pode conscientemente e prevendo approximadamente o que lhe surgirá d'uma sementeira, como leva as suas experiencias a calcular a especie de fructa nova que lhe pode trazer uma sementeira. Com numerosas tentativas e reflexionados ensaios o Senhor Busbank na America, o afamado horticultor, tem obtido especies de fructas novas estravagantes por meio de cobrimentos.

Evidentemente que estas hybridações são lentas e quasi sempre infructuosas.

Mas a *hybridação* dentro da mesma especie de planta e quasi sempre infructuosas.

Mas a *hybridação* dentro da mesma especie de planta e sobretudo dentro da mesma casta essa é natural e traz com regularidade e segurança bons resultados.

É preciso porem ter todo o cuidado na execução do trabalho. Hybridar não é corrente, apezar de no mercado se encontrar os apparatus que servem a pratica do *mislér* como são as thesouras pequenas e de laminas agudas princeisinhas. Para se hybridar com resultado deve-se com todo o cuidado colher nos estames d'uma planta o pollen fecundante que se levará ás carpellas da outra cortando-lhes os estames em volta para que o pollen não vá fecundar por outra vez (quando a flór é unisexual) as carpellas e annullar os efeitos da *hybridação artificial*.

O pomicultor deve viver no pomar, de resto o pomicultor que vive no reboço d'uma villa ou Cidade de provincia já não é pomicultor. O *verdedeiro pomicultor* é o individuo que vive no meio dos seus livros de registro e por entre as arvores da sua quinta, examinando o curso da vida das arvores, tratando dos seus males, plantando, podando, adubando; e trazendo para os seus livros de notas as observações diarias sobre o que se dá de anormal nas suas arvores de fructa, o que nota da meteorologia do dia, os enxertos que mandou fazer, as novas especies de que enriqueceu a quinta etc. E' sobre as annotações judiciosas e explicativas que elle orientará sempre a sua acção da ciencia pomicola.

Todas as plantas transplantadas melhoram ou peoram segundo as condições dos climas lhes são favoraveis ou desfavoraveis. Os portuguezes tiveram occasião, melhor do que nenhum povo, de constatar os efeitos das transplantações mas, como praticamente todos os cultivadores d'um paiz o observam, co-

mo nas regiões dos diferentes paizes e de diferentes Continentes, viajantes, exploradores, e colonisadores, os seculos XV, XVI e XVII foram proficuos n'esses estudos de adaptações. A flora da India foi transplantada para Portugal, Ilhas e America e o mesmo aconteceu com a flora africana e brasileira. O jardim botanico e collecções que existiam nos fins do seculo XVIII na Ajuda e que foram mutiladas pelas invasões francezas eram uma prova demonstrativa e instructiva dessa acção interessante dos portuguezes, aos quaes se ajuntam os trabalhos n'essa epocha de Brotero e de Accursio das Neves e José Corrêa da Serra moldados nos classicos do tempo Couto e Barros, Gaspar Corrêa, Azurara e Gabriel Soares.

A utilidade da experiencia impõe-se a qualquer cultivador. A importação da semente, depois a constatação dos efeitos da germinação no local, a escolha d'esse local, forçar a cultura, vendo se os efeitos do clima novo permitem á semente germinar e desenvolver a planta n'uma terra inferior, á sombra, sem cuidados etc., nas mesmas condições em que ella se criava no clima primitivo.

Todas estas pequenas experiencias é que fazem d'um cultivador um homem scientifico.

* Na Suecia o trigo só se mantinha sem definhamento quando era importado do norte da Russia da localidade situada mais proximo do polo do que a localidade sueca, só portanto uma pequena extensão de territorio russo fornecia a sementeira áquelle paiz, todo o outro trigo definhava. Foi fundado um instituto com o concurso do Estado e h'je depois de aturadas experiencias por culturas estudadas em que a selecção da semente e a escolha das castas forniam a base dos estudos, os suecos conseguiram produzir dentro da Suecia trigo para fazer sem definhamento as culturas annuaes.

Já tratamos da selecção das sementes atraz e agóra fallaremos das produções seleccionadas por meio da introdução das sementes.

Os Srs. José do Canto e José Jacome Corrêa e Antonio Borges que fizeram d'essa introdução um vasto estudo que hoje qualquer botanico constata deixaram uma enorme collecção das suas tentativas nos Jardins de Ponta Delgada.

Uma das boas collecções que existe são os Yuccas da America Central que aqui apresentam um lindo aspecto segundo o professor Trelease Director do Jardim de Missouri que se fez uma especialidade d'esses estudos e que os viu na America Central. A multiplicidade dos factores climatologicos que compoem o ambiente insular são de tal maneira variados, a composição geologica é tão fecunda que grande numero de especies se acclimatam. Desde o muguet da serra dos paizes irios á palmeira tropical quasi todas as plantas de estufa fria de qualquer paiz da Europa Central germinam e desenvolvem-se ao ar livre nos Açores. A terra da composição do solo é solta (azotada portanto) ferruginosa e essencialmente aluminada; quanto ao ambiente é humido e quente com um regular periodo chuvoso muito variavel em duração e epocha. Uma grande variedade de sementes encontra portanto no clima e na terra condições favoraveis á germinação, a questão é estudar os efeitos que ellas soffrem lançadas á terra na Ilha. Observou-se em França que o vinho dos vinhédos das regiões situadas para o norte melhoravam com a subida do vinho para uma região situada ainda mais ao norte, enquanto que os vinhos fabricados com as uvas dos vinhédos do sul melhoravam quando adégados em terras mais para o sul, ora com as sementes dá-se a mesma coisa, certas sementes vindo ou de este ou do oeste da America produzem melhor aqui, e outras vindo do norte ou do sul da Europa encontram mais favoraveis condições de germinação; com enxertos, alporques ou estacas dá-se o mesmo phenomeno de adaptação, mesmo que a mudança do clima comece por fazer soffrer a planta. Um habil cultivador ou horticultor não pode ignorar cstes principios de produção agricola e tem que mantel-os constantemente em exercicio. Estas bases positivas da produção a que se juntam principios immutaveis de economia agraria, são qual varinha magica da riqueza agricola. As bases economicas d'esses principios fundam-se na multiplicação do trabalho e na produção dos factores auxiliares do ramo d'exploração principal emprendimentos, com vantagem para o custo de cada um d'elles e garantia e beneficio para a collectividade, coasumidora e



Um trecho do jardim Canto

productora concretisando-se no seguinte axioma: pôr a produção a satisfazer necessidades crescentes da população em proveito dos seus interesses economicos e politicos.

Se a população do Districto de Ponta Delgada não tivesse em serviço da commodidade, abdicado de todo o trabalho necessario á fundação de fabricos d'adubos annexos ou separados de lavouras, ou ao emprego dos animais rectificadores dos terrenos, sem ter recurso á compra do adubo chimico importado; os resultados certamente muito superiores aos obtidos com esses adubos chimicos empregar-se-hiam com os obtidos na economia e na rodagem financeira do Districto; e hoje as lavouras estavam florescentes e com ellas as industrias dos lacticinios.



Um trecho do jardim Jacome Corria



Nota Pevia do Editor

El-Rei D. Affonso VI no Castello d'Angra

Manuscripto inédito de Menaldo Loman da Silva

Da bellissima collecção bibliographica, Canto, vamos dar á publicidade um interessante relato acompanhado de notas sobre a vida de D. Affonso VI emquanto residiu no Castello d'Angra, desde a chegada da caravella que trouxe o Rei e a sua comitiva ao porto em 1669 até que o Governo de D. Pedro II o mandou para Cintra em 1674 para lugar mais isolado e mais sob as vistas das auctoridades de Lisboa.

Este manuscripto é considerado pelos raros eruditos que tiveram occasião de o folhear uma preciosa historia que completa os escriptos celebres sobre a historia da epocha taes como «A Catastrophe», «A Anti-catastrophe», «As Monstruosidades do tempo e da fortuna», «D. Affonso VI», manuscripto publicado por Camillo Castello Branco, porque foi escripto pelo Padre Manoel Luiz Maldonado que por occasião da deportação de D. Afonso VI se achava Capellão do Castello de S. João Baptista nomeado annos antes pelo proprio soberano, e no exercicio de funcções alli, emquanto durou o doloroso captivo. O Padre Luiz Maldonado era natural da Villa da Praia, filho de lavradores apertados com gente nobre d'aquella Villa e de Angra dos Maldonados e Antonas.

Todos os seus estudos tinham sido feitos no collegio dos jesuitas aonde a familia o mettera em creança, gozando da melhor estima e uma especial predilecção, que lhe mereciam a sua intelligencia, a sua applicação e a sua bondade, do Padre Lourenço Rebello, e d'essa educação religioso-litteraria resultou um escriptor.

Dois manuscriptos importantes são conhecidos com o titulo de Phenix Angrense que estão na collecção bibliographica da casa Praia da Victoria: uma parte historica, d'onde foi extractada a historia de D. Affonso prisioneiro do Castello de S. João Baptista e a geneologia das familias nobres da Ilha Terceira de que existe copia na bibliotheca de Ponta Delgada, obras que estiveram primeiro na posse d'um professor de primeiras letras da Villa da Praia, Manuel Ferreira que foi sobrinho do Padre e herdeiro d'elle. Estavam nas mãos de José Francisco do Canto de Castro Pacheco comprando-os por sua morte por 40 mil reis na liquidação do casal do filho d'este Francisco do Canto (notas do Tabellião João Felix Ramos de 1 de Março de 1757). O Conde da Praia, Morgado Theotónio d'Ornellas Bruges Avila Paim quando em cinquenta e tantos andava Bernardino José de Senna Freitas nos Açores, na missão d'investigar por conta do Governo os bens religiosos, avalial-os e arrolal-os afim de se dar execução ás leis do Governo de D. Maria II, permittira-lhe copiar e dar publicidade a esta parte da Phenix Angrense que comprehendia um assumpto historico muito notavel para a Historia de D. Affonso VI, que Senna Freitas annotou com o interesse que sempre poz ao serviço d'estes estudos historicos que lhe deram a celebridade de que goza no mundo das letras, valorisando assim superiormente o trabalho; Senna Freitas, depois em S. Miguel em proseguimento á sua missão official encontrou-se com o Senhor José do Canto bibliophilo e erudito colleccionador de manuscriptos a quem o vendeu com as suas annotações.

O manuscripto lança clara luz sobre a psychologia d'essa curiosa creatura—que foi D. Affonso VI porque ao que se conhecia d'elle como creança, como principe herdeiro d'um throno na expectativa de assumir as responsabilidades do Governo, e depois em plena governação, na convivencia dos homens d'Estado, nos actos publicos e na politica interna e externa do Reino, como Rei, tem-se D. Affonso VI na intimidade sem outras preocupações que não fossem as de resgatar por qualquer forma os elos oppressores que o tinham acorrentado ao tragico isolamento prisioneiro em que se achava no Castello de S. João Baptista.

E' opinião historica corrente que D. Affonso VI emquanto residiu na Ilha Terceira não descurou ao preparar e organizar uma acção pessoal afim de reapposar-se dos seus direitos de soberano e retomar a direcção do Governo do Paiz como lhe competia na qualidade de filho mais velho de D. João IV e de D. Luiza de Gusmão depois do fallecimento em 1653 de D. Theodosio e foi essa a razão porque em 1674 de lá sahii para Cintra descobrindo-se n'essa occasião uma conspiração á frente da qual se achava Francisco de Mendonça dizendo-se que o Ministro de França Conde de Hermanes não era extranho ao caso. O plano consistia em sahir Francisco de Mendonça de Castella para a Ilha Terceira a bordo d'um navio e lá fazer assassinar o Sargento Mór Manuel Neves Leitão trazendo D. Affonso VI para Hespanha aonde o Soberano realisaria o seu consorcio com a Rainha viuva de Philippe IV e viria depois com ella assumir o Governo de Portugal.

D. Pedro que teve n'essa conspiração a sua vida ameaçada com a vida da Rainha e do Infante man-

dou a Pedro Jacques de Magalhães depois Conde de Fonte d'Arcada valoroso militar que estivera nos Açores por ocasião de voltar de Carthagenia aonde as auctoridades o tinham retido com o Conde de Castello Melhor depois da Restauração, buscal-o n'uma armada.

Foi em Paço d'Arcos que a 17 de Setembro de 1674 se dirigiu a buscal-o a bordo o Duque de Cadaval encontrando-o possesso, não querendo sair da nau por razão nenhuma. D. Affonso VI era dado a uns accessos que lhe vinham da sua infancia desle que um ataque de paralytia que lhe tomou a vista e o ouvido viera dominar por completo toda a educação e o desenvolvimento physico e moral.

Debil e susceptivel não reformou o individuo concentrado e com as reservas que exigiam para um Rei. D. Theodosio absorveu as maiores attenções da Côrte por ser o primogenito da familia e depois dos dez annos já era tarde para que a creança doente se restabelecesse por uma educação racional harmonizada com o seu grau de vontade e com os seus recursos physicos, apezar dos maiores desvelos e cuidados lhe terem sido dispensados por D. Luiza de Gusmão.

A principio, rapazes de maus costumes, de baixa estirpe, e sem instrução, gente da rua, attrahiam-no e elle jogava a pedra e divertia-se na sua companhia. Alguns deram mesmo entrada no Palacio como aconteceu com os italianos Antonio e João Conti filhos d'um commerciante genovez que armavam as suas tendas no pateo da Capella Real; depois foram os folguedos, de noite, á luz d'archotes, em que as rixas eram frequentes, e dos quaes D. Affonso voltava aggreddo; mais tarde, depois de casado, foi a má educação para o Governo do reino, deixando constantemente abrir o conflicto entre os seus Ministros, a Rainha e seu irmão D. Pedro provando uma manifesta incompetencia para as funções que exercia.

Os defeitos de caracter tornaram-se incompatíveis com a sua alta posição e influindo na marcha dos negocios publicos pesadamente em desfavor da côrte e da familia, foi violentamente subtrahido á sociedade e recluso por ordem do Infante que assumiu a corôa.

Eis em poucos traços quem foi D. Affonso VI cuja intellectualidade ainda é um problema como foi Luiz XI de França e Ricardo II d'Inglaterra. Para os escriptores do seculo XX que investigam na vida social para analysar a vida moral achar-lhe-hão attenuantes ás fraquezas de caracter, buscando-se as circumstancias do meio em que viveu.

Seja como fôr; os factos que muito por alto citamos dominaram toda a sua curta existencia e tiveram a influencia nas suas desgraças.

A geração d'aquelle tempo atravessou a maior crise por que passou a sociedade portugueza, sentindo os efeitos da inepecia d'uma administração que centralisava a orientação em Madrid, soffrendo os sustos e os receios de uma revolução em preparativo, lutando contra a longa crise que acompanhava a guerra e finalmente tendo que arrastar as consequências do acabrunhamento que deu lugar ao casamento da infanta D. Catharina com Carlos II d'Inglaterra que levou um pesado dote que comprehendia Tanger e Bombaim e os tratados com a Inglaterra que tiveram uma nefasta repercussão na industria nacional e na agricultura, permitindo aos inglezes a entrada das suas fazendas e augmentando a exportação do vinho para aquella paiz em prejuizo da cultura dos cereaes de panificação. Porem o relato que ali vae transcripto apresenta distinctamente a personalidade, bem insignificante, que foi a do Rei que tão brilhante cognome de Victorioso teve na Historia de Portugal, por ser o seu reinado cheio de victorias contra as armas de Castella, justificada tambem na vida de costumes, intima, passada em Angra e de que o Padre Manoel Luiz Maldoado nos deixou descripção no manuscrito da Phenix Angrense.

Da chegada d'El-Eei D. Affonso VI á Ilha Terceira

Pacificos em sua patria, no logro do melhor socêgo, alheios do mais extraordinario susto, se consideravam os angrenses; quando de repente, sem antecedencias de pretensão alguma, supportaram inquietos a confusa vinda d'um monarcha, que, lá da maior esphêra, se vinha incluir no breve espaço d'um tão pequeno e limitado territorio.

Sendo, pois, aos 17 de junho do anno de 1669 chegou á vista do porto d'Angra D. Francisco de Souza, marquez das Minas, conde do Prado, governador das armas da provincia do Minho, do conselho d'estado, e do da guerra, e embaixador extraordinario á santidade do Papa Clemente IX, com tres fragatas d'armada e uma caravela; e como almirante Luiz Velho (I).

No dia seguinte, 18 do mez, lançou a capitania ferro, em cujo tempo sahio do porto batel; e por hora se não disse mais do que—era armada que sahira a correr a costa; e a pouco tempo desembarcou em terra o doutor Antonio Velez Caldeira, secretario da embaixada, e juntamente o commissario geral da cavallaria, João Cardoso Pisarro.

Este logo que sahio a terra caminhou ao castello, com aviso do marquez, ao governador, Sebastião Corrêa de Lorvella.

Ficou na Alfadega, com o provedor da Fazenda, Agostinho Borges, o desenbasgador secretario

e como em semelhantes casos mais se inclina a diligencia dos curiosos, sollicitos todos, attendendo ao fim da novidade, a breve espaço se veiu a divulgar em como n'aquella armada estava embarcada a pessoa d'el-rei D. Afonso VI que vinha aposentar-se na ilha.

Em cujos termos perplexos, assustados e inquietos todos, considerando a machina de tanto peso tão limitado districto, temerosos e mais suspensos lhes confirmava o receio, o vago d'uma voz, que da gente da armada sahira, de como Inglaterra intentára os empenhos da custodia do mesmo rei.

Não obstante o aerieo d'este dizer, (ta que os angrenses não deram nenhum credito) não se fazendo de tudo o menor caso, nem sombras de repugnancia houve.

Occupavam n'este tempo os cargos de capitão-mór d'Angra, João de Bettencourt de Vasconcellos, moço fidalgo, cavalleiro da ordem de Christo, e commendador de Santa Maria de Tondella; do corregedor Bento Casado Jacome; do provedor das armadas Antonio do Canto e Castro, moço fidalgo, e cavalleiro da ordem de Christo, pensionario da commenda de Santa Maria de Proença; provedor da Fazenda, Agostinho Borges de Souza, fidalgo e cavalleiro da Ordem de Christo.

Serviam os lugares da Republica, de juizes ordinarios, Ignacio Tolledo de Souza; João de Teve de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro, de vereadores, Pedro de Castro do Canto, moço fidalgo; Manoel da Silva Moniz, moço fidalgo; e procurador do concelho Bernardo Cordeiro Espinosa.

Fez aviso, por carta, o marquez embaixador, ao senado da camara, insinuando-lhes ser necessario irem a bordo d'aquella sua nau, para effeito de se tratar d'um importantissimo particular de serviço de Sua Alteza: Em cumprimento do qual se embarcaram incorporadamente os referidos: E aceitos do marquez, com o mimo e urbanidade de favor, com que costumava tratar a todos cuja heroica virtude n' elle foi brasão; e tanto que com esta realçou n'aquelles maiores acertos, com que singularisou suas obras entre os heroes de maior nome.

E assim usando este excellent general da natural affabilidade e prudencia, lustrou entre todos manifestando-lhes de como Sua Alteza fôra servido, que a pessoa d'el-rei, seu irmão, estivesse retirado no Castello de S. João Baptista da ilha Terceira, por assim convir á quietidão do reino, e ser vontade do proprio rei; para o que fez presente ao Senado a carta seguinte.

Carta de Sua Alteza, o Infante regente, aos officiaes da Camara da cidade d'Angra

—Juizes, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra: Eu o Principe vos envio muito saudar. Sendo-me presentes os muitos achaques, que sempre padeceu, e agora padece a pessoa de meu irmão, e conhecer que pelo horror e escandalo, com que se acham os povos d'este reino, na lembrança do seu governo, não se achando d'esta parte lugar adonde, com algum allivio, pudesse segurar dignamente a sua pessoa; a cujo risco seria preciso que o expozesse a violencia, indignação, e a grave desordem com que vive, desejando achar meio com que pudesse, dispensar na reclusão, que se lhe julgou pelos Tres Estados do reino juntos em côrtes: Por todas estas razões, como pelas muitas que concorrem da larga, e grande experiencia que tenho da fé e zelo dos moradores dessa ilha, fui servido dispôr, que fosse meu irmão a viver n'ella, e que se aposentasse nas casas da fortaleza dessa cidade, assim por serem as mais capazes, como por concorrer no sitio todas as circumstancias que se requerem para a sua saúde, e para a auctoridade; tendo de mais d'estas qualidades o divertimento da caça, a que é inclinado, que não poderia lograr n'este reino, pelas razões referidas; e como tenha tão largo provado zelo, e grande fidelidade, com que sempre procedeu a nobreza e povo dessa ilha, espero se obrigarão, e estimarão, co-



Chegada da fragata em que veiu D. Afonso VI para Angra

(1808. Ilha a penna imitação de gravura do seculo XVII de Augusto Calral)

mo devem, o fazer d'elles tão larga confiança, mostrando como de acudiram e acodem sempre á conservação d'este reino, de que me acho com toda a satisfação, e desejo de os honrar e favorecer no geral e no particular,

—Ao Conde de Prado, dos meus conselhos d'estado e guerra, governador das armas da provincia d'Entre Douro e Minho, e meu embaixador extraordinario a Sua Santidade, entreguei a pessoa de meu irmão, para o levar e comboyar a essa ilha, e aposentarlo n'ella com aquella casa e serviço, que me-

pareceu conveniente. Pelos que vos ordeno e mando, que enquanto o dito Conde se detiver dessa banda, o obedeças em tudo o que vos ordenar da minha parte, cumprindo e guardando as suas ordens de palavra ou por escripto, tão pontualmente como se fossem dadas por mim.

E por que em sua ausencia Manoel Nunes Leitão, sargento-mór de batallia, que tenho nomeado governador do Castello de São João Baptista dessa ilha ha-de ficar governando a casa e pessoa de meu irmão, lhe assistireis em tudo e por tudo o que vos representar, dando inteira fé e credito a quanto vos disser da minha parte. Escripção em Lisboa a 25 de maio de 1669—*Príncipe*—Para a Camara da cidade d'Angra (2).

Além d'esta carta, tão cheia dos particulares favores, que n'ella se contem, apresentou o conde a seguinte:

Carta de Sua Alteza para o Conde Embaixador, D. Francisco de Souza

«Conde amigo: Eu o príncipe vos envio muito saudar como aquelle que amo.

Pelas causas e razões, que vos forão e são presentes, me foi preciso entregar-vos a pessoa de meu irmão, para o levardes á ilha Terceira, na esquadra em que hora passaes á Italia, a aposentar-se no castello d'ella, com sua casa e creados, e sem embargo de que mandei fazer regimento para a observancia, com que ha de ser assistido e servido n'aquelle lugar, fio tanto de vosso zelo e grande cuidado, que deixo á vossa disposição, para que se previna com o acerto que convem, e eu desejo tudo o que pertencer ao summo e grande resguardo, regulo e commodidade da pessoa de meu irmão, enquanto durar a viagem, para que lhe seja suave, e livre de todo o perigo e incommodo do mar: E pela opinião e experiencia, que tenho da vossa prudencia, do amor e acerto com que me servis, e do zelo, com que procuraes o que convem á conservação d'este reino, me pareceu fiar de vós em tudo o mais a melhor direcção d'este negocio, sугeitando a ella o que d'aqui vai declarado, para o que disponhaes como vos parecer melhor; para cujo fim por esta carta sómente ordeno e mando a todos os criados, que mandei acompanharem a meu irmão, ao governador do castello da ilha Terceira, á Camara d'ella, e a todos os ministros e officiaes de guerra, justiça fazenda cumpram, e guardem as vossas ordens de bocea e por escripto, sem replica, nem duvida alguma, com a mesma observancia com o que deviam fazer se por mim lhes fossem dadas, por que assim convem a meu serviço. E esta carta quero que valha como patente, alvará e provisão, sem embargo de qualquer estilo ou ordenação em contrario. Escripção em Lisboa a 25 de maio de 1669—*Príncipe*—Para o Conde do Prado (3)!

Em recompensa de tão particular honra se offereceram todos os do senado em nome dos moradores e nobreza da terra, e por suas pessoas, a guardarem a inviolavel fé e lealdade, que deviam como bons vassallos, totalmente esquecidos assim das honras e isenções, que n'esta occasião poderam pedir e requerer, em ordem a seus augmentos, e creditos da sua patria; como tambem depondo o susto, a que ficavam obrigados.

Fineza foi esta tão excessiva, que raros foram os politicos da corte que tal imaginassem; mas que muito, se a lealdade angrense em semelhantes excessos se extrema, cuja acção, por generosa, depondo os interesses se estribou só na satisfação e cumprimento da ordem de Sua Alteza, por conti de quem corria o premio merecido a tanta fé, zelo e lealdade, que de outra sorte seria o dizer-se, que á vista d'um preço compraram animos, ou que o interesse lucrava vontades, ou que foram as conveniencias proprias as que occasionaram as finezas.

Aos 21 do mez, sendo pelas quatro horas da tarde, disparou a capitania uma peça, signal que o marquez, tinha dado, para partirem os bateis da terra, a effeito de desembarcar a pessoa real: E estando já prestes, os fez expedir a toda a diligencia o provedor das armadas, Antonio do Canto de Castro; e logo que chegaram sahiu de bordo o bergantim, com a pessoa d'el-rei, acompanhado do marquez embaixador, em cujo sequito vinha o escalor do conde de Mesquitella, e D. Pedro de Souza, filho do marquez, que na jornada de Roma o acompanhava.

Entanto que o bergantim se poz frente da Ponta-de-Santo-Antonio (4), se começaram a disparar as artilherias de todas aquellas plataformas e baluartes, cujo numero excede a cincoenta peças, com excepção da fortaleza e castello de S. Sebastião (5), em que se dispararam as quinze que o guarnecem.

Portou o bergantim, e outras embarcações e os bateis, que o acompanhavam, em uma praia arenosa, que se diz o Porto Novo (6), e n'ella desembarcou a pessoa d'el-rei, e encostado aos braços do marquez veio a pé, com mostras da lesão do seu achaque de estupor, que lhe provinha dos annos da infancia, por cuja causa, como tropego, chegou a um plano onde o esperava uma liteira, na qual se metteu com o marquez, e em outra o conde de Mesquitella, e D. Pedro de Souza; e guiando ao castello, na entrada d'elle os recebeu o governador, Sebastião Corrêa, com as chaves, na forma das ceremonias militares, e se fez salva de vinte e uma peças.

Aposentou-se a pessoa d'el-rei nas casas e galeria onde o governador habitava, em um quarto di-

vidido, que consta de uma galeria de quarenta covados de comprido e nove de largo, e uma camara quadrada, e duas casas mais, uma que servia de guardarroupa, e outra de mesa. Nos quartos inferiores se aposentaram os capitães da guarda, e alguns dos criados de maior fóro (7).

O marquez, seu filho, e o conde vieram pousar nas casas d'aliandega, em que vivia morador Agostinho Borges de Souza, provedor da Real fazenda; o que foi por todo o tempo que na ilha estiveram.

Aos vinte e seis foi o marquez á camara, para effeito de se averiguar, se convinha ficasse de guarda no castello uma companhia de cem homens, que para tal trazia, o que de nenhum modo se permitia, assim por respeito dos moradores da terra, em sua quietação, como porque aquellos taes soldados forasteiros faltando-lhes a paga de seus soldos, licenciosamente cometteriam desatinos, com que escandalisado o povo, padeceria a molestia de contra elles se amotinarem em tal forma, que seria facil um motim; por cujas causas e razões se houve a dita companhia por escusa (8).

No dia em que o marquez entrou no castello, fez entregue d'uma carta de Sua Alteza a Sebastião Corrêa, cuja substancia continha:

“Que para quietação do Reino, por seus vassallos soffrerem a condição feroz d'el-rei, seu irmão, importava que o dito estivesse retirado n'aquelle castello; de cujo governo dava-o por descarregado; por quanto havia provido n'elle o sargento-mór de batalha Manoel Nunes Leitão, pessoa a cujo cargo se tinha entregue a direcção e superintendencia da casa do dito rei:

E que em satisfação do bom serviço, que elle Sebastião Corrêa lhe tinha feito, queria o dito senhor, que sem embargo de o depôr d'aquella occupação gosasse em sua casa do mesmo soldo que havia, como se n'ella estivesse”.

Supposto que por esta carta ordenava Sua Alteza, que Sebastião Corrêa entregasse o castello a Manoel Nunes Leitão, em razão de ser findo o triennio do seu governo; contudo pareceu ao marquez, que o dito ficasse n'aquella mesma occupação, pela importancia de sua pessoa, e boa disposição dos agertos com que obrava; como n'elle se haviam experimentado, e eram conhecidos nas provincias, assim dos generaes d'ellas; como notorios na corte; para o que em nome de Sua Alteza lhe passou o marquez nova patente.

Atermuo o marquez embaixador esta comissão, voltando a Lisboa a dar conta a Sua Alteza do que na ilha havia obrado. Partio a dezesseis de julho, e em breves dias conseguiu feliz viagem.

Ficaram no serviço d'El-rei as pessoas seguintes:

Manoel Nunes Leitão—com o cargo de védor da casa e superintendente d'ella, a quem todos obedeciam em tal forma, que não lhes era permitido sairem de portas a fóra do castello, sem sua licença. Este havia cincoenta mil reis de mesada (9).

Martim Affonso de Mello e Sá.

Luiz de Sá e Miranda.

Fernando Barbalho Bezerra (10).

Estevão Augusto de Castilho.

Diogo Soares Pereira, mestre de campo que havia sido na provincia do Minho.

Assistentes da guarda d'el-rei. Tinha cada um d'estes nomeados quarenta mil reis de mesada, e por occupação o encargo da porta de noite e dia, por tempo d'uma semana, successivos uns aos outros.

Cinco guardaroupas, com quinze mil reis.

Cinco moços da camara, com doze mil reis cada um.

Um escrivão da cosinha e recebedor, com outros quinze mil reis.

Um medico, com quarenta mil reis.

Um cirurgião com vinte.

Dois capellães, com doze cada um.

Dois moços da capella, com oito cada um.

Um mantieiro, com nove.

Um comprador—

Um mestre de cosinha.

Seis reposteiros, com seis mil reis cada um.

Quatro officiaes de cosinha, com seis cada um.

Quatro moços de cosinha, com quatro mil e quinhentos cada um

Dois moços da prata.

Um barredor, com quatro mil e quinhentos cada um.

Não obstante o excesso de tão larguissimas mesadas, pelos primeiros tempos se deu mesa geral a todos os nomeados; cujo gasto se continuou até aos primeiros de agosto, que chegou uma caravela de Lisboa, que deu por novas, haver chegado o marquez embaixador á corte, com a carta á camara d'Angra, do teor seguinte:

juizes, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra, Ilha Terceira. Eu o Príncipe vos envio muito saudar. Recebeu-se a vossa carta e por ella, e pelo que me significou o conde do Prado, D. Francisco de Souza, vejo que continuas a mesma lealdade, que el-rei meu senhor e pae começou a experimentar em vossos animos logo que entrou na posse d'estes reinos. Esta foi a razão que me obrigou a escolher esse sitio, e a confiar de vós a pessoa d'el-rei, tendo por certo, que para seu commodo e decencia o não podia haver mais capaz. Espero que n'esta occasião, tão importante, procureis merecer em meu serviço a justa confiança que faço de tão leaes vassallos, como sempre fostes, para que eu tenha lugar de vos fazer toda a mercê e honra que desejo. Escripta em Lisboa a 21 d'agosto de 1669—Príncipe—Para o Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra da Ilha Terceira (11).

Vieram outrosim ordens de como Sua Alteza approvava por bem feito tudo o que o marquez tinha disposto, o que queria que se observasse inteiramente: excepto que só se não daria mesa mais que aos seus assistentes, da guarda, em cujo numero entrava o védor da casa, Manoel Nunes Leitão; e que os mais comeriam á casta de suas mesadas, visto a largueza d'ellas e abundancia dos mantimentos, e fartura da terra; o que foi tambem em razão de outro gasto grande, que se esperava.

Aos tres d'outubro chegou uma charrua ingleza com o estado da cavalliariça d'el-rei, que constava d'um coche forrado de damasco vermelho; (que diziam ser dos do estado de Bragança) uma liteira do mesmo, e outra menor. Vieram juntamente seis formosos cavallois d'estado, os quaes por velhos, ou mal pensados, ou por o clima da terra lhes não ser accommodado, duraram menos de tres annos. Vieram mais seis rocins, seis mulas do coche, e duas azemulas de carga.

Com este estado, e todos seus jaezes, que eram do maior prego, chegaram tambem as pessoas d'esta occupação a saber: cocheiro, sota-cocheiro, um mestre da cavalliariça, quatro liteireiros, quatro moços da estribeira, um picador, dois azemeis, seis moços da estrebaria, um cevadeiro; os quaes todos haviam suas mesadas de cinco até tres mil reis.

Fez Sua Alteza a honra d'estribeiro, a quem todos os referidos obedeciam a Estevão Augusto de Castilho, cujo posto mallograram alguns dos seus companheiros, não sei se invejosos d'aquelle como sorte, ou se por terem para si, que na calidade o excediam, elles o julguem, que eu o não decido (12).

Consignou Sua Alteza, por contracto, que sobre si tomou Fernando Rodrigues Penso, morador em Lisboa,—dois mil e quinhentos cruzados cada mez, para a contribuição dos gastos e mesadas, da casa d'el-rei; os quaes o dito contador havia entregar na ilha; com a condição, de que havia ser no principio de todos os mezes do anno;—por quanto as ditas mesadas se pagavam adiantadas, e com tal pontualidade, que em muitas occasiões succedeu, por falta de commercio, vir da côrte quantidade de dinheiro em ser; a fim de se não faltar ao pagamento (13).

Feitos os gastos da casa, e pagas as mesadas dos seus obrigados, se acharam de sobras quinhentos até seis centos mil reis. Ordenou Sua Alteza, estes se repartissem, por esmola, pelos officiaes e pessoas do presidio, na melhor forma, que parecesse a Manoel Nunes Leitão, védor da casa.

Durou esta obra de piedade dois ou tres annos, e muitos que corresse, nunca se concluiria n'ella a total resolução do melhor acêrto; porque pela primeira tenção, se repartiram mais com respeito da calidade dos necessitados, do que com a commiseração da maior pobreza; e em outros vieram aquellas esmolas a ser subcapa das honras alheias, que a este titulo se gozavam; e finalmente motivo de muitas murmurações, falsos testemunhos e alevies excedentes, que sem escrúpulo da consciencia se affirmavam proferidos.

Para effeito de darem algum divertimento a el-rei, foi necessario se abrissem e aplanassem alguns caminhos pelo monte, principalmente os que communicam as pontas de Santo Antonio, Zimbreiro, Cruzes e Facho; e logo que se pozeram capazes de por elles se guiar o coche, se ia el-rei entreter algumas tardes, sendo o seu maior pouso no monte das cruzes, de cujo alto da sua collina se descobre toda a cidade d'Angra, e parte dos campos da ilha, por razão do qual se avalia o dito sitio por uma das mais largas e espaçozas vistas da terra (14).

Durou pouco este exercicio em el-rei, ou fosse por aborrecido de si mesmo, ou por o ocio lhe não permitir o commodo do tempo opportuno em que n'elle se devera empregar; por que como trazia as horas do dia encontradas com as da noite; e tanto que de verão e inverno se costumava levantar da cama das onze para o meio dia, e mais tarde o fizera a não ser a devoção de ouvir missa todos os dias, em razão do qual jantava das tres para as quatro da tarde; e tudo o que restava até ás onze para a meia noite, em que fazia collação, de muy pouca quantidade, procedia nas travessuras da absoluta criação que teve; tanto inclinado a inquietar, nenhum criado em sua presença socegava seguro de toda a hora e instantes se não ver descomposto em suas mãos, que a ter pés, ninguém o supportára (15).

Era tão facil el-rei em erer, que nunca duvidou o credito daquellas propostas ou ditos, em que se não achava entidade alguma em que houvesse apparencias da verdade—Procedia esta propriedade n'elle

pelo que tinha de verdadeiro; por quanto, affirmavam todos os que lhe assistiam, que lá nunca se lhe ouvira palavra, que de si suppozesse; mas com tão pouco bojo, que era incapaz do menor segredo, e o peor é, que o vomitava do proprio modo que sabia, com o nome expresso do auctor.

Metteram-lhe em cabeça, que Luiz de Sá e Miranda dissera, ser mais valente do que elle: D'esta terribilidade resultou em um dia santo jantar muito mais cedo do costume, e apenas que acabou o prandio, mandou por o coche, e montou ao monte das cruzes, deixando ordem, que lhe levassem um cavallo, que era um dos que melhor obravam, a que se tinha posto o nome de *Smitarra*.

Chegou a um tempo Luiz de Sá; intentou el-rei sair-se do coche, e montar no cavallo, a fim de o descompor; e a não ser a muita humilde satisfação, que o dito era, persuadido com os encarecimentos de ser falso e sinistro tudo o de que el-rei lhe fazia crime, e juntamente os rogos e deprecações de Manoel Nunes Leitão, infallivelmente commettêra el-rei tal desatino, que regeitara a cutiladas o miseravel Luiz de Sá.

Socceou a paixão d'el-rei, rompendo no estilo de taes palavras, que abalaram os corações de todos os presentes, em tal forma, que muitos ou quazi todos não poderam reprimir as lagrimas, maiormente quando lhe ouviram com pena, magoa e dôr dizer: — *que se a sua desgraça era tal, que o principe, seu irmão permittia, que os criados o descompozessem, que ali estava offerecido a tudo?*

Era tão notavel a retentiva d'el-rei, que bastava lhe dissessem o nome de qualquer sujeito uma só vez, para lhe ficar impresso na memoria para sempre; por cuja propriedade eram poucos os soldados do presidio que não tratasse por seus proprios nomes e appellidos.

Tão compadecido da pobreza miseravel, que todos os dias soccorria da sua mesa alguns, em particular uma cega, cuja porção elle mesmo ordenava e compunha; e as vezes que via o marido lhe perguntava: *se lhe divertiam a esmola que lhe mandava?*

Mostrava ser com excessô liberal, e tudo para, a não ser a prohibição de ninguém lhe aceitar nada; e se acaso por decôro alguns recebiam de sua mão prendas: do uso do seu vestido, e ainda de tão pouca entidade, que se poderam haver por consumo, era comtudo a cautela tal, que as denunciavam ao guarda-roupa, que as tinha ao seu cargo, e estas se repunham (16).

Vestia de verão as mesmas roupas com que se reparava no inverno, com a circumstancia, que sobre a camisa se ligava com toalhas por modo de faixa, tão eguras, a poder de alinhavadas, que por grandes e muitos mortos que fizesse o corpo era impossível lattarem; e n'esta forma dormia.

O seu comer era uma unica vez no dia, mas com tal largueza, que se reputava por achaque, e tanto que communmente todos o admiravam.

Algumas sobejidões de sangue lhe causaram duas ou tres doenças, n'aquelles annos que na ilha esteve uma das quaes chegou a dar cuidado; e a não se atalhar com sangrias, perigára a sua vida.

Estes os particulares em quanto a el-rei; vamos aos sustos em quanto á ilha.

Relata-se o primeiro susto que teve a ilha no tempo referido

Apenas começaram os annos d'uma pensão, quando principio tiveram os sustos d'um cuidado.

Não completo era o anno do logro d'el-rei na ilha Terceira, quando concorreu tal nova, que não sei qual se poderá considerar mais cruel.

E vem a ser, que faltando embarcações da côrte desde o mez d'outubro até o de maio do anno seguinte de 1670, chegou aos estados de Hollanda uma gazeta que se relatava, de como o serenissimo principe de Portugal, (D. Pedro) enfermára de doença tão perigosa, que alguns já o faziam morto.

No tanto que esta se leu a fez consumir Manoel Nunes Leitão; e sem embargo que por alguns tempos se suspendeu a novidade falsa, e fementida, comtudo, ou fosse por o segredo ser de muitos, ou por se violar a fé, já nos ultimos a respeito da tardoança de embarcação de Lisboa, se pôz quasi em publico aquella terrivel nova: E não faz duvida que n'esta parte se criminarão alguns dos criados da casa, que por de pouco assento, ainda que confiados no lance da amizade a manifestaram de todo o ponto.

Não sendo, pois bastante não confusa desgraça, para occasionar os receios d'um temor ao menos,



D. Afonso VI passando na estada do monte das Cruzes

Desenhado por um italiano gravado na epocha por Augusto Caffari

supposto que n'estes termos assustados os angreses, appellando para a protecção divina, nem sombras de credito perceberam, antes attribuindo o tal ao desvelo da perfidia, vieram a concluir ser tudo sisiaia enganosa, a effeito de suspender animos, declinar vontades, obscurecer a fé.

Desfez o susto referido á chegada d'uma caravela vinda de Lisboa, que pertou em Angra nos dias do mez de maio, na qual vieram dois criados d'el-rei, que por ordem de Sua Alteza tinham passado á côrte, em razão de certo absurdo, que supposto crasso, e pesado na acção, contudo prevaleceu a ignorancia, com a satisfação do castigo d'um pobre miseravel, a que se attribuiu a pena, por haver á vista d'um corpo da guarda, e em alto dia, chegado ás janellas do palacio uma escada, pela qual desceram aquelles dois criados d'el-rei, que de semana lhe assistiam, estimulados de lhes tardar o abrir da porta, que estava a cargo de Luiz de Sá e Miranda.

Foi este um dos dias de bom gosto, que logrou a ilha; e para em todo ser perfeito o intimou a segurança da boa saúde que Sua Alteza lograva; cuja doença antecedente tinha sido de nenhum receio, por occasionada d'uma pequena queda, que dera em Alcantara, que o obrigou a duas ou tres sangrias; successo tão distante d'aquelle que em Hollanda falsamente se escreveu.

Poucos tempos se passaram quando os criados d'el-rei se começaram a malsinar uns com outros no tocante ás desconfianças dos lugares; por que na fé e lealdade de serviço de Sua Alteza nunca pecaram na minima parte.

Não assim com os angreses, com cuja principal nobreza tanto se confirmaram que correspondiam os termos, e leis da boa, licita e tratavel amizade, sem que faltassem ao reciproco da cortezia, nem n'elles se experimentasse o minimo aggravado, ou acção menos decorosa; e supposto ser este o principal encargo, que Sua Alteza lhes encomendava, não faz duvida, que foi inviolavelmente por elles observado; n'aquelles primeiros tempos grangearam o abono do amor, que ao diante inficcioaram em odio.

Correram as desuniões entre os seis da guarda a tal extremo, que romperam Estevão Augusto, e Luiz de Sá em modos que chegaram a termos de desafio e não faz duvida surtira effeito, se o empenho do governador, Sebastião Corrêa, não mediára na paz e quietação dos dois; por cuja obra, por alguns tempos disfarçaram os desunidos a má vontade, sendo que na antipathia dos animos nunca se bem gostaram.

Deu parte o védor da casa, Manoel Nunes Leitão, a Sua Alteza assim d'estes particulares como d'outros, que o dissaboreavam; e como quer que pendesse mais á parte do Estevão Augusto, ou fosse por de sua facção, ou por n'elle achar mais justificada causa, por ser mais docil e vendavel do que o contrario adverso; ordenou Sua Alteza, que assim Luiz de Sá, como Fernando Barbalho, (de quem já falamos) parciais no intimo da amizade, pudessem usar da licença, de na primeira occasião se passarem ao reino.

Assim o fez o dito Fernando Barbalho, e não Luiz de Sá, que excluido do serviço, ou fosse por lhe parecer que n'aquelle occasião, por pouco segura, arriscava sua pessoa, ou por outra qualquer causa, se resolveu a ficar na ilha, onde logrou a demora do mez de março até o de agosto, em que se embarcou.

O segundo susto, que padeceram os angreses, supposto que a respeito de sua conveniencia proveitosa, foi o publicar-se de como el-rei se ia da ilha para cuja função se preparava a armada de Portugal, em que vinha o conde da Torre, marquez de Tavora; cuja nova tinham os assistentes d'el-rei por tão infallivel, que já preparando-se para a jornada deram principio á matalotagem.

Mas como os angreses tinham de padeecer mais sustos, não mereceram a dita d'este fim, cuja pensão para supportavel era cuidadosa.

Parou o susto com a vinda de embarcação do reino, da qual se colheu de como em Lisboa tal ida se não intentou.

Correndo assim os annos com os successivos sustos, ou já pelos influxos dos astros, ou por effeito do ardil e traça do desventurado animo que os urdia, vendo o pouco que havia resultado no combate dos angreses, terrivelmente se machinou um novo enredo dirigido a Lisboa, sem outro mais fundamento do que uma aerea e fantastica novidade.

E foi o caso: que correu na côrte por nova, (na opinião de muitos certa) de como os angreses se tinham levantado a maiores, jurando a obediencia a el-rei, e por elles posto em liberdade e mandado absoluto, de que resultaram as mortes de Manoel Nunes Leitão, e da maior parte dos que lhe assistiam companheiros, de que grangearam titulos Sebastião Corrêa, (governador do Castello) e Antonio do Canto e Castro, (provedor das armadas) e outros, que no empenho se adelantaram (17).

Esta falsa e fantastica nova pela primeira tenção occasionou na côrte tanto susto, que a não chegar n'aquelle interim embarcação da ilha de S. Miguel, que convenceu o temor, em razão d'uma carta, que por aquella via escrevera a Luiz Gonçalves Cotta o provedor da Fazenda, Agostinho Borges,

com a data muito depois do tempo em que diziam haver succedido o caso, não faz duvida dera maior cuidado; e ainda assim, a toda a pressa mandou Sua Alteza embarcação á ilha, tomar plena informação do estado d'ella.

Chegou o bispo, D. Fr. Lourenço da Castro em 11 de novembro de 1671; a poucos tempos visitou el-rei, por ordem particular de Sua Alteza que o havia nomeado por confessor do dito rei, em que se experimentaram fructos de melhor condição; (18) e por que as obrigações de bispo lhe não permitiam as assistencias convenientes, e necessarias; que haviam de ser a toda a hora, nomeou Sua Alteza para este cargo tres gravissimos religiosos, que se achavam em Angra, a saber:

O padre Lourenço Rebello, da sagrada companhia, cujas prendas serão sempre dignas da maior memoria, por quanto nas lettras e realdes do entendimento lustroso com aquelles a quem a opirião commum dos homens reconheceram mais insignes: (19)

O padre Fr. João de Lemos, da religião augusta, irmão do Ex.^{mo} Arcebispo de Gôa, Fr. Christovão da Silveira: (20)

O padre Fr. Belchior Baptista, da seralier Ordem de S. Francisco, lente jubilado, e um dos padres vogaes da provincia, e n'ella reconhecido por um dos mais caprizes nas sciencias e talento.

Em qualquer dos tres assentava o cargo por extremo, e por tão prendados igualmente se houveram por escusos, por se não dar occasião de disabor a qualquer d'elles.

Teve Sebastião Corrêa uma gravissima doença, que o poz quasi nos ultimos da vida; e por se achar em manifesto perigo, escreveu ao secretario d'estado, Francisco Corrêa de Lacerda, a impossibilidade de seus achaques. que o impediam as obrigações do seu cargo; por cujos respeito se dava por escuso do governo, por não ser justo, que por sua conveniencia se fultasse ao mais preciso.

Na incerteza de ser Sebastião Corrêa fallecido ou não, foi Sua Alteza servido mandar escrever ao dito, que ainda n'aquelle estado era de tanta importancia sua pessoa, e ãua tanto d'ella, que lhe pareceu encarregar-lhe a continuação, como seus achaques lhe dessem logar áquelle governo em quanto o não provia.

E outro sim mandou o dito senhor escrever a Manoel Nunes Leitão, que por se entender que os achaques de Sebastião Corrêa o iam impossibilitando, e ficava com pouca ou nenhuma esperanza de remedio, que no caso fosse fallecido, lhe succedesse no governo do castello, de que por aquella carta o havia encarregado.

Foi esta remetida ao reitor do Collegio da Companhia com a circunstancia, de que sendo fallecido o Sebastião Corrêa, se entregasse a Manoel Nunes Leitão, e quando não, o fizesse no dia da sua morte.

E com effeito o fez assim o padre Nicolau Teixeira,—reitor do dito Collegio d'Angra, em 20 de de novembro de 1672, em que falleceu Sebastião Corrêa. (21)

Tomou Manoel Nunes Leitão posse do governo em 27 de novembro, e n'elle foi nomeado por Sua Alteza, por patente de 18 de junho de 1673, com o soldo de cincoenta mil reis por mez, que lhe tocava, além dos cincoenta, que tinha de mesada, como vedor da casa d'el-rei, com o que vinha a ter cem mil reis por mez; cujo governo rejeitou, em razão da ida d'el-rei, e inconveniencias das inimidades dos naturaes da terra, pelo muito que sua desconfiança, sem razão forçosa lhe accumulou.

Portou em Angra aos 9 de julho de 1673 a fragata da armada, Santa Maria de Saboya, de que era commandante Henrique Jaques de Magalhães, para effeito de comboiar uma nau da India, que dos estados do Brazil se esperava.

N'ella vieram embarcados o padre Antonio da Fonseca, da Companhia de Jesus, nomeado por Sua Alteza confessor d'el-rei, o medico Antonio Galvão, e seu filho, Ignacio Galvão, clerigo, por transmuta do medico Antonio Alvares Ribeiro, e Francisco Lopes, capellão d'el-rei: e como quer que até áquelle tempo não tivesse chegado a nau, se deteve a fragata n'este porto alguns dias, no fim dos quaes resolvendo-se a correr os mares e canaes d'estas ilhas o fez com tanta felicidade, que no terceiro ou quarto dia entre a Terceira e Graciosa deu com a nau da India, que esperava, com quatro navios de força, que a comboiavam; e por o tempo ser prospero e não necessitar de reiresco da terra, seguiu a viagem.

De como tiveram principio as desastradas inquietações em Angra até á ida d'El-Rei

Para relatar estes principios, me considero no principio d'uma cruel batalha; e como os effeitos d'esta são tiros e golpes, que se encaminham ao corpo humano, a fim de prostrar as vidas, é necessario que á imitação dos valorosos soldados me valha dos defensivos, de que estes usam. E por assim ser, exposto em campo, me armo da justiça, por que contra a sem-razão pejejo, da innocencia me valho, por que a desconfiança lhe machinou encontros; da lealdade e fé me fortifico, por que o ódio as quiz escurecer.

E supposto que além destes tres contrários adversos, para com os estranhos, ódio, desconfiança e sem-rasão, achar contra mim, para com os de casa, a inveja e murmuração nas notas do que escrevo-valha-me o zelo, e puro animo do agrado, em cujo escudo rebato as lanças contrarias de meus emullos, que a não ser escriptor os não tivera.

E já estribado em tal tutela me vanglorio impellido aos tiros da murmuração e aos golpes da censura; e finalmente ousado exponho n'este breve opusculo o que merecia ser empresa singular.

Bastante materia fóra para o extenso d'um tratado, o empenho das noticias das enquietações e disformes causas, que os criados d'el-rei uns com outros tiveram na occupação de seus cargos, por que tanto se extremaram seus ódios que a minima falta não supportavam, nem o menor desacerto, permitiam silencio, sem que em publico o manifestassem a todos, sem decoro, nem excepção de pessoa.

E sendo assim divisos, quasi nos fins d'uma conjuração contra o governador Manoel Nunes Leitão, se atreveram capitular seu mando; mas sendo-lhes baldada a diligencia, supposto que a sagaz prudencia de Manoel Nunes Leitão era tal, que na dissimulação dos tempos se fundava, comtudo, ainda que aqui não mostrou o excesso do que podia, alguns dos capitulantes expedio, e outros por retratados alcançaram d'elle piedade.

Não faz duvida que a condição feroz d'el-rei por quasi insupportavel, era de martirio áquelles que de necessidade lhe assistiam; por que como a inclinação pendia á parte do mal, nas propriedades adquiridas, o que nos prudentes é vicio, era em el-rei como habito: E como quer que o lésu lhe privava a perfeição cabal, quasi que o melhor ser não tinha, e se em parte, eram lucidos instantaneos, que nunca cabes tiveram o complemento da razão.

Queixavam-se seus creados do aspero tracto de seu serviço, se bem confessando o pouco respeito, davam causa a muitas nagoas; por que se da sua parte estava a compaixão da outra estava o ser da monarchia; se bem o que mais penalizava eram os publicos defeitos, que d'elle patentevam proferidos sem decoro, que supposto que verdadeiros alguns, comtudo sempre o malsoante desagrado aos ouvidos da molestia.

Chegou de Lisboa a esta ilha, no mez de setembro do anno de 1673 uma caravela, pela qual se soube ter chegado, de poucos dias, a fragata—Saboia—e a nau da India.

Com a vinda d'esta caravela começaram a ter principio os confusos labyrinthos, que n'esta ilha se formavam; por quanto, nas inquietas novas que trouxe se collheu, que o povo de Lisboa andava tão removido, que para se apaziguarem alguns tumultos, de que se ameaçava motim, viera Sua Alteza das Caldas, onde estava para effeito de tomar banhos.

Os fundamentos d'esta revolução diziam, serem por causa do perdão geral, que aos da nação *Hebrá* se permitia, com a condição de contribuirem com uma certa pensão annual, para o provimento das armadas do reino, no que os povos, e parte das republicas ecclesiasticas não convinhiam.

A poucos dias cepei, da vinda d'esta caravela, chequi da ilha de S. Miguel, um caravela, que deu por novas, em como tinha chegado áquella ilha embarcação de Lisboa, por onde não só certificavam as novas antigas, mas ainda lhe acrescentavam outras, em rasão d'algumas cartas que appareceram, nas quos por mui extenso se via a notavel inquietação do vulgo da corte; pois contavam de como andavam ranchos divididos, e tão absolutos, que a mesma justiça, de que se deveram guardar, essa mesma intimidavam; e isto com tanto desafogo, que sem attenderem ao crime execerando, que commettiam, blaeonavam de amotinadores, já presando-se de serem nomeados pelos do rancho do *apostolado*, (por se dizer eram dóze) já respondendo tão obstinados as justicias, que diziam,—que assim como disseram,—quem é da parte de Sua Alteza,—diriam,—da parte de Sua Magestade,—que logo lhe obedeceriam.

E não parando aqui se dizia mais: que estes arranchados foram em uma noite ao Collegio da Cotovia, onde assistia o padre Manoel Fernandes, confessor de Sua Alteza, e que pedindo-lhes, mandassem vir o padre mais digno d'aquelle Collegio, viera o padre confessor, ao qual prozoperam, lhes dissesse, *quantos molhos de carqueja seriam bastantes para queimar aquelle Collegio?* A que os padres responderam: tantos, pouco mais ou menos: Ao que os do rancho tornaram affirmar, *assim havia ser, no caso que a Sua Alteza se não aconselhasse como era bem, e o que mais convinha ao augmento do reino, e quietação dos povos.*

E não parando aqui a novidade, appareceram juntamente as copias de varios *pasquins*, em si tão



D. Afonso VI

(ultima gravura da arte e p. do século XIX)

de confessor, ao qual prozoperam, lhes dissesse, *quantos molhos de carqueja seriam bastantes para queimar aquelle Collegio?* A que os padres responderam: tantos, pouco mais ou menos: Ao que os do rancho tornaram affirmar, *assim havia ser, no caso que a Sua Alteza se não aconselhasse como era bem, e o que mais convinha ao augmento do reino, e quietação dos povos.*

E não parando aqui a novidade, appareceram juntamente as copias de varios *pasquins*, em si tão

licenciosos, como desastrados, alguns ou quasi todos são ignorantes, como sem christe, nem emphase algum; em uns desacreditavam-se mais das ameaças do reino em outros não do mais puro mofavam; e em outros finalmente com ameaças de ou sim ou não significavam o poderem mandar vir, como pensando que até os mares lhes obedeciam, que tanto era um despenho, que ainda á vista do mesmo risco se facilitavam os tropeços mais evidentes.

Assim corriam estas novidades em Angra, á que muitos, ou quasi todos os da menor condição davam credito, e em particular os *bandarristas*; outros, como eram os do maior capricho, duvidavam, e quasi que não criam o excesso d'ellas; contudo, não deixaram de ter muitos para si, que em algum estrondo grande deviam parar estas horridas fatalidades, fundados no prognostico geral d'aquelle anno, que prometia um brado de voz horrenda no mundo; e como quer que previssem tão extraordinarias resoluções, d'ellas inferiam a consequencia d'um successo lamentavel (22).

Estando n'estes termos, faltaram as embarcações, e não só as do reino, mas tambem as estrangeiras: e para que a confusão tivesse principios de maior labyrintho, succedeu chegar um patacho de *Ruão de Franca*, o qual deu por novas ou por melhor dizer, se colheu d'uma carta escripta a um mercador d'Angra, que em Lisbôa houvera alguns motins no povo, por cuja causa se praderam alguns titulares do reino, entre os quaes era *Antonio Cabide* (23).

A poucos dias addaõdo do mez de novembro chegou outro patacho inglez de Plymouth, que quasi confirmava a mesma nova, se bem que, ou fosse vinda, ou falsidade supposta, foi publico em Angra, na voz de todos, que em Lisbôa houvera um tão fatal motim, que n'elle morreram passante de doze mil homens.

Chegou tambem, quasi n'este mesmo tempo, uma charrua de Hamburgo, na qual veio embarcado Pedro Ribeiro da Costa, mercador e natural d'esta ilha; e supposto não publicou pela primeira vezão o que sabia n'esta materia, contudo passados alguns dias veio a dizer, (obrigado do muito pedir) de como em Hamburgo se dizia, que Lisbôa andava inquieta, e tanto assim, que estando n'aquella cidade uma nau carregada por conta do embaixador, e já em termos de partir, esta se descarregára, ou fosse por aviso do mesmo embaixador, d'Hollanda, ou por outra qualquer causa que se ignorava.

Não deixaram estas muitas novidades de ser materia para que muitos discorressem, se bem no socção d'um recanto, tão pacificos, que nunca do mais pesado fizeram credito; todos em fim na cautela viviam, e quando apenas discursivos entre si fallavam.

Mes ainda assim, n'este tempo não deixou a peste da murmuração delabarar; por quanto chegou a tal excesso, que não faltou quem dissesse, que a rebelião do reino fóra tão estupenda, que obrigára a que sua Alteza em saivo se pozesse; e contuc o sempre os angrenses em muita paz se mostras de novo affecto.

Inquietou este susto de novidades tanto ao governador, Manoel Nunes Leitão, que resolvendo-se a fretar um patacho portuguez, que no porto d'Angra estava, enviou n'elle de aviso a seu filho, o capitão Manoel Nunes Leitão, que partio d'esta ilha em 20 de janeiro de 1674.

E como quer que já n'este tempo as tempestades do inverno prohibissem as navegações, e com maior razão n'estes mares, pela pouca ou nenhuma segurança dos portos das ilhas, socegou por esta causa o fallar-se n'aquelles particulares; e quando muito todos desejosos da primavera, em que punham as esperanças dos creditos da verdade na vinda da primeira embarcação, que a qualquer porto das ilhas chegasse; por quanto tinham todos para si, que sendo aquellos successos tão notaveis, (como se proferiam) não faz duvida brado, quando não em todo o mundo, pelo remoto, ao menos em todos os reinos e partes da Europa, pela propinqua visinhança e communicação tratavel.

E por este modo terminavam os angrenses os inquietos cuidados em que viviam, em cujas ancias prevaleciam já n'estes os sobre-altos do temor, já n'aquelles os insocegos do receio, já outros discorrendo aereos se achavam tão confusos, que apenas lhe dava a ancia logar ao menor discurso, já finalmente chimeras, corpos fantasticos sem a formalidade essencial, que constitue as apparencias meras da verdade; mostramos em fim originados na mente plebea, que no fantastico espirito, enlevado na voz comum seguindo o rumor do que se diz, sem exames do que é.

Assim prevalecia o estado das cousas n'esta ilha, quando aos 17 do mez d'abril chegou um patacho inglez, vindo de Bristol, do qual por algumas cartas particulares se soube, de como em Lisbôa houvera no mez de Setembro passado algumas revoluções na cõrte, mas que estas se apaziguaram: E chegando d'ali a breves dias outro patacho de Franca, teve um mercador da praça uma carta d'um seu constituinte, em que lhe dizia: "que já os moradores d'esta ilha estariam desencanados, por quanto o serenissimo principe de Portugal tinha colhido ás mãos aquellas pessoas que lhe foram inconfidentes".

Socgaram estas novas os animos de todos em tal fórma, que se julgou a ilha em tanta paz e quietação, que ninguem tinha para si o contrario, nem presumia o menos de Lisbôa, em razão do qual ficaram os animos tão suspensos, que quasi se houve por esquecido, e de nenhum vigor todo o passado.

Porém como que alguma influencia malevola predominasse os tempos, a espaços breves se logrou esta felicidade, quando apenas desenrolando-os como influxos desastrosos, lançou a peste dos seus malignos efeitos; e assim parece já, pois chegando da ilha do Fayal um caravelão, correu a nova de haver alli chegado um navio de Amsterdã, do qual se colheram novas, muito ao contrario das que aqui corriam, e d'estas se poz logo em publico, foram degolados alguns titulares; e o peor era, que entre estes se nomeavam os do maior valimento.

Os contemporaneos, de maior juizo, não só duvidavam o referido, mas totalmente o avaliavam por patarata; e caso negado que assim fosse, (diziam estes) consideravam a Sua Alteza na persistencia de seu real mando, temido e venerado, como monarcha poderoso; maiormente quando aquellos, que se diziam delinquentes, eram os que mais privavam.

E sendo este reparo tão digno de exame, fundado no mais verosimil discurso, que poderá mostrar patente os enganos da falsidade conhecida; é de notar, porém, que ou fosse o diabo, ou algum maligno animo seu sequeaz, por tal estilo derramou na mente geral do vulgo uma tão diabolica sisanía, que sem se saber qual fosse o seu principio, damnou muitos animos; cujo erro ainda mal, vieram a lamentar; e supposto que o aleve foi de boa firma, comtudo como a materia era de si gravissima, triste e desgraçada aquelle em que descarregar machina de seu pêso, por que é certo se ha de vêr a pique, ou quasi nos perigos de cair em terra.

Foram proseguindo as temções, por que foram crescendo as novidades, que se bem não de todo manifestas, ao menos no occulto praticadas; por que o discurso d'estes era a opinião d'aquelles, e o que uns ajuizavam, vinha a ser verdade de outros, até que começando-se a romper o segredo dos mais caprichosos, por bocca dos de menos confiança, se veio a dizer: "que na ilha havia cartas escritas em Lisboa, por pessoas que na côrte estavam assistentes, as quaes por muy extenso davam relação do caso succedido".

E era que, "por algumas razões, de queixa, que o povo de Lisboa tivera contra o conselho, d'estado, como era o Marquez de Marialva, e seu irmão, D. Rodrigo de Menezes; o marquez de Fronteira, o conde de Villar maior, o marquez das Minas, e o Secretario d'Estado Francisco Corrêa de Lacerda, se provocára o dito povo de tal sorte, que rompendo em um desastroso motim, levára por sua guia o juiz do povo; e caminhando o tumulto ao *terreiro do paço*, entrára o juiz a propor a Sua Alteza, em nome d'aquelle povo, algumas propostas em odio d'aquelles validos; ao que S. A. respondera: "Tinha vinte e quatro paços para outros tanto: vilões ruins". E que com o desabrido de tal resposta se accendéra o povo em tão estupenda furia, que invadindo as guardas do palacio, se provocára tão sanguinosa pendeencia, que duas tropas, que estavam sortidas por mandado de Sua Alteza, para qualquer effeito, estas taes rompendo o tumulto popular, o assolaram em tal modo, que foram poucos os espaços; porém que sobrevindo o povo com nova direcção e ordem fizeira segunda investida, com tão extraordinario impeto, que rendendo as tropas de guarda a entrada do palacio, pela qual subindo investira a D. Rodrigo de Menezes, a quem precedia um bando e capitão com vida os mais titulares, que a Sua Alteza acompanhavam; mas que n'estes termos, ainda que desabridos e atalissimos, se não perdeu de nenhum modo o respeito e veneração de Sua Alteza, sendo que n'êta execrandissima acção se incluia o maior delicto (24).

Estas as tristes e desastrosas novas, que não só n'esta ilha se publicára, mas ainda absolutamente se diuziam nas outras adjacentes, e com mais largueza, como livres da pensão, a que esta da Terceira estava obrigada; com o que se viram perplexos, e indifferentes os animos de todos, não sendo exclusos a esta confusão os mesmos creados d'el-rei, em que os sobresaltos do temor fizeram alta e poderosa prova; e tanto assim, que para o exame d'estas novidades lhes faltou valor; pois é certo que n'estes principios procederam com animo, pode ser, ou como de facto, que a corrente d'esta venenosa inundação, não vierá a espraír tanto.

Mas de que se vio tanto silencio no duvidoso, se depois do certo haviam proceder tantas cautelas mais a fim de ruinas alheias do que satisfações do proprio encargo?

O certo é, que não em parte, porém em todo, em todos o temor foi geral; uns por prudentes duvidavam, outros por facéis presumiam; estes por discursivos confusos, aquelles por obrigação temerosos.

Rara era a conversação em que por esta ou aquella via não tratasse n'estas materias; por quanto o desejo de saber novidades traz consigo como annexa a diligencia mais curiosa.

E como nas casas do desenfado de ordinario resuscitam as novidades em seu auge, succedeu juntarem-se certas pessoas em casa de um capitular, onde se acharam presentes dois criados d'el-rei, do fóro de guardas roupas, e entrando em pratica o rumor geral, de se haver em Lisboa restituído el-rei responderam estes dois:—*que quando o diabo o quizesse não faltaria um bocadinho com que se lhe tirasse a vida*."

A tão licencioso e temerário dizer se houvera proeçder com alta demonstração, se o receio não arguia a consequencia de traidor, á vista da resolução dos tempos; e como assim fosse, só os que presentes estavam o poderam estranhar, ficando-lhes em silencio a mágoa; pois que tanto lhes convinha a piedade.

Divulgou-se o dito, incendio maior, em cujos extremos laborou a murmuração com nova causa; e podendo ser succinta, como não intervisse a cautela, alguns fogosos vomitavam acros, ou já as paixões da ma vontade, ou por melhor dizer, o castigo que tão mãos sabidos por assistentes mereciam.

E como esta materia estava tão apta, quasi lhe deu plena fórma a moñia chegada de um patacho inglez, que aos 14 de maio d'este anno de 1674 rebentou á vista do porto d'Angra, com bandeira redonda no tópe, demonstração de novidade grande, pois a cada ampolheta disparava uma peça; e assustando-se todos attribuíam ser a vinda do capitão Manoel Nunes, filho do governador Leitão, que no mez de janeiro passára a Lisboa.

Sahio a este patacho, muito antes do costumado, o batel da terra (25); e posto elle em franquia, já sagueo á artilheria da Ponta-de-Santo-Antonio, quiz ainda n'estes termos seguir sua direita viagem, (e oxalá o fizera) para a illa do Fayal, onde era sua direita descarga; contudo obedecendo a uma peça, cuja bala lhe rompeo a gávea grande, despedio a toda a pressa o mesmo mestre em um seu bote, a dar satisfação a fortaleza, em cuja occasião se a'hiou presente o mesmo governador com alguns companheiros e criados d'el-rei.

E chegando o batel bem debaixo das muralhas, disse o inglêz:—“que sua vinda era de Bristol, que os signaes da bandeira, como pegas, de que usára, foram em ordem ás senhas d'um filho seu, que da outra viagem deixára n'esta illa”. E quiz a fortuna que n'aquelle dia estivesse ausente da cidade, que a estar presente nunca o abalo causaria tanto espanto, e manifestando o que era poria em socego a todos.

Perguntou o governador ao inglêz por novas de Portugal, cuja resposta foi o querer elthamar o ajudante, que assistia no barco, que fôra de terra, para secretamente lhe proferir o que sabia; porém não pôde ser tão occulto que bem e expressamente deixasse de ser a todos manifesto e entendido. E as serenas palavras, em fê e testemunho que disse foram:

—“Que fazendo escala, na ilha de São Miguel era curto dizer-se, que á ilha de Santa Maria viera uma caravela de Lisboa, e que por uma carta, que o capitão-mór escrevera ao governador, Manoel de Sequeira Perdigão, que o era da ilha de S. Miguel, se dava por novas, que em Lisboa se preparava uma frôta para vir a esta illa”.

Ficou o governador, Manoel Nunes Leitão, tão assustado, que nem da sua prudencia se valeu; por que virando-se para os companheiros, sem attender ás circumstancias disse: *“Do ruge ruge se fazem os cascaveis”*.

E a poucos passos proseguindo todos, entre si na materia, se ouviu ao mesmo governador: *“Que nova esta para os ilheus!?”* . . .

Não faz duvida, que falsa e supposto foi a nova, em quanto ao modo com que se admitto; porque na realidade era certa; pois é indubitavel que a tal armada veio a cargo do general, Pedro Jaques, e n'ella foi embarcado el-rei; porem é inconterverso, que conforme ás antecedencias do proferido se ergue a consequencia d'uma verdade infallivel, cuja opinião nem sombras dava de contrária forma.

Aqui o valor a pique de eobarde se vio quasi nêo paroxismo, da ultima desconfiança, se acaso a obrigação do posto não alentára a ultima resolução.

Não assim os angrenses, cuja fantasia elevada ao primeiro discurso, ali parou sem voar ao formal juizo da melhor e maior razão; e tanto assim, que quasi arrojados alguns, não com duvida o presumiam, mas como verdade o julgavam.

E como quer que até este tempo se occultavam as novas, com mais instancia se dedicaram todos a saber o que do navio se colhera: e por que nas primeiras apparencias se enlevam os mais perspicazes olhos, todos confusos nas antecedencias, inferiram quasi o infallivel da consequencia.

D'uma pequena faisca se fórma um voraz incendio; e tão grandes incendios que diluvis de fogo se não poderiam armar?

Se nos principios se atalharam as faiscas, por mãos de quem as podia apagar, nunca tantas chammas em seu auge laboraram!

Não neguem os angrenses, que aqui se houveram confusos; e não digam os assistentes d'el-rei, que medrosos não estavam.

Os angrenses fallavam o que ouviam, os criados d'el-rei, temiam o que se dizia.

Culparam-se os angrenses por muito fallar em materia tão gravissima, e não se criminalaram os criados d'el-rei, não por constantes, mas por que não houve occasião de lhes examinarem os peitos; não mereceram por virtudes, mas por que pareceram virtuosos.

Ereimo aqui se houveram examinar acções, sem se respeitarem animos, que muito peccassem os angrenses, sendo que em consciencia a fidelidade humana não offenderam.

Não os elevava o amor d'el-rei, por que bem sabiam o pouco fructo do seu imperio, antes anciosamente anhelavam a conservação de Sua Alteza, como dependencia de seus augmentos, paz e descanço; porém só molestos do pouco decôro, e menos respeito d'uma monarchia insofribel desaperavam.

Havia na cidade d'Angra um homem alfaiate de sua tenda, por nome Lázaro Fernandes, o *carangujeiro*, por alcunha, tão presado de *sebastianista*, que de todos fructo parte era tido e julgado por louco; por quanto não havia razão que o convencesse, nem patarati que não admittisse, já vaticinando nas cras, já prognosticando nos tempos, já finalmente vendendo o seu trabalho á vinda d'el-rei D. Sebastião; e como esta louquice lhe vinha herdada de seus avós, lhe ficava irremediavel a cura. Este, pois, deu no sistro de crer, que el-rei D. Afonso havia ser o que conquistasse a casa santa; e como alguns criados d'el-rei, supposto que os de menor fóro, a titulo de zombaria lhe encaixassem grandes conhecimentos d'el-rei, mais elevado até por santo acreditava.

O governador: Manoel Nunes Leitão, que teve noticia de suas parvas acções já de muito tempo lhe prohibira a entrada no castello; e melhor fóra que avexado lhe applicára o remédio de louco.

No tanto que este se vio fomentado das novas, á vista de muitos apaixonados, cegos, teve ao para no dia seguinte, 15 de maio, investir ao cirurgião d'el-rei, João do Prado Ribeiro, que quasi em termos de descompostura se retirou ao castello onde dando parte ao governador, se alargou na informação aos excessos de molestado.

Mandou o governador immediatamente reter no castello todos os criados do serviço d'el-rei; e por carta particular queixar-se ao vigario geral, João Rodrigues de Carvalho, em ordem aos ecclesiasticos; e ao juiz, João do Carvalhal, acerca dos seculares.

E como em uma e outra queixa não nomeava expressa, nem individualmente os sujeitos de que se offendia logo que o juiz recebeu a carta, subio pessoalmente ao castello, a propor ao governador lhe nomeasse da parte de Sua Alteza as pessoas de quem particularmente se queixava, ou lhe parecia serem suspectos á fé e lealdade do dito senhor; e outro sim lhe assinasse as testemunhas, e calidade do delicto; para que á sua instancia procedesse com a justiça a que era obrigado; e se convinha ser bastante a sua ordem, sem forma de processo, que a todo o risco e diligencia seguraria nas prisões, que elle governador determinasse, as pessoas, que lhe apontasse, fossem d'este ou aquelle ser e calidade, e lhe segurava obras n'esta materia muito á sua satisfação, e com tal empenho, que grangeasse a honra e merecê, que Sua Alteza costuma dar por premio aos seus bons e leaes vassallos.

Não quiz o dito governador declarar, nem deferir ao requerimento, e proposito do juiz, ou fosse por urdir maior precipicio aos angrenses, ou por temer se estimulassem os animos de todos em tal forma, que concluissem em uma desgracada e ultima resolução.

N'esta mesma forma se houve o vigario geral, e ainda com mais vantagem; por quanto, já neste tempo tinha recebido carta do bispo, que ent.º residia na ilha de S. Miguel, em como lhe estranhava o não ter procedido contra alguns ecclesiasticos que nas materias d'el-rei se intromettiam; quando o que se dizia em Angra ere o minimo que nas mais ilhas se contava; e tanto assim, que de pusillanimes e fracos motavam os angrenses. O certo é, que considerada a machina, a protecção divina amparou o effeito, por que a causa não prometia ao menos que um lamentavsi e desastrado fim (27).

Ordenou o governador, que os soldados acudissem com suas armas ao castello, e que n'elle as deixassem em quartéis separados; e outro sim aos officiaes d'artilheria, que logo se atacassem os mureiros das casas matas, a que delendem as entradas das portas do castello, e sobre tudo a porta principal em dobrada soldadesca da costumada; e n'ella fez continua assistencia o dito governador, com o tenente e ajudantes da praça.

Não lhe estranhavam os angrenses a cautella, porque bem conheciam o encargo da sua occupação, e com maior razão por lhes constar dizer o dito governador, que só dos velhos e maganos, como o *carangujeiro*, se temia e em defeiz d'estes se armava, e não contra os honrados e bem procedidos, que nestes tinha o seguro.

Porém, de dar ouvidos a lisongeiros era a nota que lhe punham; e alguns da muita prudencia, sem deliberação, se escandilavam.

Pode ser que a vista de um colgado compungira muitos inertes, pôde ser que o temor da vara refrára os desvarios dos loucos, e pôde ser em fim, que o horror das armas fizera tremer a todos, para que cada qual d'esta ou aquella calidade, desta ou aquella profissão se não adiantasse a mais do termino de sua esphera.

Mas como faltou o castigo aos inertes, que muito que com os nescios perigassem; e como faltou a vara aos loucos, não foi muito que sem consideração cahissem no precipicio; e como finalmente se

vio suspenso o effeito das penas, suspensos os actos da malicia que muito que todos d'este ou aquelle ser, e condição depozessem o temor á vista dos oppositos, temerosos indifferentes da opposição, por incertos do bom successo da victoria. Tinha o governador, Manoel Nunes Leitão, ordem de sua alteza, tanto a seu favor, que n'ella mandava o dito senhor a todos os ministros de guerra, fazenda e justiça lhe assistissem em tudo o que necessario lhe fosse, obedecendo ás suas ordens.

Não usou Manoel Nunes termos tão terriveis e necessarios do muito que podia, em virtude d'esta ordem, porque parece se não dava por seguro. Por uma parte via que deixando-o seu filho com toda a ancia, e cuidado maior lhe enconderára na despedida, que a todo o risco o viesse brevemente alliviar, e que sendo assim, eram passados os mezes da primavera, sem que noticia nenhuma d'elle tivesse. Considerava que Sua Alteza lhe promettera, que todos os mezes lhe havia mandar embarcação do reino, a saber do estado da ilha, e particulares d'el-rei, seu irmão.

Discursava que as resoluções da corte tinham dado brado na Europa por cujo motivo se devia acudir immediatamente á ilha, a segurar os animos d'uns e outros, a fim de atalhar as inclinações, que nos principios devidos se ganham ou perdem ou já a pôr em socego os inquietos, que suspiravam o desenganar; em cujos pensamentos enlevado, não alcançava a razão nem a causa para que se faltasse a esta obra tão precisa. Para attribuir esta falta a descuido, era fazer pouco do muito que eram os do conselho de Sua Alteza, heroes tão excellentissimos, que eram capazes de dar documentos a todo o mundo, como tão experimentados no valor e prudencia.

Para se dizer, que esta occasionariam os corsarios e perigos do mar, assim poderia ser, quando uma só embarcação se esperasse; mas que não podia cair em tantas, que n'esta ilha e na de S. Miguel a instantes se esperavam para a conducção dos trigos e cevadas da praça de Mazagão; por cuja falta estavam estas ilhas em geral tão exhaustas do provimento do sal e azeite d'oliveira, que foi forçoso por ultimo remedio valerem-se os mais possantes das aguas do mar, as quaes ferviam em tachos, de que tiravam no fim d'um dia até dois ou um punhado de sal, e este de tão pouca actividade, que apenas tinha o sabor, porque no effeito era tão debil, que em vez de preservar, inficionava.

N'esta forma vacillava o governador, e outro sim os companheiros, que nenhum d'elles apparecia com cara de sadio, mas antes tão enfermos alguns na fé, que não deixaram muitos de perigar duvidosos da salvação.

E esta vinha a ser a maior ancia do governador o considerar, que Sua Alteza lhe havia encomendado, como principal e maior encargo, a conservação da paz e amizade com os angyenses; e que no caso de qualquer dos seus criados se adiantasse na menor descompostura para com os moradores e gentes da cidade, que logo sem remissão alguma lhe fosse remetido debaixo de prisão. E como este preceito era tão forçoso, havia mister, dizia elle, precedesse o ultimo excesso, para que deliberado se arrojasse a romper em inimisade.

Havia-se ausentado nos fins de dezembro do anno antecedente de 1673, para a ilha de S. Miguel, o corregedor, Manoel Bicudo de Mendonça, que então o era d'estas ilhas; murmurava-se em toda a cidade d'Angra esta sua ida, de que o governador Leitão lhe não approvára; por quanto, já n'aquelle tempo laboravam os ditos a toda a lei; e foi muito, que constando a este ministro o excesso a que chegaram, não fôra bastante para que abreviasse a diligencia da correição, que o detinha, sendo que, a primeira ilha que tomou, vindo de Lisboa com o cargo, fôra S. Miguel, e convocára os seus officiaes para exercitar os actos do seu officio, como com effeito fez por mais de seis mezes; e por assim ser parece que n'esta segunda ilha o detinha o amor da patria, por ser d'ali natural, ou porque tambem amou a neutralidade, como muitos, e os mais discretos.

Não faz duvida, que a prevenção d'este ministro refreava os desvarios, que só consistiam no muito fallar, sem fundamento solido, e para este proano se entende bastaria a forma d'um processo, sem effeito de prisão, para que todos d'esta ou aquella calidade se accommodassem; pelo muito que temem os angyenses as justicas, em razão do dilatado recurso, que experimentam em suas causas; e como escarmentados das proclamações antigas, na falta do cardeal rei, seria facil conceberem tal temor, que ninguém usaria proferir a menor palavra em materia tão damnosa. Desculpou o governador a omissão d'este ministro, por não escandalisar outro ministro, ou por melhor dizer, por não offender a amizade com que uns e outros se ligavam, como parciaes no conclave de seus affectos, que a ser da facção contraria, não faz duvida tivera muito que sentir, e tanto que ao menos ficára deposto para sempre.

De como se começaram a aclarar as confusões, até em todo ser descoberta a verdade

Duraram estas confusões sem tino, e cada vez mais indecisas até nove de maio, dia em que portou em Angra uma fragata ingleza, vinda de Cadiz, a effeito de carregar trigos, pela grande falta que d'este genero de mantimento havia, n'aquella cidade.

D'esta appareceu uma carta, que traz princípios de sombras da verdade, por ser escripta por mão d'um mercador, que d'esta ilha se havia ausentado pouco mais de um anno; e como n'ella se continham particulares, em resposta das que lhe eram enviadas no patacho, em que fôra embarcado o filho do governador, se colleu haver chegado a salvamento a Lisboa.

E como esta carta não continha novidade alguma, nem palavra que o parecesse, nem menos o inglez, capitão da fragata, a contava, mas antes dizia, haver poucos tempos fallára com inglezes, camaras das que tinham ido de Portugal e lhe disseram, estar tudo em boa paz. Foi motivo para que afracassem os reccios, se bem alento para os criados d'el-rei.

Não foram estas novas bastantes para que o governador, Manoel Nunes Leitão, descançasse, mas antes já como vencedor, se ostentou aggravado contra toda a cidade d'Angra, prometendo grandes riuas e castigos; e sobre tudo inquirindo por alguns moradores as acções antecedentes de muitos, e não poucos, que necios e demasiados se houveram nos termos de fallar.

E para que em tudo lhe sortisse á pópa do seu desejo, chegaram nos ultimos d'este mez de maio dois patachos da costa de Guiné a refrescar, para conseguirem o fim de sua viagem a Lisboa, n'elles se resolveu mandar um criado seu, de quem fazia muito caso, escrevendo o que quiz, e fazia a bem de seu caso; e tanto além do que era na realidade, que se fez não menos que sitiado, e com tanto encarecimento que disse, estava n'aquelle castello para com a cidade assim como Elvas para Badajoz na viva guerra.

Estavam os angrenses tão limpos da consciencia, e na fé de tão innocentes, que á vista de tão extraordinarios modos, não fizeram a menor conta do que lhes veio a succeder; pois podendo ao menos por seu procurador resalvar-se, não só não avisaram a Sua Alteza de nada, mas nem ainda sequer a maior cautela a pessoa que defendesse a sua causa, no caso que necessario fosse.

E para que em todo á Moffina se avultasse, não houve uma só pessoa d'esta ou aquella condição, que se deliberasse por carta particular a escrever a quietação da ilha.

Não faltou suggesto, que expozdo-se a todo o risco, deixasse de declarar o muito que o governador se queixava, e o notavel aperto em que carecia seu risco, se bem que a vozes publicas não so applaudia victoria, mas ainda prometia vidas eternas; e para que tudo se diga, não menos que do crime de primeira cabeça os culpava.

Não admitiram os angrenses este aviso, (que muito houveram estimar) por que não esquadrinharam o péso da materia, nem previram o feito sem parte, nem menos consideraram a presumpção, que de sua taciturnidade se podia inferir, como se vera assim foi.

Varias razões deram, cujos fundamentos se estribavam na limpeza de suas consciencias; mas o certo é, que muitos innocentes morrem com culpa formada no juizo da terra, sendo que no tribunal divino estavam livres.

Fundavam-se que sempre haviam ser ouvidos; mas não mediram a distancia que por tão longa e difficil, era impossivel que seus brados se percebessem e quando assim fosse, por retardados, já não haveria logar de se admitirem, por ser em causa julgada; quanto mais deviam attender, como discretos, que as primeiras informações são mais faveis de admitir, e que só um invencivel poder da luz da verdade pode arruinar e desfazer, o que primeiro se percebeu com paixão.

Encomendou o governador aos mestres dos patachos, e ao seu criado, (que mandou por fiel das cartas) publicassem a toda a voz em Lisboa, em como estava sitiado: E elles assim o fizeram, e com tanta vantagem, que logo que chegaram desembarcou o dito criado do governador em Cascaes, já pela noite, e a toda a pressa foi ter com o mestre de campo, Antonio Nunes Preto, que então governava aquella praça, requerendo-lhe muito, que importava ao serviço de Sua Alteza mandal-o conduzir á côrte; por quanto trazia a seu cargo o importantissimo aviso que ao dito senhor fazia o governador do castello da ilha Terceira, por se achar nos termos de sitiado; que para elle dito mensageiro haver de embarcar fôra guindado pelas muralhas da fortaleza da Ponta de Santo Antonio.

E sendo tudo falso e supposto, o peor é, que como não houve carta nem aviso em contrario, recebeu ter tão inteiro credito, que a toda a pressa, e diligencia incansavel mandou Sua Alteza, se expedisse a armada, que para vir á ilha se estava aprestando.

Aos 4 de junho chegou da ilha da Madeira um patacho inglez, e deu por novas, que no dia da sua partida chegára áquella ilha uma fragata da armada a effeito de comboyar uma naveta da India, que alli chegára; e no tocante ao estado do reino, estava Sua Alteza de saude em boa paz, sem inquietação que o desgostasse.

Com esta nova socegaram os corações de todos, cada qual em seu modo, por que uns perturbados, no modo que sentiam, a pique da louca esperanza, mortaes no desejo, só no temor paravam, reduzidos do tempo, e convencidos da ignorancia; que supposto que a piedade d'el-rei os guiava, e o mal servido de seus criados, com os meios desacatos os tinha postos em desesperação; contudo não attenderem á

descrição dos homens, que pelo político das acções se governam; se ha pensamentos que os mudados não são para manifestos, com muito mais razão haverá conceitos, que não valham para proferidos.

Não assim os outros do bando contrario, que remando com os tempos ao som dos ventos, governados pelo norte da prudencia, sem ajuisar effeitos, não se arrojaram ás ondas do precipicio, nem m-nos desesperavam da salvação; e tudo por que esperavam no mar da confusão, ainda tormentoso, que o tempo lhes mostrasse o porto da luz da verdade.

E como a estas horas de longe o avistavam, navegavam como em mar de resas, rindo-se des que viam ancioso no pelago da ancia, tristes mofinos, e sem gôsto, e tão humildes, que n'elles tudo eram desculpas, e allegações de réos.

De como se viu manifestada a verdade

Sendo aos 29 de julho portaram n'esta ilha 9 navios vindos do Rio de Janeiro, comboyados da fragata da armada-Madre de Deos-de que era cabo tempo de sua partida do reino para aquelle estado assim por esta via se veio a saber a verdade, e n'esta occasião se decifram os problemas confusos.

E quem dissera ou julgára tão remontada a luz, e que de tão longe, e por taes rodeios havia chegar?

Em fim chegou, e não sei se para allivio d' uns, se para penas d'outros; e supposto que para mágoa de nenhuns, ao menos para receio de muitos.

Sabido o caso disseram pois:

Que sendo nos fins do anno antecedente de 1673, urdiram certos sujeitos, fomentados do embaixador de Castella, por alcunha *Botavira*, ou appellido, que tinha fallecido em Lisbôa, uma notavel conjuração, em que entraram parciaes certos fidalgos, senão titulares, alguns que provinham das da primeira e segunda classe, entre os quaes se envolvia um advogado, cujos pais eram oriundos d' esta ilha, de que lhe provinham algumas rendas vinculadas, que n'ella possuia, e lhe eram d'aqui remettidas, e que este pois, com o pretexto d'algumas cobranças estava exposto e apto a embarcar-se, trazendo consigo algumas ordens suppostas e falsas, tudo encaminhado a pôr el-rei em sua liberdade; e vinha a ser e ta a maior substancia, alem do muito vario e diverso, que outros proferiam, que não relato por carecer de solido fundamento, porque sempre se culpo por chimera o que carece da fórma dos dictames da razão.

Estando assim sortida esta machina, succedeu descobrir-se inconiendencia, e quer o vulgo, fosse por bocca d'uma mulher antiga, que assistia ao advogado, e que esta suspeitára mal d'elle, por o dito se embarcar para a ilha com grossos cabaedas de moedas de ouro e prata, que não condiziam com as suas rendas.

Mas o certo é, que de outra fonte emanou a corrente dos negocios.

Estando este já expedido de sua casa, quasi embarcado em uma caravela surta em Cascaes, esperando sómente a luz da manhã para partir, quando a toda a pressa pelas dez horas da noite chegára o tenente general da côrte, Antonio Coelho de Castro, com ordem a que se detivesse a caravela, e que o advogado fosse preso: E com effeito foi com outros mais, excepto alguns, que em salvo se poseram; nos quaes a poucos tempos se executou n'elles a justiça, que por tão capital crime mereciam (28).

E como n'estas materias, por de tanto pêso, se esquadrinham até os ultimos fios, se colheu, ou temeu, que n'ellas fossem mixtos alguns sujeitos assistentes em Angra, a cujo effeito logo a todo o risco ordenou Sua Alteza viesse á ilha com duas fragatas o general Pedro Jaques de Magalhães; e dizem que com ordem de levar certos ecclesiasticos, e muitas pessoas; sendo o peor de tudo, que n'esta assolação entravam, pelo que de pois se averiguou os mais innocentes.

Mas como Deos defende a innocencia, não permittio que chegasse o general por occasião das grandes tempestades, que no meio da travessia lhe sobrevieram, e tão feroces, que a grande risco o obrigaram a buscar a barra de Lisbôa, onde chegou com bem susto e assás trabalho; e por que depois houve alguns dias de bonança, o quizera Sua Alteza obrigar a que pretendesse segunda viagem; e estando em



Paço da Ribeira de Lisbôa

termos de a conseguir, lhe foi impedimento outra maior tempestade, em razão da qual ficou suspenso e frastanço aquelle intento.

Supposto que os angrenses n'esta tão alegre nova não obraram as publicas demonstrações de festas que deveram, tão os solemnizaram em seus animos, que o grande gósto lhes não deu lugar a tomar assento no modo com que a houveram celebrar; e esta, na opinião de muitos, foi o segundo erro, para que n'esta acção vissem os assistentes d'el-rei, que a fé nunca nos angrenses faltara.

Se bem diziam outros, que isso seria darem os angrenses por achados em materias de tanto peso, e que os apaixonados sem razão, como mais interessados no lance, não attendiam ao applauso, que menos o deviam aquelles que nunca desfaleceram; e quando Manoel Nunes Leitão dando-se por sitiado, não dava mostras de victoria, era porque talvez d'elle não dizessem os angrenses, n'esta demonstração poderiam d'elle murmurar.

Apenas que Manoel Nunes Leitão começou a perceber as primeiras apparencias da luz da verdade, e que todas estas faziam ao bem da sua cauza, se foi pouco a pouco declarando inimigo capital dos angrenses; e como alguns convencidos do tempo se foram pondo ao seu lado foi necessario não só seguir os seus dictames, mas apoiando os fundamentos da sua queixa e talvez para se desculparem a si culpar a outrem; e o peor é, que recordados das offensas proprias se deixaram levar tanto do odio, que não lhes escapou a minima acção d'aquelle a quem não queriam bem, que não acreditassem por culpa mortal, sendo que na quantidade vinham a ser uns minimos tão leves, que todos juntos não chegavam a fazer substancia em que se podesse formar delicto.

E como n'estas empresas se grangeavam os creditos proprios com descreditos alheios, para o governador se acreditar de mais fiel, não teve escrupulo nem os seus sequezes para deixarem de criminalar aos que lhes pareceram, e de que não tinham bomceito, por inficis; para cuja prova, já com ameaças já com promessas, já com caricias foi examinando o interior de todos, e em particular os animos d'aquelles com que de portas a dentro se achava.

E como Manoel Nunes Leitão para esta diligencia tivesse o melhor e mais sufficientissimo modo, que vinha a ser o socção, e sobre tudo o desafoço, com tal cautela, que punha o pé sem deixar pegada; porque com o me mo semblante com que dantes tratava aquelle contra quem machinava, com o mesmo e dobrada afabilidade o tratava depois, até em todo findar a obra do seu intento.

E como assim fosse, não foi tão de balde esta sua diligencia, em que se occupou por muitos dias, ou por melhor dizer em todo o tempo d'esta sua occupação, que a poucos passos não descobrisse peccados tão gravissimos nos seus mesmos, que lhe foi preciso pôr em seguro, e a bom recado tres sujeitos um dos de menor fóro, o qual mandou metter no calabouço pequeno do castello, com prohibição de que pessoa nenhuma, de qualquer qualidade ou condição que fosse o communicasse, e que tudo o que lhe fôsse a prisão de sustento para a vida se visse e eraminasse.

Os outros dois, que eram do fóro mediano, com serem irmãos, mandou dividir em casas separadas um do outro, com a mesma prohibição; cujos apertos denotavam crimes tão gravissimos, que d'elles a morrer distava pouco.

Estas prisões pozeram em cuidado todos os de dentro; e supposto que se quizeram esquadrinhar os motivos d'ellas, não se deu por hora razão cabal, que concluísse em assumpto verdadeiro; com o que se veio a entender, que aquelles tres viriam a fazer as partes de reclamios, e que o seu cantor atralhiria muitos ao laço: E na verdade, não philosopharam mal, por que assim foi pelo que o tempo mostrou depois.

Deixemos por ora o emblema assim confuso, por que os tempos ao diante o decifração patente á vista das obscuridades em que no estado presente se anima.

Chega a Armada, inquieta o temor a todos por tal estílo, que ninguém se dá por seguro

Aos dez de agosto, a horas de vespera, chegou ao porto d'Angra, fóra das pontas a fragata—Piedade,—de que era commandante Francisco Ouedes Ferraz.

Ancorou esta tão surda, que não fez caso do castello, em ordem á salva d'artilheria, como é costume; e que todos notaram, por conter em si misterio estranho.

Foi a ella barco do despacho, com o ajudante, o patrão da ribeira, no modo que se costuma.

Não quiz, porém, o commandante admitir a seu bordo nada, antes se houve com tão nova invenção, que só disse ser fragata da armada que vinha correr a costa.

Attonito sahiu o despacho, admirado do extraordinário modo com que fóra tão desabridamente expellido.

Não deixou o susto de dar abajio, se bem pavor em uns, receio em outros, e o peior é, que gosto e prazer em muitos.

Assim suspensa, como figura muda, esteve esta fragata dois dias sem lançar lancha a terra, nem da terra admitir recado algum, apenas e por muitos rogos recebeu uma carta de Manoel Nunes Leitão, mas com tanta vigilância, e cautela, que logo se mandou afastar o batel, perseverando ao largo todo o tempo que foi necessário para a resposta da carta do governador, que foi breve, sem declarar conceito algum em que se houvesse fazer reparo e só dizia que no particular das novas de seu filho, Manoel Nunes, estava de saúde.

Aos dōze do mez appareceram tres fragatas, dois patachos, e uma caravela; e como n'este tempo andavam á vista do porto os navios do Rio de Janeiro, que em razão das borrasças lhes não permitia o seguro da ancora, por estarem surtos muito ao mar, não se poz bandeira de campo, signal de rebate; por quanto se sabia a certeza dos navios que eram: e é de notar, que foi o ardil de Manoel Nunes Leitão tão odioso, que a toda a pressa mandou se pozesse bandeira, e se tocasse a rebate; mas como quer que o seu desvelo neste particular foi com ancia, fez com que muitos reparassem no modo e d'elle colligissem a maldade que continha.

Estavam n'este dia ausentes da cidade o capitão-mór, e sargento-mór, das ordenanças; e como é esfolo no tanto que o castello toca a rebate fazer o mesmo a cidade, se deu parte ao capitão João d'Avila, por mais antigo; e resolveu ser muito, e senso por quanto se sabia de certeza que os navios eram da armada, de que se não podia temer receio, nem damno.

E foi tão acertada esta resolução, que n'ella consistio não menos que a salvação da ilha; por quanto o general, Pedro Jaques, foi tão sagaz e ardisoso, que no dia d'antes tinha lançado na costa um homem pratico, como espião, a fim de se informar do estado da terra: E de feito andou incognito na cidade tres dias, mais admirado da quietação, do que recebido de ser colhido por tal.

Andaram as fragatas n'aquelle dia, e parte do outro bordejando á vista do porto, até que aos treze do mez pelas seis horas da tarde se fez na volta da terra a caravela, e por senhas se conheceu vir n'ella Manoel Nunes, filho do governador, tão festejado dos seus companheiros, como se em sua vinda esperassem o fim do seu remedio.

Logo que ancorou sahio á terra em um batel da mesma o dito Manoel Nunes que desembarcou no porto-novo, que até n'esta acção deu mostras do odio em que seu pae incriminava os angrenses; se bem o general estava tão ansioso, que ainda n'aquelles termos parecia não sorrir effeito a sua vinda; por que suppondo a certeza do levantamento eram muito poucos, (dizia elle) os cabedaes que trazia para a subjeitar por armas; e é certo que n'estes termos só o seu designio era tirar a pessoa d'el-rei do castello sem attender ao mais.

Cerrou-se Manoel Nunes Leitão com as novas e noticias, que lhe dera seu filho deixando em mera confusão os corações de todos, que attribuiram o silencio a disparar em uma extraordinaria novidade.

No dia seguinte, 14 do mez, pelas 8 horas da manhã lançou ferro a armada, mas não tão muda, que não deixasse de salvar a capitania, com onze peças; e com a mesma igualdade lhe satisfez a fortaleza, e as mais fragatas, que em sua ordem salvaram.

Apenas ancorou ordenou o general ao governador Leitão, lhe mandasse no dia seguinte alguns baetes, que lhe eram necesarios.

Assim o fez, e sem embargo do muito tempo, e travessia fez o governador aprestar alguns caravelões, que estavam no porto, e metter n'elles os officiaes de sargentos e alferes do castello, á ordem do general; chegaram estes pelas quatro horas da tarde a bordo da capitania; e por o tempo ser demasiado lhes não permitiram os mares atacarem-se com as náos, antes ficando ao largo com as lanchas lhes conduziram a gente da armada, que n'ellas se embarcou, que foram tres companhias.

Nestes termos sahio o general no bergantim, e em sua companhia o desembargador João d'Andrade, e o tenente general da corte Antonio Coelho de Castro.

No tanto que o bergantim perpassou pela ponta de Santo Antonio lhe mandou o governador fazer salva com quinze peças, e o castello de São Sebastião com nove, e os navios, que no porto estavam, que n'esta cortezia não faltaram.

Desembarcou o general no porto-novo, onde o esperavam o governador, o provedor da fazenda, o o capitão-mór, os prelados das regiões, e pessoas particulares.

E apenas que se saudaram uns e outros, se retiraram á parte, o general, governador, João d'Andrade, e o tenente general: O que entre si consultaram por ora se não sabe; se bem não faltou quem ouvisse dizer o general ao governador:— «Que elle não podia dizer a Sua Alteza achára a terra inquieta, quando tinha certeza do contrario».

Não deixou o governador de ficar suspenso, mas desculpara-se com a cautela, se bem appellára para os embustes que lhe tinham ajuzado.

N'esta funcção, por ora, montou o general a cavallo, para o castello, com seu filho Manoel Jaques; o desembargador João d'Andrade, e o tenente general se metteram em uma liteira; e guiados estes dois sujeitos por um ajudante do castello, se despediram uns e outros para o effeito, que ao diante se relata.

Entrou o general com salva de onze peças; e como el-rei já sabia da sua vinda, sahú ás janellas da galeria, onde o esperava na primeira vista.

Apenas que Pedro Jaques entrou na praça do castello se apeou, e com o chapéo na mão, sem reprimir as lagrimas, nascidas do affecto, foi proseguindo a palácio (29).

E sendo esta acção tão justa, e tão propria, não deixou de ser admirada dos soldados do presidio, não por que estranhassem a submissão em pessoa tão grande, mas pelo que haviam visto em muitos de menor esphera para com o decoro e veneração do mesmo rei a quem serviam; e sobre tudo o que mais mortificava a todos era o verem que o respeito e subordinação, que os criados d'el-rei rendiam ao general era muito mais sublime do que aquelle que usavam com el-rei; e como outro sim notavam que o general, quasi perplexo, titubeava nas ceremonias da sua presença real, e não assim os seus criados, cujo maior desvelo era a invenção do escarneo: aqui animavam as razões e causas da sua maior queixa.

Chegaram o desembargador, e o tenente general á casa do vigario geral, João Rodrigues de Carvalho, e da parte de Sua Alteza o houveram preso por inconfiante; a que o dito respondeu com susto: «*Eu traidor? Não acho que o seja!*»

E como n'estas materias não se permitem replicas, lhe fizeram represalia nos papeis e cartas que lhe acharam; e mettidos na liteira o foram depositar no Collegio da Companhia, com prohibição de não fallar mais que com os seus officiaes de justiça em ordem aos effeitos das partes.

Foi de tanto abalo esta prisão em Angra, que todos confusos se admiraram, e principalmente os assistentes d'el-rei, que n'elle tinham experimentado tão encarecidas finezas, que o julgavam pelo alliviador dos seus sustos; e tanto assim, que achando-se a casa exhausta de dinheiro para a contribuição das mesadas e gastos da cosinha d'el-rei, offereceu este ecclesiastico não só o dinheiro, com que se achava, mas ainda seus livrcs, que era o melhor que possuia; sem que n'elle se presumisse nem sombras de inconfiencia, nem ainda o menor temor de ruim suspaita, que tanto pode o ardil humano.

O certo é, que esta culpa, se é que a teve, lá se originou, e de lá trouxe a prova dos seus fundamentos; se é que as esperanças o enlevavam, cahiu com os mais; e se é que por relator se tinha das miserias, tropeçou no engano.

Da particular amizade e correspondencia que tinha com *Antonio Cabido*, lhe proveio este achaque; e como a correlação d'aquelle fidalgo com o bispo era tão proxima, quiz que a pique andou este prelado; e naufragára sem remedio, a não ser uma carta, que n'estes

exames se colheu, em que dizia: «*que em certa materia de negocio não soubesse nada o bispo*».

Ainda assim, uns presumiam, outros affirmavam, e muitos com receios não soegavam na segurança do livramento do bispo, principalmente o vulgo, que tinha por certo não escapar da ida, julgando que na volta da armada para Lisboa se fosse buscar á Ilha de S. Miguel, sendo que os mais capazes eram de opinião contraria.

Chegaram pela noite os caravelões a terra, desembarcaram as tres companhias e seus officiaes no porto, e conduzidas pelo tenente general, vieram marchando formadas para o castello, com tanto estorbo, que pozeram em confusão toda a ilha, uns de susto, outros de medo, estes temerosos, aquelles perplexos, emtanto que ninguém se dava por seguro, como ignorando o effeito de tanta machina.

Aiojaram-se estas companhias no castello, favor que o general fez á cidade; porquanto n'aquelles termos estava a gente tão perplexa, que no caso que os soldados quizessem obrar qualquer insulto, se atendeu que nem alentos haveria para a mais justificada queixa.

Logo no dia seguinte, 10 do mez, começou o desembargador João d'Andrade a processar a devassa, em virtude da queixa do governador, Manoel Nunes Leitão na qual nomeou sómente aquelles, que o seu odioso affecto lhe dictou por cumplices da culpa do muito fallar sem cautela; e como elle governador era parcial no intimo da amizade com um certo ministro, e este por sua vaidade havia grangeado



Castello d'Angra

bastantes inimigos, por comprazer ao gosto e vontade d'este tal ministro, carregou com todo o empenho nos sujeitos de quem mais se escandalisava, em razão d'aquelle tal, e n'estes somente que poz a rol cahiu o raio, que a não ser a forma da queixa, tão particular como foi, comprehendera por geral a todos os nobres da cidade d'Angra; por quanto não havia nenhum, nem ainda os religiosos, que n'este lance se podésse isentar da malha; e com taes circumstancias aggravantes, que poderam n'ellas muitos e muitos perigar, a não serem os fundamentos meramente desvanecidos por carecedores do fim que nunca podia ser obra que permanente fosse.

Em razão d'esta queixa do governador foram chamadas as pessoas, que elle nomeára por testemunhas da sua prova; de que resultou na noite do dia 19, depois da porta fechada, pegarem nas armas as tres companhias alojadas, de que se tiraram tres patrulhas, ou esquadras, a cargo de tres capitães das mesmas, para effeito das prisões, que abaixo se declaram.

Sahiram os referidos cabos do castello das onze para a meia noite, guiados cada um por um soldado do presidio, o qual conforme a cerimonia e uso militar sahiu em corpo sem armas nem espada, e buscando cada um por si divisos uns dos outros as pousadas dos sujeitos, que intentavam prender, foram os primeiros em que deram dois ecclesiasticos, quasi contiguos na visinhança, os quaes sem repugnancia nem alteração, que estrondosa fosse, livre e espontaneamente se entregaram.

E constando que tres seculares, que eram envoltos assistiam fóra da cidade em suas quintas, lhes foi forçoso aos executores a bom caminhar conseguir a diligencia; e ainda com mais razão por ser a distancia, em dois, menos de légua, e só a d'um se alargar a tres, que conseguiram com assás trabalho.

Chegados a effeito da execução da ordem, se houveram com um demasiado estrondo, (parece que raivosos do muito caminhar) mandaram abrir da parte de Sua Alteza, o que não foi bastante a nenhum desfallecer n'este tão apertado incidente; mas antes com todo o bom socego, modestia e compostura obedeceram, com razões demonstrativas do bom successo, que haviam ter no livramento da sua causa.

Estava um dos cumplices por acaso fóra de casa de seu pae, o que foi motivo para que o capitão, que tinha o encargo da prisão, excubiasse a toda a diligencia os aposentos intimos da moradia, com excessos importunos e modos de imprudencia; e sendo frustaneo todo este seu desvelo, transcendeu a ordem que levava em tal forma, que o que devêra obrar no filho executou no pae; e com imperio e resolução demasiada o trouxe preso em sua companhia, sem que lhe valesse a auctoridade de sua pessoa, e ser um des de maior calidade, nem menos o respeito de seus annos que já eram os da velhice.

Apenas, porém, que no dia seguinte constou ao bom filho a prisão escandalosa de seu pae occasionada por elle, a toda a pressa espontaneamente se veio offerecer á prisão; em cujos termos se avaliou esta acção na mente de todos, por generosa e fidalga, com tal credito, que foi louvavel, e por ella grande o dito prisioneiro affecto ainda dos seus adversos e contrarios.

Havia-se encarregado ao corregedor da comarca a diligencia da prisão d'outro ecclesiastico prebendado, a qual executou n'elle pelas cinco da manhã, levando-o ao castello, onde já se achavam os referidos, os quaes por ordem do desembargador se recolheram em diversos quartes separados uns dos outros com as guardas necessarias, mas não com aperto que notavel fosse, antes com a liberdade de falarem a todos, com tanto que não fossen com particularidades de segredo.

Ultimamente concluíram-se as prisões n'este dia, e nos mais com a de Lazaro Fernandes o *Carangujeiro*, (de quem já fallamos) executada pelo meirinho da correição, o qual logo que entrou no castello o mandou ir ante si o general Pedro Jaques, munido da curiosidade, a fim de ver com seus olhos o desengano das aerias e fantasticas illusões formadas na voz do mundo, com titulo e denominações de maximas, sendo que penetradas na realidade de sua substancia, não vem a ser mais que um ente tão breve, que não faz somma que avulte.

Isto se vio patente n'este Lazaro Fernandes, que sendo um pobre homem, e de tão menor esphera, que vivia do seu trabalho, sem mais cabaedas, que a tesoura e agulha, instrumentos de seu officio, tido e havido por louco nas parvas esperanças da vinda d'el-rei D. Sebastião: E sendo este tal, teve tal fortuna, que mereceu, não só na côrte, mas em todo o reino (e não sei se diga, que na maior parte da Europa) ter o nome de homem tão grande, que nenhum outro mais se lhe avantajava no respeito, calidade e riqueza; com o qual predicamento levava após si os animos de todos pela resolução de suas insolencias, que o faziam ser temido.

E como o general fosse tambem d'aquelles que assim o imaginavam, debaixo da fama vulgar, que tanto o acreditava, sem repugnancia, nem opinião contrária lhe foi necessario certificar-se com a vista, notando n'elle assim os modos da pessoa, como as pouco polidas razões, que não differiam das nes-



PEÇA DE MALACA

no Castello d'Angra

cias palavras d'aquelles que *pararam* os regis da p-filic; e *com* em todo desmentiam a fama alveiosa da voz do mundo, a nada do que se dizia da materia presente quiz dar credito; mas antes assim elle como o desembargador lá como entre si discursaram quasi n'este sentido.

Quando o *Caraquejeiro*, (diziam elles) bastou para inquietar uma côrte, e sendo nada mereceu o credito de muito, que muito que do muito e de tantos muitos fizessem caso os angrenses!

E quando os juizes, (tornaram a dizer) mais polidos, e os estadistas por officio erraram em tal modo, não é de admirar que os menos versados discorressem tão mal!

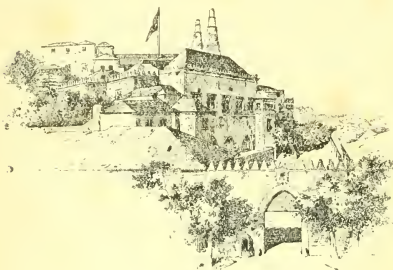
Com o que venham a concluir, que a falta da verdadeira noticia dera occasião ás monstruosidades, que em um e outro hemispherio se conceberam, e que tudo viria a ser uma prenhiz tão ridicula, que vindo á luz o parto d'ella viria a ser fêto sem alma, espirito sem alento, torse sem alicece.

Achava-se na ilha da Graciosa um ecclesiastico dos comprehendidos na queixa de Manoel Nunes Leitão, e como ateimou que em todos os nomeados por elle se devia fazer execução, e em particular n' aquelle sujeito, que verdadeiramente era o mais gravado

pelo desvario do fallar sem reparo, nem cautella, foi necessario expedir-se um caravelão áquella ilha, em que foi enviado um ajudante dos da armada, para effeito de ser preso o tal ecclesiastico; e de facto foi logo, e em breve demora voltou indo com os mais.

Pararam nos referidos as prisões, mas não os receios em muitos, que n'este conflicto a cada instante desmaiavam, vacillando a puro trespassse as angustias da ancia em que se viam, como quem esperava a minutos a hora, de dar senão a vida, ao menos a liberdade.

E foi este susto com:um quasi em todos os de maior ser, tudo o que vai dos 11 do mez até 22 da manhã em que se levou a embarcar o vigario geral, e na tarde d'este dia os mais prisioneiros, que se dividiram pelas cinco fragatas da armada, entregues aos commandantes d'ellas.



Paço Real de Cintra

Dia do apostolo São Bartholomeu, 24 d'agosto de 1674, pelas cinco horas da tarde, embarcou el-rei no *porto-novo*, onde havia desembarcado quando entrou na ilha, com mais decencia n'esta occasião do que n'aquella; por quanto sentado em uma cadeira rasa, pagando d'ella quatro cavalheiros dos da maior calidade da armada, o levaram suspenso nos braços até o porem dentro no bergantim, sem embargo das aguas e marés, que atropelavam.

Havia el-rei entregue a espada, quando se quiz embarcar, a Manoel Jaques de Magalhães, filho do general, e como se descuidasse de l'la entregar, logo que se embarcou, advertindo tel-a em sua mão já a tempo que o bergantim estava livre da praia, l'he foi necessario ao fidalgo metter-se pelas ondas com tanto excesso, que a mais do joelho l'he assombraram as aguas, até com effeito entregar a espada a el-rei em sua propria mão.

Repararam todos n'esta acção, pelo descostume das que haviam visto, notando a calidade da pessoa, esta para com el-rei, e moralizando a differença dos sujeitos que executaram outras para com o mesmo.

Proveu Sua Alteza no governo do castello, por fallecimento de Sebastião Corrêa de Lorvella, a Manoel Nunes Leitão; e como era forçoso que elle acompanhasse a espada d'el-rei, trouxe o general Pedro Jaques orden para que em nome de Sua Alteza desse d'aquelle governo ao mestre de campo Diogo Soares Pereira; e por que na côrte se duvidou o querel-o o dito aceitar, em razão de estar muito odioso com a principal nobreza d'Angra, se fez embarcar o tenente general da côrte, Antonio Coelho de Castro, com o pretexto não só de governar a infantaria e gente de guerra, no caso que fosse necessario lançar-se em terra; para o que tinha poder o general de l'he dar patente de mestre de campo, na forma que costumavam os generaes governadores das armas das provincias; e quando a tal diligencia fosse desnecessaria, e o dito mestre de campo, Diogo Soares Pereira, não aceitasse o ser governador do castello, ficasse n'elle o tenente general reterido, com os poderes, preeminencias e prerogativas de governador, com o soldo que tinha de tenente general, pago na côrte, e como o mestre de campo não aceitou o governo, foi forçoso ficar o tenente general n'elle.

Partiu a armada da ilha em trinta d'agosto; chegou a Lisboa pelos vinte de Setembro, com duas naos da India, que tinham chegado havia dois ou tres mezes á ilha do Fayal, em diversos tempos uma da outra.

Logo que desembarcou el-rei em Lisboa se foi aposentar nos paços reais de Cintra, já preparados, com um presidio de trezentos soldados, que lhe assistiam de guarda, com todos os criados e assistentes, que tinha na ilha; os quaes gozavam em todo suas meçadas na mesma fórma, e occupação que na dita haviam, e todos a cargo do governador Manoel Nunes Leitão, com o titulo de mestre de campo general da provincia e partido da Extremadura (30).

No particular dos presos da ilha foi necessario, em razão da erldade do crime, recolherem-se a palacio (31), com os quaes se procedeu *pró forma*, por se acharem sem culpa que mortal fosse.

E comprehendidos uns poucos da causa, em ordem a machinarem contra o governador Manoel Nunes Leitão, o qual não só não quiz ser parte na accusação do crime, mas antes com todas as véras intercedeu por elles, porém não obstante estes seus rogos, foram sentenciados a degredo os mais gravados que se acharam (32).

FIM



FALTA DE PROSPERIDADE



Leão Ivo de Talca. — Repara
no olhar daquelle dama?
Um olhar tão perspicaz, tão
vivo, tão esperto! Fala a le-
dura, e sem sombra de
daver p' aquella asido da deusa
do Sôphocles tem tomado o to

Leão reformado. — Aprova! Acenta n'ello o seu vigarro. Ah!
nos meus tempos da rubra, já eu tinha acentado tres, um akas
do culro! Eu não usava chachitos e nunca me felleu uma!

AMAR

PEÇA EM UM ACTO



PERSONAGENS..... 3

LYDIA.....	27 annos
JULIA.....	22 annos
SUZANNA.....	18 annos

A acção passa-se no tempo presente n'uma sala da casa de Julia

A scena passa-se n'uma sala espaçosa tendo grandes varandas que deitam para um parque

Lydia, 27 annos:

LYDIA—entrando pensativa (trazendo um livro na mão monologando).

Que prazer... que enorme satisfação! estou inspirada d'um d'estes sentimentos estranhos e impressionantes que me invadem a alma e que me acariciam o sangue! sinto o coração bater com tranquillidade mas com uma rapidez de quem vive mais rapidamente um transe agitado e violento d'um momento que pode tornar-se um periodo ou mesmo uma epoca. Precisamente este meu estado d'alma que só me perturba o coração, parece-me que sem o apreciar, sem ter a nitida certeza, já o senti quando era creança, quando tinha os meus sete para oito annos; e elle durou uma epoca; prolongou-se como se fosse uma phase do meu modo de sentir. Não via mal algum em coisa nenhuma... todos se queriam approximar de mim e eu presentia na approximação de todos a procura do bem estar, ao meu contacto da docura que se diffundia do meu ser infantil. Lembro-me que durou bastante tempo... talvez anno e meio; talvez dois annos. E' possivel mesmo que fosse mais. Agora é a mesma alegria sem expansão e sem manifestação apparente, e ella vai durar como durou a outra antiga...

Penso claramente e nitidamente, e contudo o meu pensamento não é diffuso como devia ser, para eu me achar tranquilla e segura das responsabilidades impostas pela sociedade.

A distração entra-me no espirito a occupar as idéas, adormecendo-as... para me lembrar faço um esforço e procuro muito, muito, muito... As idéas voltam-me á memoria; mas tão nebulosamente que me não deixam tranquilla... logo porém volta o esquecimento e fico mergulhada no tal bem estar das idéas doces que me fariam escrever um poema de felicidade se eu não sentisse a necessidade de as guardar como joias preciosas que se devem retirar da vista da gente cuja honestidade é desconhecida.

Como eu desejaria persequitar e sondar os phenomenos de pensamento e explicar os sentimentos que elles reflectem?... e que prazer o meu se eu detalhasse o mecanismo das emoções com precisão?... se eu presentisse a origem d'essas emoções? Eu realisaria a cura da neurasthenia pelo meio repentino porque teria tambem o segredo de substituir a idéa com a mesma rapidez com que ella nos surge sem o esforço persistente que forma a educação da vontade e traz a transformação dos pensamentos. Charcot com os seus estudos sobre o hypnotismo e sobre a vontade, abriu á medicina um vasto campo de trabalho para as curas por meio de hypnotismo ou suggestão da idéa, pelo somno ás pessoas atacadas de doenças nervosas, e hoje a psychotherapia ou o enfortalecimento da determinação por meio da educação do raciocinio, restitue aos individuos a saude physica pelo convencimento e pela suggestão lenta e evolutiva. Os proprios individuos adquirem a vontade a si mesmos pelas auto-suggestões fortes baseadas na disciplina e na execução de habitos adequados ás conveniencias. E a frequencia da gente que pela sua intelligencia, pela sua vida moral, pelas condições sociaes podem trazer com o seu

contacto exemplos auxiliares para os exercicios d'auto-educacão, está indicada. Creando o ambiente favoravel o individuo adquire o repouso necessario ou o isolamento indicado á sua saude impondo-se um horario diario de circumstancia; o mesmo acontece com os exercicios phisicos que a pessoa pode exercer regularmente como therapeutica para o espirito e para o corpo; e com o trabalho que a pouco e pouco volta a ser executado com a mesma intensidade que era executado antes da perda da vontade. Temos aqui o homem sem auxilio de medico ou d'outra pessoa, sem portanto a necessidade de etero-suggestões, adquirir pela educacão da vontade o meio util á realizacão das suas aspiracões. Isto é por assim dizer a maneira artificial de reobter a satisfacão e as forcas perdidas ás vezes na labuta pela vida. Essa mesma suggestão é empregada pelos professores nas escolas e as creanças são corrigidas dos seus defeitos, das suas tristezas, das suas indolencias, da sua falta de decisão... mas não ha nada comparavel a este estado d'alma natural sem o contacto de pessoa estranha, sem que a sua intelligencia seja uma determinante do bem estar que se sente adquirido com esforços e com systemas. É um agrado geral que surge com o pensamento e que prevalece a manter a sentimentalidade da gente sempre crescente. Que bem! Que delicia... A gente vive com o duplo prazer de se sentir cheia de saude quando essa saude não proveiu do convívio de ninguém. Não são agentes estranhos que a inspiram, não são agentes estranhos que a provocam, nem é preciso uma cura para a obter. Ella vem de nós mesmos com a suprema realidade da forca das coisas naturais e solidas. (*Dentro dos bastidores sente-se ruido e passos d'alguem que se aproxima*).

SCENA II

JULIA—22 annos—(*voz resoluta e impetuosa, sempre meio ironica*). Lydia! estou capaz de subir em aeroplano levando um cesto com viveres e transportar-me n'uma viagem rapida para alem dos Balkans, para as regiões orientaes, para a Asia menor, para o noroeste d'Africa. Assistir á guerra no paiz pairando a 300 metros d'altura! Ir ver as costas da Macedonia e estudar de perto a lucta que alli se trava; a disputa da terra pelos aliados e a defesa do territorio continental pelas tropas dos imperios centraes. Que impressão se não deve ter olhando d'um avião, Athenas com as suas velhas ruinas monumentaes, com a sua Acropole erecta qual outra cidadella vigilante da civilisacão. Pairar sobre Athenas em aeronave é ir buscar uma invocação sublime de culto, do bello da arte na forma mais synthetica e demonstrativa da civilisacão dos meios locomotores; no apparelho que resume em si a ultima expressão scientifica de transporte a longas distancias sem obstaculos, sem difficuldades de trafico que nos perturbe a passagem, no apparelho que rompe as regiões etheraes e infinitas e que nos mostra n'um raio visual extensissimo os trabalhos da humanidade para a solidariedade commum, para o bem collectivo, para a perfeição ideal das materias submetidas á intelligencia e ás conveniencias dos homens, e que nos deixa surprehender os deslumbramentos da natureza, sob infinitos aspectos e rapidissimos lances por uma forma constantemente nova. O sangue circula-me nas veias com abundancia; e eu adivinho uma vida nova abrir-se cheia de heroicidade! Successos a jorro parecem accorrer á minha vontade que se assemelha brotar d'este fluido activo de sangue quente, rubro e puro que me legaram os meus ascendentes e que percorre todo o meu ser. Decididamente estou inspirada da alegria de viver e da energia das almas heroicas...

LYDIA—(*sorrindo*) Mas donde te vem essa corrente magnetica de vitalidade? desde quando sentes tu essa exuberancia emotiva?

JULIA—Não sei, talvez a sinto ha um mez desde que estive no Chalet dos Vasconcellos á Rocha Escarpada. O sitio é dos mais poeticos batido pela espuma das vagas, acariciado por uma brisa que chega ao local coada por uma matta d'eucalyptos frondosos no meio da qual, n'um moio de terra atapetada de relva em que os malmequeres e as papoilas recamam o verde, se eleva no planalto o pequeno Chalet rodeado d'alpendres e de balcões, semi-cobertos de trepadeiras que descem das sacadas das varandas de madeira em quadriculos no estylo do seculo XVIII freiraico lembrando as janellas dos conventos, e revestem as paredes toscas d'uma construcção desgarrada em que se veem os cunhas sobrepostos, proprios das edificações campestres.

LYDIA—Estava lá muita gente?

JULIA—Não! a casa é pequena. Estava um primo da Maria Theresa. Mario d'Almeida Araujo, deputado e romancista, rapaz elegante, sympathico, um tanto pretencioso talvez da sua personalidade, de trinta annos; e a irmã, uma das grandes amigas da Maria Theresa, uma rapariga da tua altura de cabellos pretos e olhos escuros muito prendada em tudo que diz respeito ao mister d'uma boa dona de casa, desde o bordado, no qual ella é inexcédível, até á culinaria em que ella formula theorias sobre dietetica e sobre processos de cozinha pelo vapor com uma proficiencia d'hygienista.

Ah! minha querida, Lydia o clima na Rocha Escarpada é d'uma amenidade tonificante, que influa coragem e espirito alegre. Nós sentavamo-nos todas as tardes no jardim, n'umas commodas cadeiras de vime da Madeira, adornadas de almofadas fofas e de lá contemplavamos o mar tomando café. Todas

as tardes o espectáculo era diferente... umas vezes tinhamos um mar vasto e vasto aciarado por raios cõr de fogo que vinham d'um sol poente. Outras vezes os barcos de pesca cruzavam-se n'um mar agitado, salpicado todo de branco n'um vae-venh de rebentação de vagas. Outras vezes eram os vapores largando as ondas de fumo em novellos que se alastravam e confundiam com as nuvens e neblinas do horizonte; e as gaivotas esvoaçavam por sobre a abobda celeste como para completar a deslumbrante decoração das estrellas que começavam a scintillar com o cair da tarde e com o apparecimento das primeiras sombras da noite.

Eu que vivi sempre na aproximação do mar e que sempre que o contemplava me sentia invadida pela tristeza, na Roeha Escarpada senti que o mar me inspirava d'uma força estranha capaz de me tornar uma heroína... uma Joanna d'Arc, uma... eu sei lá, uma mulher nova na historia do mundo.

LYDIA—Bravo... Que entusiasmo! heroe-poetica já te vejo por uma fortuna pouco vulgar... heroica de facto é possível que se não faça tardar. Na historia da tua familia a heroicidade não é um caso excepcional d'idiosyncrasia. Desde as invasões francezas, á revolução de 5 d'Outubro passando pelas guerras civis e pelas luctas partidarias do Setembrismo e do Cabralismo, ha varios heroes da tua familia que se não deram o sangue pela patria expuzeram-no a ella. E creio que em 1640 um teu ascendente Miguel de Mattos foi contado no numero dos conjurados amigos do Duque de Bragança.

JULIA—E' verdade! a heroicidade nos Mattos é quasi um sentimento e uma manifestação de caracter atavicos.

Eu tenho mesmo ás vezes doentiamente por assim dizer um desejo de triumpho, de aclamação que me leva á loucuras e desatinos, estou certa d'isso, se fosse um homem.

Lembro-me então dos grandes conquistadores do mundo; dos Cesares, dos Philipes, dos Napoleões. E queres que te diga com a maxima sinceridade, desejaria ser homem. Sim, desejaria ter a acção livre dos meus actos, passar de ser criticada para commandar, para dirigir, para orientar as massas, os paizes e mesmo uma maioria da humanidade.

LYDIA—Não estás boa da cabeça?...

JULIA—Qual mal da cabeça?... Então dominar, impressionar, levar a confiança das massas a depositar em nós as suas aspirações nacionaes entregando-nos os destinos da nação ou da sociedade... então isto não são as supremas regalias dos individuos, os mais altos cimos das suas intellectualidades? Não devem as nossas vaidades, as nossas ambições, procurar satisfazer os nossos instinctos, e esses instinctos não devem impellir os individuos dentro d'este mare-magnum de choques que são os conflictos de classe, os atritos de castas, as luctas d'interesses, as melhores regalias que podem disfrutar na sociedade?... não minha querida... asseguro-te que tenho o juizo no seu logar. E repito-te com sinceridade: ha um mez que sinto vencer os atritos todos como se uma força desconhecida por mim me estivesse a fazer passar através d'esta charneca pedregosa e ravinosa que é a sociedade e me estivesse a approximar de meu ideal de dominação. Tudo em redor de mim procura como eu procuro a minha aspiração suprema; como aquella que convem á sua concepção pessoal da ambição que creou. Tu talvez não dês por isso, mas eu asseguro-te que n'este momento, ao fallar contigo a tua personalidade impelle-me para que eu me lance na conquista da realisação do meu ideal.

SCENA III

(Fallando da porta)

SUZANNA (18 annos)—Que entusiasmo é esse, meninas! Isto é que tem sido discursar... se vocês tivessem a idade de frequentar o lyceu eu aconselhava-as a matricularem-se, e depois de tirarem os seus cursos irem doutorar-se em leis para Coimbra. Palavra que vocês parecem-me oradores de tribuna... se tua mãe (voltada para Julia) me não estivesse tão interessada e amavelmente a explicar as receitas do "pudim Florentino" e da "salada furnense" eu já cá vinha assistir aos debates intrepidos e acalorados, mas não me foi possível deixal-a. Ouvei apenas a Julia fallar de aspirações, de sociedades e de ideias; e tu (para Lydia) dizeres que a cabeça d'ella não estava em perfeito estado de razão.

Continuem vocês, eu vou sentar-me tranquillamente alli n'aquella cadeira e ouvirei as dissertações das minhas amigas (dirige-se á cadeira). Não, vou-me sentar alli no sophá.

LYDIA—A nossa conversa não vae mais longe porque creio que Julia exgotou o entusiasmo e eu dou-me por satisfeita com as suas explicações e com a sua sinceridade...

JULIA (atalhando)—Eu não exgottei coisa nenhuma, menina: sinto sempre o vigor dentro em mim capaz de me levar em aeroplano ao Oriente.

SUZANNA—Ai, a conversa principiou por viagens em aeroplano. Melhor seria em zeppelins que são aviões seguros, construidos com as suas galerias e installações interiores aonde se janta, se dorme e se come como em nossas casaz.

JULIA—Como eu fallava em empresas audaciosas o aeroplano era o vehiculo que convinha para exemplo. Os zeppelins são os meios de transporte aereos os mais confortaveis certamente.

SUZANNA—Você sempre vão esta tarde á patinagem?

JULIA—A não ser que a mamã desista de sahir, a ida á patinagem está ainda no programma do dia.

SUZANNA—Eu talvez não saia! não me sinto com as disposições necessarias para patinar e ver gente. Que massada que é este mundanismo que força a gente a ouvir as historias que nos querem contar e que não interessam nada. Que me importa saber que a senhora fulana leva um vestido preto com apanhados de rendas, decotado em exaggero ao baile das senhoras sicranas; e que o senhor beltrano fez uma conferencia no Salão Avenida sobre os efeitos da guerra nas industrias e commercio dos alliados, que foi muito applaudida!?

E ainda estas são as melhores noticias que nos dão, mas quando se trata de apreciação, que tolices! que semsaboria! a fazer dormir um palhaço de tédio.

LYDIA—Mas menina para que é que ligas importancia a essas conversas? As conversas mundanas não são para apreciar, nem são para se acreditar n'ellas, são como discos phonographicos, cuja musica nos é conhecida, é deixal-os passar.

JULIA—Que infantilismo, Suzanna! que me importa a mim que me digam falsidades e calumnias se eu não as acredito e quando preciso ter a certeza de qualquer coisa informo-me com segurança de varias pessoas que me inspiram coniança. Até pelo contrario acho esse espirito mundano futil, despreoccupado e mesmo sem escrúpulos, se quizerem; util para a aprendizagem da vida ensinando-nos a reflectir e a ponderar antes de procedermos aos nossos julgamentos sobre as pessoas e os factos.

SUZANNA—Queres-me fazer acreditar talvez que é util ás pessoas ouvirem a censura dos actos que tem que praticar todos os dias pelas pessoas que se dizem as pessoas moares e que é d'uma grande escola d'experiencia escutar as outras pessoas que não pertencem a esta classe dos moralistas que fallam dos defeitos do seu semelhante com a maior ignorancia dos seus erros de caracter.

De resto eu não gosto de discutir estes assumptos: a questão principal e que me interessa é o facto d'ir ou não ir. Não estou com disposição d'espirito a sahir porque me sinto fatigada e preocupada.

LYDIA—Conta-nos as tuas preoccupações...

SUZANNA—Estou preocupada porque me vejo com 18 annos sem mãe, com um pae velho e doente que pode faltar d'um momento para o outro deixando-me entregue a mim mesma, sem familia, com uma pequena fortuna, que é certo me deixará viver bastante desafogadamente, mas que nem por isso é motivo para me inspirar uma tranquillidade absoluta.

LYDIA—Tu devias casar-te; mas casar-te com um rapaz que se dedicasse a amar-te como se o sentimento fosse um officio e o fizesse com a regularidade d'um funcionario publico na frequencia á repartição onde se acha empregado.

SUZANNA—Não estás muito longe do que são as minhas necessidades de vida, n'essa linguagem ironica.

Por vezes apparece-me ao espirito todo o isolamento da minha vida com as suas cruces e com as suas difficuldades, fico scismando se poderei jámais encontrar um marido que se apaixone por mim e por quem eu me apaixone; porque n'este estado de semi-tristeza em que me vejo a difficuldade é inspirar uma paixão. (*A Julia que sorri*) Tu sorris Julia. Pois olha que o caso é grave! Quando toda a gente encontra o amor e a retribuição do amor como sentimentos naturaes, physiologicos, expontaneos; eu busco o amor como conveniencia social e como necessidade sentimental, como quem compra um moel para decorar um quarto da sua casa por se ter quebrado o que havia d'antes ou por se achar que fica bem acrescentar ao mobiliario a peça em questão. Quando vocês me veem assim triste estou a pensar n'estas coisas todas.

JULIA—Pois não deves pensar. A mulher só deve pensar no casamento como n'um incidente mais ou menos natural da sua existencia que tem que se dar um dia. A sua principal preoccupação deve ser a sua educação como dona de casa e a sua educação profissional que são as bases solidas em que assenta a felicidade da mulher.

Evidentemente que a educação profissional só pode ser intensamente exercida nos meios em que as facilidades de vida do ar são proporcionadas á familia; entre nós onde os trabalhos domesticos são mochos e os utensilios de trabalhos pouco expeditivos, é certo que a educação profissional da mulher é a vida domestica.

Quando nós nos casamos o pouco tempo que nos cresce das nossas occupações nós empregamo-lo na vida mundana. E' então que a corrida ao casamento se nos apresenta, mas nós não devemos procurar-o mas sim encontral-o.

Quando acontece que uma coisa se perde, tu não vás passar dias á procura d'essa coisa; como quando se te esquece qualquer data ou qualquer nome, tu não paras a conversa por isso; continuas a tua vida ou a tua conversa; assim com o casamento é a mesma coisa; o namoro é um esquecimento á ambição da mulher na vida e ella deve aproveitar-se d'elle e não perder tempo com elle.

LYDIA—O' Julia tu fallas sempre por uma forma voluntariosa que não responde nada á verdade por factos na vida social. Ora o namoro é uma resultante d'amar e o amor é um sentimento forte que faz desviar as pessoas que o sentem, das suas preocupações habituaes.

Dois individuos que se amam, procuram-se, querem-se conhecer, desejam saber como pensam, a vida que fazem, as coisas que os preocupam e de que gostam. Nas suas conversas nota-se não só uma vontade de se relatarem mutuamente o passado como um desejo de se prepararem o futuro.

SUZANNA—Tudo isso é verdade; mas são tudo theorias: quando o amor que é sentimento e portanto susceptível de tomar uma forma especial conforme o temperamento de cada individuo; só pode ser explicado e nunca formado com explicações ou definições.

LYDIA—O amor, como tambem traz á gente uma alteração grande na vida, imprime-nos uma sentimentalidade a que nós não podemos fugir, com receios e inquietações supersticiosas para o futuro... (pausa grande).

Dize-me cá Suzanna: e n'essas tristezas que te acomettem não sentes tu um bem estar grande?... Um estado d'alma favoravel á tua saúde moral, deixa-me dizer assim.

JULIA—Tambem o sangue não corre nas veias por uma forma agitada e tu não sentes como se uma força grande te estivesse a impellir sob a tua vontade para grandes e complicados acontecimentos?

SUZANNA—Não!... Não! Sim.

JULIA—Sabem vocês que mais o que eu sinto é amor (*levanta-se enthusiasmada batendo as palmas com alegria*).

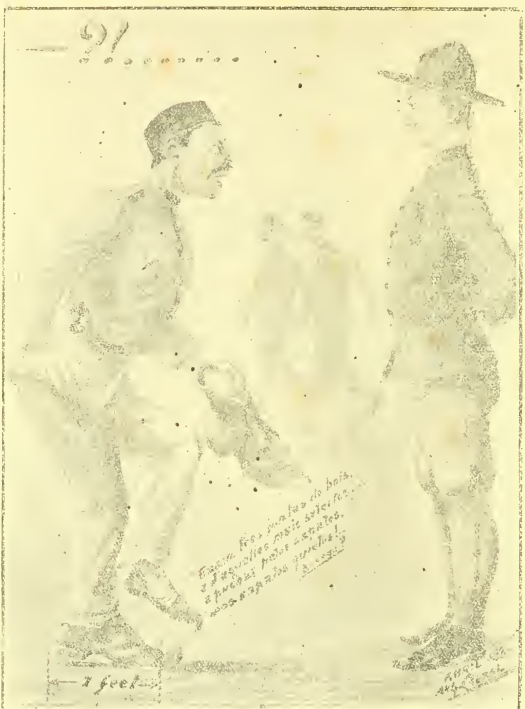
LYDIA—(*ao mesmo tempo levantando-se como se tivesse resolvido o problema*) Tambem o que eu sinto é amor.

SUZANNA—(*tambem a seguir levantando-se com um certo animo*). E eu tambem sinto amor.

(*Todas em côro alegremente*)

E' AMOR

Fyres Jacome Corrêa



— O camarada está a rir das minhas chancas? Ora, compare o lamenho do meu inhame com o lamenho d'este sapato, e logo acreditará que não deve julgar o interior do prédio pela frontaria. Como vê, não tenho culpa de me meterem n'esta.....par de bolas!..

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor D. Marcos de Noronha, Conde dos Arços, Grão Cruz da Ordem Militar de Aviz, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e Ultramar, gentil homem da Camara do Serenissimo Príncipe Real, &

EPISTOLA

Maeenas, atavis edite regibus
O' et presidium, et dulces decus meum;
Sunt, quos, & Horat.

Inclito Conde, Illustré descendência,
De Regia Estirpe Ramo Florescente.
Do melhor Tronco Fruto sem Fallencia:
Heróe, Filho de Heróes, que juntamente
Na penna floreceram, e na espada,
Na virtude, e no merito eminente.

Alma grande, Alma nobre e dilatada,
O Estado defendendo em arduas scenas,
Fiel a Peos, ao Rei, á Patria amada.
Honra dos Sabios, Gloria das Camenas,
Das Letras Protector, dos Applicados,
Dos Vates mais Mecenas, que Mecenas.
Vossos projectos são illuminados,
Vossos desgnios são bem succedidos,
Vossos avisos são assinalados.

Em marmores, em cedros escolhidos,
Em doirados padrões, em altos marcos,
Serão os vossos factos esculpidos,
O nome distinctissimo de Marcos,
Ha de marcar no Velho e novo Mundo
O glorioso Titulo dos Arcos.

Com respeito, Senhor o mais profundo,
Sofrirei, que a vossos Pés lançar-me atreva,
Que na vossa Bondade he, que me ajudo.

Que vos conte de mim, que vos escreva,
Que em vossas Mãos a minha Causa ponha,
Que a defendais, se defender-se deva.

A muitos não se faz vida enfadonha,
Eo mar a vida, nem a tempestade,
Se faz aos olhos seus jámais medonha.

Outros acham maior commodidade,
Seu nome dando aos bellicos assentos,
Sem temer de Bellona a crueldade.

Alguns gostam de ver seus rendimentos,
Que Ceres lhes metteo da lavra sua,
Nos divicos celloiros opulentos.

Outros pensam, que a Sorte lhes he crua,
Sem que o nobre Commercio os engrandeça,
Sem medo que a Fortuna os destitua:

Huns querem, que Galeno os enriqueça,
Outros as honras de Justiniano,
Cada hum segue o melhor, que lhe pareça.

Dos Literatos eu segui o plano,
Puz nas Humanidades meus estudos,
Sanches ameí, segui Quintiliano,

Aconselhado por Vtões sisudos,

Tomando a precisão por Medianeira
Tomei o Exame, e Informe por Escudos.

Candidato me fiz, e de maneira
A minha Petição foi despachada,
Que obtive de Latim esta Cadeira,
Lisã deixei, a minha Patria amada,
Dos Filhos, e Consorte em companhia,
De Neptuno segui a infida estrada.

Cheguei a salvamento todavia,
Posse tomei, entrei no meu Officio,
Por novo methodo, outra theoria.

E tenho a gloria, tenho em tim auspicio,
Em ser eu o primeiro, que hei creado
Nesta Ilha esta Cadeira, este exercicio.

Quarenta Marcos tenho já passado,
Instruindo desta Ilha a Mocidade,
Em que empregado tenho o meu cuidado.

Nisto gastei a mais doirada idade,
Aqui perdendo vou o viduo ao barro,
Que ostentava de rija equalidade.

Activo tenho sido, ao, bizarro,
E valendo-me sempre da saúde
Nunca ao ócio me dei, nem ao desgarró.

Obras composto tenho, quantas pude,
Bastantes dellas dado tenho ao prelo.
Uteis ao talentoso, uteis ao rude.

Com o dedo apontado he meu desvelo,
Louvam minhas fadigas litterarias,
Approvam, quanto meus estudos zelo.

Forças ingentes são bem necessarias,
A quem educa alumnos mais de oitenta,
A quem seis horas dicta lições varias.

Porem sobre isto tudo me contenta,
O numero grandioso de applicados,
Que esta Aula frequenta, ou que frequenta.

Contentam-me os insignes Magistrados,
Honram-me os sacerdotes respeitaveis,
Os doutos, e eloquentes Advogados.

Honram-me muitos sabios estimaveis,
Mestres, de quem fui Mestre Professores,
Que se fazem por si recommendaveis.

Se meus roros achais merecedores?
Da vossa singular Beneficencia,
Ouvi, Senhor, agora meus clamores.

Hoje não tem real correspondencia
A Real Intenção do Soberano,
Que o mérito Premia sem iallencia.

Cincoenta moedas por cada anno,
Que ora pareceo do Real Tezouro,
Para o gasto não dão quotidianó.

Com ellas se passava, e sem desdoiro,
Quando então se comprava em boa conta,
Hoje vende-se tudo a pezo de oiro.

Com a receita a despeza não confronta,
As vidualhas de infima entidade,
Levam o custo seu a grande monta.

Generos da maior necessidade,
Tem ao valor do quintuplo subido
Pondo na precisão a utilidade.

Alguns Collegas meus tem conseguido,
Nas ilhas seu augmento de Ordenado,
Sendo Allegado identico attendido.

A Sua Magestade hei apresentado,
Os meus Serviços, meu Requerimento,
Com provas curiaes documentado.

Deu-se ao Informe justo cumprimento,
Ao Chefe dos Açores remettido,
Que oxalá fosse ao Rio a salvamento.

A vossos pés me prostro comedido,
Arbitro Excelso, em quem acha soccorro,
O malfadado, o triste, o desvalido.

Esperançado a Vós, Senhor, recorro,
Soccorrei meu Despacho não injusto,
Perdoai-me, se em confiança incorro.

Sois Orgão do Monarca mais Augusto,
Sois o Manancial, por onde correm
Graças, Honras, Mercês, e quanto he justo.

Os meritos os mais distintos morrem,
Quando não ha Patrono, que os avive,
Quando não ha Poder, a que recorrem.

No Coração do Grande vivo vive

O fervor de amparar com seguranças,
Sem que de Grande ser jámais se prive.

Em Vós seguro minhas esperanças
Grande Arcos, que não pôdem ser pequenas,
Sede o meu Arco Iris das bonanças.

Sede o meu Grande, sede o meu Mecenaz;
Cantar-vos-hei em musicos accentos,
Se a tanto me ajudarem as Camenas.

E se approvardes meus poucos talentos;
Se o vosso voto honrar minha Poezia:
A's nuvens voarão os meus conceitos:

E com voz alta, cheio de alegria,
Cantarei vossos dotes soberanos,
Vossas virtudes, Nome e primazias.

Mais q' os Horacios, mais q' os Mantuanos,
Canta a fama aos Noronhas, canta aos Marcos:
Viva seculos mil, Nestorios annos
A casa Nobilissima dos Arcos.

III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor,

Beija as Mãos de V. Ex.^a

Seu mais humilde e reverente criado

Ponta Delgada.

Setembro 17 de

1819

O Professor Regio de Gram-
matica Latim da Cidade de
Ponta Delgada da Ilha de S.
Miguel.

José Pedro Soares

Soneto

Parroco insigne, meu amigo Alberto
Dos bons Parrocos luz, e dos bons Curas,
Que sabeis conduzir as Caturas,
O pasto pastoral com doce acerto;

Se huma ovelha fugio para o d. erto,
Largais noventa e nove já seguras.
E procurais aquella entre as impuras,
Por das puras fazer numero certo,

Sois esmoler, do bom amigo Amigo
A quem livrais dos tristes dissabores
Da penuria, desgraça e do perigo,

Eu prova sou dos vossos bons primores,
Do vosso liberal e bom abrigo,
Com que me franqueais vossos favores.

Soneto

Invicto Villa-Flor, a liberdade
Atégóra jazia moribunda,
Debaixo do terror da furibunda,
Da férrea, da funesta crueldade.

Agora resurgio a immundade,
Onde a victoria seus direitos funda,
E Maria, Segunda sem segunda,
O troféo arvorou da Magestade.

Vós, sois, Senhor, o Chefe da Victoria,
Gloria immortal das Ilhas dos Açores,
Que a Maria da Gloria dais a gloria.

Em fino jaspe com doiradas côres,
Ha de a Fama no templo da Memoria
Vosso Nome, escrever vossos louvores

A LIBERTAÇÃO NA ILHA DE SÃO MIGUEL PELO CONDE DE VILLA FLÔR

SONETO

Temos sido obrigados a calar,
Proibidos de ler, e de escrever:
Então para que são Mestres de ler,
E Cadeiras, que ensinam a fallar?

Frustrava-se o trabalho de ensinar,
Mallograva-se o gôsto de aprender;
Havia o que aprendeo desaprender,
Havia o que ensinou desensinar.

Não teria porém mãos a medir
Em Fábrica das rôllias o teor,
Para com as mordanças competir.

Mas queimaram-se as rôllias; forte dôr!
Quebráram-se as mordanças; quem quer rir?
Quem sabe lêa e falle sem temor.

GLOSSA

1

Fo mez outavo no primeiro dia,
A Aurora mais brillante se mostrava,
O dia mais alegre apparecia
De todo as negras trevas desterrava:
O memoravel nome de Maria
Em seu clarim a Fama annunciava,
O nome que atêgora por azar,
Temos sido obrigados a calar.

2

He Maria Segunda sem segunda,
Que imita nas virtudes a Primeira,
Do Luso Solio, em que seu Sceptro funda,
Successora Real, Augusta Herdeira:
Que o Ceo nos deo por sorte a mais jucunda,
Para nossa Rainha verdadeira:
Mas isto não podiamos dizer,
Prohibido de ler, e escrever.

3

Soffrêram as Sciencias decadencia,
Hiam-se abandonando os bens talentos,
Baniam-se os estilos da eloquencia,
Suffocavam-se os nobres pensamentos,
Criando hia raizes a insciencia,
Manquejavam das Letras os argumentos,
Dizendo os ignorantes com prazer,
Então para que são Mestres de lêr?

4

Epoca desgraçada! quem diria,
Que Portugal da sua idade de oiro,
A huma idade ferrea passaria,
Com vilipendio seu, com seu desdoiro?
No século passado quem creria,
Que haveria no seculo vindouro
Quem os estudos chegue a desprezar,
E cadeiras que ensinam a fallar.

5

Andava tudo n'hum desassocêgo,
Sem alegria, sem tranquillidade,
Ninguem tinha no espirito socêgo,
Nem se fiava em intima amizade:
Haviam mais amigos com emprêgo
Na sordida ambição da utilidade:
Poucos vinham as Aulas frequentar,
Frustrava-se o trabalho de ensinar.

6

Os espias, cruéis espreitadores,
Mettendo-se de noite nas escadas,
Escondidos nos vãos dos corredores,
Faziam-se invisiveis nas passadas:
Frequentavam-se as classes dos traidores,
Eram seus bons estudos as ciladas;
Se outros estudos hiam emprender,
Mallograva-se o gosto de ensinar.

7

Se hum Crêdor sua dívida pedia
Nesse momento logo era malhado;
Se o devedor pagal-a não podia,
De malhado tambem era acusado:
Com gosto a accusação se recebia,
E sem mais prova prezo e degradado:
E se aprendido tinha a honrado ser,
Havia o que aprendeo desaprender.

8

Se huma moda mostrava alguns feitos,
Quando não agradava, haviam brigas,
Hum certo olliar, humores ou assobios,
Huns toques, os pianos, as cantigas,
Tudo eram crimes, tudo desvarios,
Motivo de prízões, causa de intrigas,
O Mestre, que ensinou a bem cantar,
Devia o que ensinou desensinar.

9

As mesmas côres eram criminosas,
O branco, o azul celeste era damnado;
Eram côres do Ceo por isso odiosas,
E não podiam ser do seu agrado:
Agradavam as côres bellieosas,
O escuro, o côr de sangue, o encarnado;
Houve alguem, que as queria distinguir,
Não teria porém mãos a medir.

10

Eram as amizades suspendidas,
As companhias pouco frequentadas,
As sociedades foram proibidas,
As lojas, e as boticas ferrolhadas,
Os que queriam conservar as vidas,
As bocas ter deviam bem rolhadas:
Escolhendo talvez a seu sabôr
Da Fábrica das rolhas o teor.

11

Estávamos aqui com as mãos prezas,
Sem poder desatal-as opprimidos,
Expostos a morrer ou sermos prezos,
Soffrendo mil insuitos atrevidos:
E á custa de enormissimas despezas,
Favores esperando promettidos:
Era preciso as rolhas repetir,
Para com as mordanças, competir.

14

Das traições não tememos o contagio,
Os herpes se cortáram ás desgraças?
Cumpriram-se os triumphos do presagio,
Desvanecêram-se as hostis trapaças:
No Templo contar vamos o Trisagio,
E dêmos no Te-Deum a Deos as graças;
E ao abrigo do Insigne Villa-Flôr,
Quem sabe, lêa, e falle sem temor.

12

Porém graças aos Ceos, livres estamos
Do mão magello, funebre agonia,
Felices, e seguros nos achamos,
Debaixo dos auspicios de Maria:
Que ouvio e que aceitou nossos reclamos
Que esmagou da serpente a aleivozia.
Crescendo hia das rolhas o lavor:
Mas queimaram-se as rolhas: forte dôr.

13

O grande Villa-Flor nos patrocina
Que do Angrense Governô as redeas rege;
A nossa infeliz sorte se termina,
Para nos defender o Ceo o elege:
Já se correo do Oraculo a cortina,
A Razão, e a Justiça nos protege.
Não nos hão de as mordanças impedir:
Quebráram-se as mordanças: quem quer rir?

Lucias eleitoraes entre o Democratismo e o Conservantismo em 1870--74. Suas origens e seus efeitos



O que era a sardinha? Um bando de caprichosos nascidos nas salas das numerosas Sociedades que existiam na Cidade e que tinham alastrado a propaganda de combate á Camara Municipal que geria os negocios do Municipio e que findava o biennio. Essas Sociedades como eram a Sociedade Promotora do Progresso, e a Sociedade Recreativa, reuniam os seus socios ás noites e tinham por fim recreal-os com distracções aonde o estudo era o principal fim. Operarios na maioria, elles pugnavam pela melhoria das classes em todos os sentidos, quer economicamente, quer intellectualmente; e outras muitas Sociedades tinham sido fundadas com estatutos especiaes para esse fim como eram as sociedades Corporação dos Maritimos, Associação do Monte Pio, Sociedade de Soccorros, a Sociedade de Beneficencia Ecclesiastico-Michalense.

Tinham sido os movimentos republicanos d'Hespanha que tinham vindo dar uma orientação politica aos democratas e socialistas das organizações operarias. Não tendo até então pensado nas representações populares, porque a politica não estava no programma dos centros e porque os Candidatos dos varios partidos tomavam sempre os interesses de todas as classes indistinctamente; os operarios começavam a sentir a necessidade de terem homens seus que conhecessem bem a sua vida e que lhes defendessem as suas reivindicações nas Camaras. As revoluções d'Hespanha despertavam-lhes os desejos, e a forma republicana da Constituição do paiz vizinho que mais ou menos trazia o lemma da Republica franceza da igualdade, fraternidade e liberdade, estava-lhes a mostrar um movimento novo cuja orientação talvez fosse necessaria adoptar já que a velha organização administrativa do paiz tinha caducado depois da implantação do Regimen Liberal, a velha organização que em todos os Municipios garantia ás classes operarias a sua representação, tendo os seus delegados opinão nas decisões sobre taxação de preços de objectos e generos de consumo, nas estivas da venda de cereaes; influencia nas importações e exportações do commercio externo; emfim em todas as medidas respeitantes á defeza militar, serviços publicos e programas administrativos. O governo do Marquez de Pombal deu um grande golpe n'este systema, e trazendo para tablado politico o espirito e a moral do socialismo d'estado, trouxe tambem uma educação politica á sociedade portugueza que tornava para o regimen da administração publica nova, desnecessarias as preoccupações de classe.

São conhecidos os acontecimentos que vieram transtornar a engrenagem dos costumes portuguezes do primeiro quartearão do seculo XIX, com a invasão franceza, a occupação e administração inglezas, e a Revolução de 20. Mas logo que se nacionalisou novamente a terra portugueza estabeleceu-se de novo a lucta para o estabelecimento da vida administrativa e nós sabemos como n'essa corrente de internacionalisação de organizações politicas que se deram após o imperio de Napoleão no occidente da Europa, o Governo de D. Pedro foi buscar a divisão territorial e o systema administrativo e fiscal da França contemporanea. Era uma especie de demonstração e lição praticas de como não era o systema constitucional d'uma nação que lhe trazia um regimen d'igualdade de direitos de classe mas sim uma questão d'educação politica. D. Pedro e o seu governo talvez não tivessem sido comprehendidos porque a sociedade portugueza que succedeu ao periodo das suas reformas só distinguio dois regimens nas orgnisações politicas dos paizes modernos da Europa Occidental—o regimen liberal democratico e o regimen autocratico conservador. Era entre os partidos dos dois regimens que se começara a batalha em Hespanha, para o estabelecimento d'uma nova constituição politica, e agora, implantado o regimen liberal democrata, era pela forma do governo e da administração que se disputavam á força das armas os hespanhoes democratizados. A propria aristocracia hespanhola quando, a seguir ás primeiras revoluções que depuzeram a Rainha Isabel do throno, e a Regencia do Marechal Serrano, foi chamado o Principe Amadeu d'Aosta em fins do anno de 70, mostrou a sua hostilidade ao regimen realista acima do qual ella punha o espirito de nacionalismo á representação da pessoa regia.

Veiu depois da abdicção d'Amadeu, a Republica, e com o desejado regimen democratico para os republicanos hespanhoes as luctas pela forma da Constituição politica. Eram com as noticias que traziam os navios da Europa que os democratas de 73 da Sardinha nutriam os seus planos eleitoraes para as eleições Camararias.

A Loja Maçonica 1.^o de Janeiro tomou á sua conta a orientação do movimento.

Emquanto em Hespanha a fuzilaria deitava por terra em verdadeiras batalhas milhares de convictos republicanos, como no Portugal de 33 a liberdade e a autoeracia tinham-se disputado o governo, os

michaelenses pacifistas, inclavam pela representação democrática da Câmara, pela unificação e pela associação pregando uma só vontade—uma Câmara de feição.

Tinham elles razão?

A Câmara eleita e que desde principios de 70 a fins de 71 tinha gerido os negócios municipaes era composta de agrarios na maioria: João Leite Pacheco de Bettencourt, José Rebello Borges de Castro, José Maria da Câmara Coutinho, Matheus d'Andrade Albuquerque, Dr. João José Silva Loureiro, e Custodio Augusto Silveira da Cunha; a Câmara eleita em fins de 71 e que administrava o municipio desde Janeiro de 72 a dezembro de 73, e que foi a escolhida pelas classes laboriosas trazia uma composição de caracter commercial—gente que se não estava em opposição decidida com os conservadores agrarios, inclinava-se pela sua educação, pelas suas ideias e pela sua vida social com as classes cujos interesses elles queriam que elles representassem e defendessem. Eram esses vereadores João Soares d'Albergaria, Philippe d'Andrade Albuquerque, João Alvares Cabral, José Candido Furtado, José Joaquim Tavares e Francisco Barboza Furtado.

Como se verá adiante a nova Câmara não respondeu aos desejos da população e foi alterada em parte ficando mais accentuadamente democratica, com Henrique Ferreira Paula de Medeiros, Antonio José de Vasconcellos, Ricardo José Sequeira, José Jacintho da Luz, José Jacinto Rebello, João de Medeiros Bilarbeque e José Machado Estrella. Estes é que formavam dentro da Classe Socialista o clan em que estava entregue a defeza d'uma causa administrativa.

A Câmara eleita entusiasticamente pela Sardinha em 71, tinha continuado o programma da disciplinação de serviços publicos que tanto móvera uma corrente de opinião adversa e por isso nas eleições seguintes de 73 as difficuldades surgem contra certos elementos e a Câmara sofre uma recomposição, João Soares d'Albergaria o agrario mais liberal da gente conservadora e Francisco Barboza Furtado não voltam a occupar os seus lugares no illustre Senado Municipal de Ponta Delgada.

Os agrarios tinham por presidente um velho administrador Municipal que concentrára a sua acção administrativa nos serviços de construção, arruamento e embelezamento da Cidade em varias epochas; no biennio de 48—49 com João Botelho Neves Rapozo, Philippe d'Andrade Albuquerque, Luiz Jacintho Simões, Antonio Manuel de Medeiros da Costa Canto Albuquerque, José Correia Pinto e Luiz Francisco de Serpa, a rua Formosa cujo terreno fóra offerecido por Duarte Borges da Câmara Medeiros (Visconde da Praia), fóra aberta da Villa Nova á Rua da Canada, fóra encetado o programma d'alongamento do Campo dos Gados de S. Francisco (terminado esse anno) ligando pela frente do Castello de St.^a Clara e o Campo dos Gados com o centro da Cidade, tambem o outro mercado para a venda de fructas, legumes e generos agricolas e animaes é principiado no mercado da Graça em 48—49(?) com VICENTE Cymbron Borges, Marianno Machado, Ricardo José Sequeira, José Rebello Borges de Castro e José Jacintho da Luz, tendo já sido expropriada parte pela Misericórdia e parte pelo projecto das Obras da Docca a antiga cerca de S. Francisco, começaram a construção do Mercado em S. Gonsalo.

Ora estas obras de toda a utilidade social para a Cidade estavam ligadas com muitas outras de construções novas d'estradas, grandes reparações de ruas e estradas rurales, e installações de canalisações; Fajã de Cima, Charco ruas e estradas rurales, e installações de canalisações; Fajã de Cima, Charco do Ferreira para o Monte Gordo das Feteiras, para as Sete Cidades, Pinheiros, Alminhas, Arquinha, Negrão tinham sido locais beneficiados, abertos ou melhorados com canalisações por Comissões formadas com João Leite Pacheco.

Certamente que um homem ou homens que trazem atraz de si como paixão de reclame uma semelhante folha de serviços não poderiam vir encontrar a hostilidade das classes agrarias. Se elles fossem accusados de partidarismo politico ou de pouco escrúpulo para com os funcionarios publicos o que varias vezes se tinha já dado na historia administrativa do Districto, justificadas estariam quaisquer animosidades; mas de nada eram accusados os representantes da Câmara em 1871.

A unificação democratica hostilizando a Câmara formava-se em volta dos principios que estabelecia a vereação da Presidencia de João Leite Pacheco, principios que se submettiam a um plano definido de administração Municipal, e que agora começavam a lesar certas classes rotineiras, pouco argutas e obstinadas.

João Leite Pacheco de Bettencourt era um systematico da localisação de serviços publicos e sociaes, e sempre que occupava lugar na Corporação punha em execução o seu programma no qual elle baseava toda a ordem commercial na venda dos generos tanto para o comprador como para o vendedor, a commodidade social tanto para a mercancia como para o transitio e decoro dos habitantes, e hygiene da Cidade. O ultimo, alem dos mercados, que como já vimos, tinham sido obra de João Leite Pacheco; e agora o mercado de Peixe, que funcionava em local apropriado debaixo da Rocha junto ao Castello de S. Braz antes do começo da reconstrução da docca do Areal de S. Francisco desmoroado em 30 por um cyclone, João Leite e os seus collegas vereadores que tinham no primeiro bienni

de sua administração em 70 estabelecido por postura o decreto de 3 d'outubro de 1860 que mandava para evitar o abatimento de gados para consumo sem visita medica, e impedir que os locaes aonde se abatessem os animaes se tornassem imprprios ao transitio e anti-hygienicos, localisar a morte no açougue da Cidade para o consumo dos Arrifes, da Reiva, da Fajã de Cima, Fajã de Baixo e Rosto de Cão. Alem d'isso dentro do mesmo espirito e programma de disciplina social estava o regulamento da mesma data (25 de fevereiro de 1871) que estabelecia a forma do transitio dos vehiculos de carregação no caes novo pela travessa do Arco, prohibia a accumulção de materiaes de navios e cargas no caes, fixava em 3 dias o estacionamento dessas cargas importadas ou a exportar, 48 horas as madeiras importadas de qualquer parte da ilha, e impunha multas á varação dos barcos no varadouro da Caldeira a não ser debaixo de temporal reconhecida a impossibilidade dos barcos sahirem (toda a contração de postura era punida com multa variando entre 2 e 20 mil reis).

As vendas dos legumes que se faziam em innumeras casas adequadas a esse fim estavam ameaçadas de de-aparecerem em breve porque a Camara por decisão unanime em 21 de Dezembro de 1870 decidira levantar um emprestimo de 7 contos, para a construcção dum Mercado na parte este da Cidade centralizando a venda dos legumes dispersos por lojas e cuja resolução fora tomada em 2 de novembro anterior.

Ja no principio do anno a Commissão Administrativa estabelecera uma contribuição nos liquidos de venda a retalho visando os consumidores que levantaram celeuna: Os vinhos de Champagne



João Leite Pacheco de Bettencourt

Madeira e Porto pagavam 60 reis o litro; os termos carcavellos e equivalentes 25 reis; vinhos dos Açores 15 reis; aguardente (até 30 graus Cartier) pagava 30 reis; o alcool na mesma gradação pagava o mesmo, a cerveja 25 reis, o petroleo 15, o Vinagre 10, o azeite d'oliveira 40 e o de mamona ou peixe 25reis.

Estava n'estas medidas materia mais do que sufficiente para desagrar uma classe de grande influencia nas massas populares, a classe dos pequenos commerciantes de fructas, legumes, aves e caça.

A população mesmo da Cidade não comprehendia bem o alcance das medidas disciplinares da construcção do mercado, de restringir o matadouro dos animaes do consumo aos talhos e de estabelecer principios d'ordem no Caes novo.

Um ensaio mesmo resolvido na sessão de 12 de novembro de 70 para numerar e marcar com os nomes o Largo da Matriz e a Rua dos Mercadores a azulejos; mesmo essa medida proposta pelo Dr. João José da Silva Loureiro e estudada pelo Senhor José Maria da Camara Coutinho que era outra medida d'alcance destinada á ordem e á disciplina sociaes do Municipio deixou essas classes frias.

Para levantar os povos das Freguezias ruraes tinha bastado a postura de 27 d'agosto approvada em Concelho de Districto em 8 de setembro e publicada em edital em 25 de fevereiro de 71. Os vendilhões da Cidade e os intermediarios das freguezias tinham feito a obra.

Com essa gente iam as classes operarias, talvez hesitantes, porque a Camara era de feição ás industrias e misteres que ellas exerciam, mas enthusiasmadas pela democracia nascente que despontava na vontade dos eleitores, João Leite Pacheco de Bettencourt fôra um agrario edificador, um promotor d'obras publicas; n'esta administração tornára-se um auctoritario aos olhos das classes chamadas trabalhadoras acostumadas ao abandono de si mesmas, refractarias a qualquer imposição util, a qualquer disciplina social, repontando ao menor regulamento, como se a auctoridade fosse um cacete moral para castigar ignorantes ou bater em innocentes.

Assim a reeleição da Camara foi posta de quarentena e depois decididamente alterada predominando na Commissão gente categoricamente de principios contrarios aos agrarios.

Convidaram-se os candidatos, formaram-se as listas e organisou-se a propaganda.

Os mensageiros populares á causa administrativa popular eram como já vimos os vereadores que tomaram a gerencia dos negocios municipaes sob a presidencia do Dr. João Soares d'Albergaria, homens que se orientavam com outras opiniões e principios diferentes aos agrarios.

A população esperava muito d'elles.

Quando a propaganda aqueceu em favor da gente nova os occupantes dos cargos municipaes que se queriam fazer reeleger que viam a sua causa mal parada, decidiram, diz Supico relatando os acontecimentos d'este tempo nas Excavações da Persuasão, não realisar o acto eleitoral.

Por esta forma tornavam elles a composição do Corpo Municipal dependente do Conselho de Districto segundo o artigo 92 e §§ do Codigo de 1842 que dizia que quando o numero de votantes não era superior ao dobro dos vogaes que compunham as mezas provisórias e definitivas em todas as

assembléas a meio do pagamento, fariam a auto d'estes acontecimentos e circumstancias e entregava ao Presidente da Camara que o dava ao Governador Civil. Logo que não se verificava as eleições das autoridades administrativas era o Conselho que designava as Comissões. O Ministerio Avilla por decreto de 27 de Dezembro de 70 revogára uma serie de medidas do ministerio da Dictadura de Saldanha e entre ellas o Codigo administrativo promulgado em 21 de Julho do mesmo anno, o que punha outra vez a vigorar o Codigo do Costa Cabral. Por alvará do Governador Civil de 11 de novembro de 71 foram convocadas as assembléas eleitoraes para se proceder ás eleições de Vereadores, juizes de paz, juntas de Parochia e Juizes Eleitos.

As eleições de Vereadores e Juizes eleitos ficaram marcadas para o dia 12 de novembro, as de juizes de paz para 19, as das Juntas de Parochia e juizes eleitos para 26.

Eram cinco as assembléas para as eleições municipaes, a da Matriz, a de S. Pedro, a de S. José, S. Sebastião dos Ginetes, e a da Apresentação das Capellas. No dia 19 na Camara Municipal de Ponta Delgada deviam-se reunir os escrutinadores com as Actas da Assembléa.

João Leite Pacheco de Bettencourt assignava o edital com data de 26 d'outubro que foi affixado nos lugares d'estylo para conhecimento publico e publicado na Gazeta da Relação.

Os membros da Camara que occupavam nas diferentes assembléas da Cidade as Presidencias das mzas eleitoraes logo á primeira vista realisaram os effeitos da propaganda democratica e a derrocada em perspectiva dos seus planos eleitoraes. João Leite Pacheco de Bettencourt em S. José foi o primeiro a constatar o facto, quando o eleitor começou a affluir com a sua lista na mão ás 10 horas da manhã ao interior da Igreja preparada para o acto.

Nas outras assembléas nas freguezias ruracs passavam-se as mesmas scenas.

Procedeu-se ás eleições com lucta serrada de parte a parte, porque os partidarios dos conservadores votaram com afan tal que no apuramento a maioria da lista democratica fora apenas d'uns vinte votos. A quantidade porém era mais do que sufficiente para mudar a face das coisas. Hoje como sempre na historia da civilisação dos povos a naturalidade é um convencionalismo como todos os costumes sociaes estabelecidos na forma legal; 20 votos mudavam com a mesma auctoridade a face da situação politica do municipio como 1500 votos mudariam. Se a força da opinião não era a mesma, para garantia da mesma opinião um voto da maioria bastava para inclinar o prato da balança.

Estava vingada a causa popular e o triumpho da associação politica das classes operarias as quaes logo pensaram em constituir-se em partido sob o titulo de Sardinha.

Á Sardinha regosijou-se e aguardou os acontecimentos. A sua verdadeira vontade seria constituir os corpos administrativos, de gente sua, mas Roma não tinha sido obra d'um dia.

Na Junta pullulavam os agrarios ainda que Caetano d'Andrade Albuquerque, Ernesto do Canto, Barão de Fonte Bela e João Soares d'Albergaria, eram considerados liberaes, e observadores dos direitos das classes democraticas. Mas estava lá Henrique Ferreira Paula de Medeiros e Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde que valiam por muitos. Contudo a Junta Geral pouco fez em prol dos democraticas: tentou levantar o Commercio entre St.^a Maria e a Ilha de S. Miguel com a abolição dos impostos existentes para a entrada de todos os generos nas duas ilhas, que traziam o rendimento ridiculo de 20 mil reis e ao mesmo tempo eram o papão do intercambio; e tambem pugnano na senda da Junta de 65 pela instituição do systema militar voluntario na organização do exercito, mostrando os inconvenientes que trazia mesmo ao proprio serviço o systema pessoal, attendendo ao espirito, educação e temperamento dos ilheus.

A Camara Municipal é que respondia ao programma da Sardinha combatendo a disciplinação de serviços que constituiria o programma de politica municipal da Commissão da Presidencia de João Leite Pacheco de Bettencourt. Tomava para a sua administração a execução dos programas já em parte postos em execução por João Leite quanto a construcções e edificações publicas, mas aquellas que vinham aggravar os interesses dos vendedores e de muitos compradores como era a do mercado no oeste da Cidade para legumes, fructas e caças como fóra do programma, de 48—49 por occasião d' edificarem o mercado da Graça e como tinha sido votado em 70, essas não. Houve outra obra que foi reconhecida de mais urgente necessidade e de mais utilidade publica e foi essa que foi votada e posta em planta pelo Engenheiro Districtal, era a construcção d'um barracão para a venda do peixe que no este da Cidade, na Calheta, e construcção d'um varadoiro no porto pois que os barcos por occasião do mau tempo eram varados em plena rua.

Antonio Jacintho Botelho que era morador junto ao porto offereceu 500 mil reis d'emprestimo ao juro de seis por cento amortisaveis em quatro annos ao mesmo tempo que offerecia a madeira e a telha para a construcção.

Esta Camara que apenas offendeu a susceptibilidade da classe dos vendilhões pondo em execução uma postura prohibindo a circulação das aves pela Cidade, logo mesmo ao tomar posse dos ne-

gócios do município em 10 de Janeiro de 72, não proseguia nas medidas adversas aos democraticos da Cidade e arredores e guardou as contribuições dos liquidos como ellas estavam estabelecidas.

As eleições foram outra vez disputadas e a Sardinha teve uma representação que mais garantias offerecia á administração democratica.

Os jornaes todos acclamavam os successos e os seus victoriosos nos termos os mais elogiosos e honrosos; mesmo a Persuasão que como veremos a seguir se juntou aos conservadores agrarios e pu- gno no seu partido, fazia referencias aos factos que mostravam a grande admiração que encheu o espirito de Supicio n'aquella occasião.

O "Diario dos Açores" de Tavares de Rezende nos dias 11—12 e 13—14 de Novembro dizia que a occasião era motivo para regosijo pela forma como se tinha procedido ás eleições; que enfim se tinha chegado ao apuro de cada cidadão poder votar fosse por quem fosse sem compromissos previos e sem obrigações impostas por deveres partidarios.

O tempo de Costa Cabral e da tropa a assistir ás eleições não voltaria nunca mais.

O jornal sempre combatera a represalia como repellira a revolta e as propagandas exaltadas com os fins d'obterem as victorias eleitoraes; e que a verdade politica estava na pugna pelos direitos politicos dos povos e que esses, quando se não disputavam na urna usufruíam-se com o lemma do jornal que

era a "Ordem e o trabalho". Os artigos traziam ainda em apothese uma ultima ode á data dos acontecimentos na historia da Ilha pois que as "desiderata" electoraes estavam emfim obtidas e ficariam para sempre marcando as regalias do eleitorado michaelense.

Tinha o novo grupo democratico verdadeiras convicções republicanas e acompanhava elle a revolução hespanhola? que se propunha elle?—Uma representação nas Camaras.

O seu democratismo não era uma concepção politica; apenas os seus effeitos electoraes tinham sido uma causa democratica. A frente do partido estava o Presidente da Camara que fôra 23 annos advogado dos negocios municipaes e que dera a sua demissão para vir tratar d'elles administrativamente.

Henrique Ferreira Paula de Medeiros, Candidato a Deputado pelo Circulo de Ponta Delgada era o homem que convinha á situação; alegre de natureza e de espirito, nas mais graves e difficeis situações elle estava apto a anniquilal-as com um dito engraçado, uma tirada de humor. Filho de um medico que aqui n'esta terra vencerá toda a clientela dos medicos estrangeiros e Continentaes, pelo seu tacto, pelo seu saber e pela sympathia pessoal; elle fôra educado nas praticas positivas d'uma educação scientifica. A sua razão era clara, e se o seu temperamento jovial nem sempre encheu de convicção os seus amigos sobre a sua intelligencia, elle gozava na sociedade illustrada da Ilha um irremovivel lugar.

Pelo circulo da Ribeira Grande que comprehendia os Concelhos da Ribeira Grande, Nordeste, Povoação, Villa Franca e Villa do Porto, propunha-se um juiz de direito que exercera o cargo durante quatro annos na Comarca de Ponta Delgada, o Doutor Bernardo Francisco d'Abranches.

A situação começava a ser difficil em presença da attitude dos agrarios.

O ministerio Regenerador que estava no poder desde 13 de Setembro de 1871 tinha pela primeira vez a presidencia de Fontes Pereira de Mello com as pastas da Fazenda e da Guerra, esta ultima agora occupada por Antonio de Serpa Pimentel, Fontes Pereira de Mello ia na faina de restabelecer a ordem e o trabalho nos negocios publicos que fôra o seu condão desde a entrada para a politica activa. O Ministerio Loulé apoz a Jancirinha, a revolta de Saldanha que depoz o Ministerio e depois o ministerio dos cem dias da presidencia do Marechal e depois ainda o Ministerio do Marquez d'Avila de ephemera vida, tinham posto o paiz n'uma desorganisação cahotica.

De facto o credito restabeleceu-se logo e a riqueza publica voltou á normalidade com avisadas operações.

Formavam o Gabinete Fontes Pereira de Mello, Augusto Cezar Barjona de Freitas, Antonio Rodrigues de Sampaio, Antonio de Serpa Pimentel, José d'Andrade Corvo, homens todos que deixaram um rasto luminoso na historia politica do nosso paiz, comprehendem-se portanto os effeitos rapidos e fechos de tão illustre agrupamento.

O ministerio tinha a sua attenção presa nos acontecimentos d'Hespanha e não deixava qualquer



Mercado do Corpo Santo—Varadouro de S. Francisco

acto que se pode se considerar uma repercussão d'elles em Portugal sem a intervenção das autoridades competentes. Elles estavam bem prevenidos e advertidos.

A questão militar estava á ordem do dia. O campo de Manobras de Tancos foi um dos beneficios que resultaram d'essas vigílias governamentais.

Os Governadores Civis do Districto tinham portanto uma grande responsabilidade nas eleições de deputados como nas eleições administrativas. Não era só uma medida de garantia e integridade partidaria, era uma questão de ordem publica e de orientação nacionalista pois que muitas das ideias republicanas eram acompanhadas de internacionalismo.

Era o Districto de Ponta Delgada especialmente visado nos receios do Governo pois que a Sardinha estava-se constituindo em organização partidaria e havia ideias republicanas e democratas n'ella ao que corria.

Governava o Districto um dos nomes mais celebres da Historia Açoreana remontando a sua origem á colonização flamenga e desde então deixando uma pagina gloriosa em todas as epochas celebres da Historia das Ilhas.

Caracter nobre e escrupuloso da sua rectidão, elle ia gerir os negocios do Districto com a maior imparcialidade politica quanto á parte administrativa; nas eleições porem elle preside a ellas e prepara-as sob as conveniencias regeneradoras do Governo. Ligado intimamente d'amizade aos agrarios conservadores, elle juntou-se partidariamente dando-lhes todo o apoio governamental.

Os Conservadores estavam na Junta Geral com os liberais e tinham tomado a peito uma questão d'interesse economico-social pela qual pugnavam o partido democratico, questão velha de contribuições. Por designação do Conde da Praia da Victoria foi formada por alvará de 19 de Julho uma Commissão d'entre os Procuradores para apreciar a situação deixando de fóra Henrique Ferreira Paula de Medeiros

A questão resumia-se no seguinte:

A lei de 11 de setembro de 61 a partir de 30 de junho de 63 foi posta em vigor vindo substituir no Districto, os dizimos, decima urbana, subsidio litterario, quartas de maquia pelas contribuições predial, industrial, e renda de casa.

Os impostos extinctos no rendimento medio dos ultimos 10 annos tinha sido de:

Dizimos.....	80.592.800
Decima Urbana.....	7.896.916
Quartas de maquia.....	3.360.194
Subsidio litterario.....	<u>647.324</u>
Total...	92.497.234

As contribuições que substituiram os impostos em 1864 renderam :

Contribuição Predial.....	92.993.940
Industrial.....	9.097.201
Pessoal.....	4.699.590
Adicionaes.....	<u>25.205.663</u>
Total...	131.996.484

isto é mais 39.490.250 reis logo no primeiro anno!

Ora era notavel que a reforma de systema d'impostos tinha resultado para o Continente em *menos de metade* do valor que existia antes de 32.

Por outro lado a contribuição predial lançada no Districto tinha sido calculada em 8 por cento sobre as matrizes prediaes do Districto avaliadas em 1.154.700.637 reis e isto representava o maximo da autorização pela lei de 23 de junho de 63.

Tendo-se augmentado a percentagem de viação de 20 para 40 por cento acrescendo as contribuições para as despesas geraes do Estado, renderam as 3 contribuições com adicionaes em 1871—

Predial.....	151.048.413
Industrial.....	15.972.306
Pessoal.....	9.133.302
Total...	176.159.021

Em 72 as mesmas contribuições—

em 73.....	1.ª—132.282.045
	2.ª— 20.616.578
	3.ª— 9.063.703
	<u>161.963.703</u>

Total da diminuição..... 14.195.790

Dizia a commissão que a diminuição da contribuição predial era devida a diminuição do rendimento collectavel verificada pela ultimas matizes e em parte a supressão da contribuição extraordinaria que se cobrava por additionaes ao contingente annual era insignificante attendendo ao enorme numero de contribuintes e materia collectavel. O augmento na contribuição industrial resultante da lei de 14 de Maio de 72 e Regulamento de 28 d'agosto era exigindo 25 por cento sobre o anno anterior pois que nem a industria se tinha desenvolvido nem o numero dos que a exerciam tinha augmentado.

E ainda havia a attendere que a diminuição para o Estado da cobrança da contribuição predial tinha sido com vantagem compensada pela elevação na pauta das alfandegas na entrada de varios artigos e cobrança dos direitos em moeda forte, o que com o imposto municipal da Camara e imposto para a doça tinha importado em 272.873.984 assim distribuidos:

Para o Estado.....	175.518.464
Para os Municipios.....	35.712.112
Porto Artificial.....	61.643.408

Pagava pois o Districto 434.837.215 reis para o Estado, Municipios e Porto Artificial e havia ainda a incluir o rendimento da contribuição de Registo e Imposto do Sello que deviam augmentar com a lei de 2 d'Abril e 18 de Setembro do anno.

A Commisão achava as reclamações das classes laboriosas justas pois que eram em geral classes com industrias pouco desenvolvidas e auferindo poucos lucros e a lei submettia sem observancia de industria todas quer fossem exercidas em gremio quer separadamente e toda ella individualmente não podia pagar a contribuição pezada. A lei devia considerar industria a profissão que se exercia com lucros, regularmente e não accidentalmente. Ora muita gente ganhava pouco e só trabalhava muito pouco tempo durante o anno sendo justa a reforma do projecto de lei Brancamp (art. 10) apresentada á Camara a 21 d'abril de 70 isentando de contribuição officinas de varios officios.

E havia a notar que a diminuição com a adopção da medida para o Estado seria insignificante pois que 600 artesãos alfaiates, sapateiros e carpinteiros no Concelho de Ponta Delgada que era o maior, com additionaes davam ao Estado 600 mil reis: numeros redondos de taxas com seus additionaes.

A graduação da ordem das terras estabelecida pela lei de 30 de julho de 60, art. 7 do Regulamento de 27 d'agosto de 72 tambem era reclamada pela Commisão na forma seguinte:

Terras de 1.^a ordem comprehendendo 100 mil habitantes e mais

2. ^a " " "	50 " "	a 100 mil
3. ^a " " "	25 " "	" a 50 mil
4. ^a ordem comprehende 12 mil a 25 mil habitantes		
5. ^a " " "	6 " "	a 12 " "
6. ^a " " "	3 " "	a 6 " "
7. ^a " " "	1500	a 3 " "
8. ^a " " "	1500 e menos	

e enquanto se não fazia modelo assim na lei se alterasse para novamente a V. Franca, Ribeira Grande e Lagoa para 4.^a ordem, V. do Porto e Nordeste para 5.^a Tambem a maneira de minorar os males attribuidos á Cidade seria collocar-a tambem em 4.^a classe como já tinha sido requerido ao Governo.

Sobre a renda de Casa e Sumptuaria as reclamações ainda eram de maior justiça pois que applicar a taxa de 6 por cento ás rendas ou valores lucrativos das casas de habitação não inferiores a 10 mil reis nas terras de 3.^a e 4.^a ordem, de 5 mil reis nas terras de 5.^a e 6.^a ordem era obra para quasi todas as habitações do Concelho. A Commisão queria que a contribuição de Renda de Casa com valor lucrativo deveria recahir nas superiores a 40 mil reis nas terras de 3.^a e 4.^a ordem, e 20 mil reis nas terras de 5.^a e 6.^a ordem.

Este trabalho que foi depois inserto na consulta dirigida ao Governo no fim do anno do funcionamento da Corporação Districtal enquanto se estava a ultima foi por decisão da Commisão entregue a uma Commisão de Parecer. Ainda as Commissões filiaes formadas nas Villas sedes dos Concelhos e que representavam com os seus relatorios a opinião das populações Concelhias, não tinham terminado os seus serviços. Foi n'essa Commisão de Parecer de que fez mais parte Verissimo d'Aguiar Cabral e o Dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde, que entrou o candidato ás eleições do verão seguinte, o Presidente da Camara e o Chefe da Sardinha.

O Governador Civil soubera mostrar que a confiança no criterio e honradez dos individuos valia muito mais politicamente do que as conveniencias apparentes das escolhas partidarias para as situações politicas melindrosas.

Em 27 de novembro era n'uma das Salas do Palacio do Governo entregue o Relatório da Comissão na presença dos membros que o tinham assignado—Barão de Fonte Bella, José Jacome Corrêa, Guillerme Machado de Faria e Maia, Caetano d'Andrade Albuquerque, Ernesto do Canto, Gil Tavares de Mello, Verissimo Aguiar Cabral, Heitor da Silva Ambar Cabido, José Maria Tavares Ferreira e Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde.

Os jornaes deram noticia dos trabalhos da Comissão e a Persuasão deu mesmo publicidade ao Relatório na integra.

Os liberaes sentiram nos Conservadores da Junta uma attitude amigavel e subjugavam a sua propaganda eleitoral.

Tambem um outro facto veio descongestionar a acção dos democratas michaelenses; o Doutor Antonio José Marques Correia Caldeira que iôra pelas eleições transactas o deputado do circulo da Cidade, abandonava a candidatura propondo-se á eleição de par do Reino com toda a probabilidade de ser eleito por ser um partidario da politica do Marquez d'Avilla e Bollama que apresentara o seu testamento politico ao demissionar do ministerio.

Em 14 de Maio o candidato Regenerador pelo Circulo da Ribeira Grande dizia a José Jacome Corrêa seu irmão e chefe do partido Conservador que o Fontes lhe participára o facto acrescentando que o Marquez d'Avilla lhe pedira o circulo para o Doutor Venancio Augusto Deslandes então chefe d'enfermaria do Hospital de S. José. Pedro Jacome Corrêa dissera logo ao Presidente do Ministerio que a apresentação da candidatura de Deslandes pelo Circulo da Cidade era um cheque que o Governo se preparava e que pelo Circulo da Ribeira Grande, os seus amigos politicos na Ilha o propunham por lá.

Depois de varias hypotheses assentaram os dois que o Dr. Deslandes apresentaria a sua Candidatura pela Ribeira Grande, elle Pedro Jacome apresentaria a sua pela Cidade, mas que comtudo na Ilha o Directorio do partido devia de estar livre para fazer as alterações que entendesse se por acaso a eleição de Pedro Jacome estivesse comprometida, ou se apparecesse um candidato conservador com mais vantagens.

No dia 16 appareciam no Diario do Governo os nomes dos pares eleitos e lá estava incluido o nome de Correia Caldeira. A 18 escrevia de novo Pedro Jacome mostrando a conveniencia de alguém conhecido e de sympathia da população apresentar candidatura por um dos circulos com elle e lembrava o Dr. Ernesto Ribeiro.

No entretanto o Partido Conservador na Ilha escolhia o Visconde de Porto Formozo então em vellejatura em Colares. Antonio José Machado fôra um dos consultados pelo Governador Civil e pelo Chefe do Partido sobre a sua attitude e este escreve ao visconde n'esse sentido particularmente e independentemente do Directorio. Sabia-se que o Visconde do Porto Formozo com grande reluctancia accitaria a Candidatura.

O Hortense chegado a 20 de Junho a Lisbôa trazia a correspondencia da Ilha com os planos do Partido.

O Doutor Caetano d'Andrade Albuquerque Bettencourt dizia o seguinte para Pedro Jacome Corrêa sobre a situação politica por carta particular:

«Os trabalhos eleitoraes aqui tem corrido descuidadissimos por parte das pessoas que por tradição antiga tinham na mão o monopolio do suffragio. Na ultima eleição municipal correram os trabalhos com uma nonchalance condemnavel perante um grupo d'eleitores que intitulado-se partido popular e mostrando por isso mesmo que levantava uma bandeira de distincção de classes, ao vencer aquella eleição ganhou brios e de então até hoje não tem cessado de se organizar em todos os pontos da Ilha.

Pelo lado contrario nada vejo que se tenha feito para contrabalançar o poder nascente do partido novo.

Uns continuam a fiar-se na sua influencia outros nos seus bons amigos, mas a respeito de se constituirem em centro eleitoral, de preparar forças para o combate,—talvez tenham feito muito ás escondidas,—mas coisa que se veja e em que possamos contar, nós os modestos eleitores dedicados aos amigos nada me consta que se haja feito.

E quando na vespera da eleição quizeram pescar votos para a urna terão de ver como da outra vez, uns escaparem-se despeitados por só á ultima hora lhes fallarem, como a servos com cujo serviço se conta, e outros que, prevenidos a tempo algum serviço poderiam prestar, pouco mais levarem á urna do que o seu voto, porque, como as coisas aqui estão, de vespera não ha dedicação que baste para ganhar uma votação contra Paula de Medeiros e C.^a

Esta é a minha humilde opinião. Deus queira que me engane e que para o verão, dando ao meu bom amigo os parabens pelo seu triumpho, tenha tambem como insulano a alegria de ver este circulo de novo representando por V. Ex.^a!... N'outras palavras dizia pouco mais ou menos a mesma coisa o Senhor Henrique d'Andrade Albuquerque.

«Pelo seu prezado favor de 19 d' abril passado (Abril) vejo que divergimos, completamente de opinião pelo que diz respeito aos elementos de que dispõe o Henrique (F. Paula de Medeiros).

O meu amigo annullada a influencia eleitoral do Jacintho Gil, não vê nenhuma de pezo ao lado d' elle; e eu pelo contrario, vejo-a, e infelizmente bastante grande.

O partido de que o Henrique se constitue o chefe e a que chamam vulgarmente o—partido popular—é composto do commercio quasi todo; dos artistas; dos prejudicados com a lei de 3 d' Abril; dos despeitados por considerações fundadas e não fundadas; dos que por inveja combatem a distincção de classes; do povo enfim que vae levado á urna simplesmente por convicção em consequencia das asneiras que se lhe tem mettido na cabeça, e não por pressão, nem favor a pessoa alguma. E note que no numero dos prejudicados e despeitados vão incluidos muitos grandes, como seu tio o Sr. Antonio Jacome Corrêa, e segundo ouço rosnar Dr. Botelho e irmãos, Machados da Arquinha, João da Silva Cabral e outros assim.

Parece-lhe pouco tudo isto?

E para aggravar ainda mais a situação, fique o meu amigo sabendo tambem que o Henrique não tem desperdiçado um só momento para adquirir a sympathia popular, já distribuindo abraços pelos artistas em pleno dia e no meio da Cidade, já percorrendo na qualidade de Presidente da Camara, as freguezias rurais para tomar conhecimento proprio das necessidades de cada qual e prover a ellas. E emquanto o vemos assim e os seus a trabalhar por este gosto e por todas as formas, o que fazem os nossos? Apenas 3 ou 4 individuos guardando o maior segredo entre si, se resolveram a entabolar as negociações que sabe com o Jacintho Gil; mas isto mesmo se por um lado foi um bom serviço porque annullou aquella influencia, por outro lado produziu um pessimo effeito porque se scandalizou seriamente muitos amigos nossos que podem fazer muito e que justamente se julgam desconsiderados, pelo facto de nunca se lhes dizer uma só palavra—acerca do que se estava tratando.

S. Miguel de hoje creia que já não é o S. Miguel de outro tempo. Hoje considera o seu voto livre e independente para o poder dar a favor de quem muito quizer e portanto a maneira de trabalhar n'estas coisas deve ser totalmente diferente da que era no tempo em que bastava um simples aviso para trazer á urna os votos de todos os amigos e dependencias. Estarão todos os nossos convencidos já d'esta verdade incontestavel? Infelizmente creio que não.

Enfim, o modo como isto caminha poderá ser optimo aos olhos de muita gente, aos meus declaro com toda a franqueza e desgosto que se me affigura o peor possível; no entretanto, como ainda para a eleição de deputados aqui faltam uns poucos de meses é possível que as circumstancias mudem n'este meio tempo e que eu, no fim, tenha o prazer, o intimo e inexplicavel prazer de lhe dar um abraço de parabens pela sua reeleição de dignissimo representante deste Districto.

Os tres amigos que estavam trabalhando em segredo pela candidatura de Jacintho Gil eram Antonio José Machado, Nuno Botelho de Gusmão e Clemente Joaquim da Costa, todos elles homens d'influencia sobretudo junto dos meios em que a Candidatura de Henrique Ferreira Paula de Medeiros era atacada.

Tanto Antonio José Machado, como Clemente Joaquim da Costa centralisavam em Ponta Delgada importantes negocios commerciaes que lhes davam tanto na Associação Commercial como em todos os centros politicos e sociaes as primeiras opiniões nas discussões economicas.

Comtudo em principios de Maio Clemente Joaquim da Costa dizia que a bandeira dos foros era invencivel. Pela lei de 8 d' Abril de 73 o Senhorio era obrigado a abonar ao foreiro as contribuições correspondentes ao fóro como expressava o Codigo Civil no § unico do art. 1675; como porém nas ilhas por tradição o pagamento da dizima estava a cargo do foreiro este só podia exigir que o Senhorio lhe abonasse o que elle pagava a mais por effeito do aggravamento eventual das contribuições que tinham ficado a substituir o extinto dizimo.

A doutrina do art. 1675 § unico do Codigo Civil nunca tinha vigorado nos Açores porque isso exigiria uma alteração completa na rodagem do systema agrario que nem mesmo os açoreanos tinham querido por occasião de ser estabelecido o regimen tributario na organização nova da Fazenda Publica. Era portanto uma velleidade exigir uma alteração a uma forma equitativa estabelecida e que satisfazia plenamente a lacuna das leis que regulavam nos Açores as relações entre foreiros e emphyteutas. Mas por occasião da eleição e mesmo por lucta de principios partidarios qualquer ingenuidade servia de causa e originava muitas vezes discussões politicas.

Nuno Botelho de Gusmão dizia a mesma coisa sobre a Sardinha accrescentando comtudo que fóra da Cidade a bandeira dos foros não teria a mesma importancia que na Cidade; mas a corrente geral da opinião publica era que Henrique Paula de Medeiros o candidato democratico tinha a sua eleição certa. Em Lisboa o Governo queria obstar a que quaesquer elementos republicanos ou democrates pudessem tomar na Camara uma attitude que despertasse qualquer interesse n'esse sentido. Mesmo Correia Cal-

deira dísseza a Rodrigues d'Azevedo que Henrique de caracter leviano devia a todo o transe ser combatido na sua eleição porque podia trazer embarços tomando na Camara uma attitude decididamente republicana. As noticias de Hespanha não eram boas; o Marquez do Douro—general Concha—fôra morto, os rapazes de 12 annos estavam a ser chamados ás armas, os republicanos tinham soffrido varios reveses. Em Portugal o Governo tinha toda a confiança no Barão de Zézere apêz de ter havido no exercito alguns casos de insubordinação. Havia republicanos em Portugal e os partidos da opposição fiados que eram apenas theoreticas as doutrinas com fins democraticos e socialistas faziam causa commum com elles com excepção de José Dias Ferreira e o seu grupo que estava muito ligado a Barjona de Freitas e Brancamp, isoladamente, no partido progressista. Já o grupo dos Reformistas se dizia Republicano categoricamente.



O Dr. Henrique Ferreira
Paula de Medeiros

os proprios agrarios entregaram a sua influencia ao serviço da causa com os membros da Junta que tinham elaborado o relatório para ser incluido na Consulta do fim do anno de 73 ao Governo; e ás questões commerciaes sobre a venda de fructas e legumes, com a orientação da Camara, tinha sido feito tabua rasa; de maneira que as opiniões estavam aterradas, attenuadas as causas de divisão de principios partidarios.

Contudo, pelo Circulo da Cidade, Porto Formozo que influiu junto do partido Regenerador para que fossem incluidos nas Comissões de Recenseamento elementos commerciaes e que alem d'isso gozava já independentemente de qualquer orientação politica de certa sympathia, oppunha uma resistencia importante ao Candidato a quem o partido popular desejava outorgar a corôa de triumpho como recompensa dos serviços partidarios, o qual ao mesmo tempo representava a ligação de sequencia dos trabalhos encetados; e estes deviam continuar a marcar a sua orientação e o seu programma na politica do Paiz.

A propaganda eleitoral fervia em todas as Freguezias. Os conservadores tinham grandes influencias e levavam de vencida a causa partidaria. Ella já estava imposta no Circulo da Ribeira Grande em junho sem duvidas nenhuma sobre o resultado e na Cidade tomava aspectos bem feios para os populares da Sardinha.

As artimanhas tambem eram lançadas sobre o eleitorado com calculo e decidido interesse. Cito esta que ficará sempre como prova da arte d'angaiar adeptos nas freguezias ruraes pelas auctoridades em 1874.

Quando o Presidente da Camara e Candidato a deputado pelo Circulo de Ponta Delgada andava em viajata politica pelas freguezias do Concelho em St.^a Barbara de St.^a Antonio o cura do pequenino lugar que trabalhava por que fosse instalado um cemiterio n'elle pois que o de St.^a Antonio ficava distante assegurou ao Doutor Henrique F. Paula de Medeiros que a gente do lugar votaria com a sua lista tendo a certeza que o cemiterio era construido. O Governador Civil que soube que a isca eleitoral de St.^a Barbara era o Cemiterio e tendo boa vontade de recomendar a sua construcção á Junta Geral para que esta soccorresse a Junta de Parochia de St.^a Antonio, pediu ao Doutor Emilio Avellar acabado de ser despatchado sub-delegado de Saude no Concelho inspecionar as vendas das freguezias do noroeste da Ilha e aproveitar a occasião para fallar aos povos sobre as garantias que o governo auferia com a eleição do seu candidato e dizia-lhe que o Cemiterio de St.^a Barbara seria obra feita se por acaso a eleição fosse provavel em St.^a Antonio.

Assim aconteceu; e o Padre ficando entre dois fogos decidiu-se a deixar o eleitor á liberdade de consciencia, que era ainda, quando o interesse positivo não trazia a moral civil a influir nas determinações sociaes, a verdadeira doutrina com que os christãos tinham fundado quasi dois mil annos de civilisação.

Os Directores dos Partidos por occasião das luctas eleitoraes tinham a seu cargo a distribuição das listas dos seus candidatos. Os diferentes influentes politicos nas aldeias recebiam as listas, faziam a distribuição pela sua gente, fallavam sobre os interesses que se ligavam ás eleições a realizar e as garantias que ia assegurar a eleição do candidato do partido.

Eram elles que tinham seguro na sua mão o resultado da eleição. Como elles eram em geral os grandes proprietarios ruraes ou mantinham estreitas relações d'amizade ou ligavam-se a elles por interesses varios, era aos agrarios geralmente que estavam destinadas as regalias eleitoraes.

O partido regenerador fundido com os progressistas preparava a batalha.

Na Fajã de Baixo era Jacintho Pacheco d'Almeida que com a propaganda cerrada de Francisco Borges de Souza—representante de velhos proprietarios da região do Egypto, com brázo d'armas e tradições historicas. Pacheco d'Almeida requisitava 100 listas para dividir com o Parocho e José Custodio que apoiavam os Conservadores.

Nas Feteiras era Manuel Pereira Soares e o Mello Sangrador quem tinha preponderancia logo que houvesse entendimento da D. Maria das Mercês Quintino d'Aguiar e com o primeiro dos medicos Avelares com o segundo.

Nos Ginetes era a familia Jacome Corrêa que remonta a origem de propriedade n'aquella freguezia á colonização pelos ascendentes no século XVI, que dispunha das maiorias desde que o systema eleitoral tinha sido estabelecido.

Nas freguezias do norte tinham influencia Antonio José Machado e os Alvares Cabral nas Capellas, Barão de Fonte Bella na Bretanha e José Raposo em St.º Antonio, José do Canto em S. Vicente, José Jacome Corrêa nos Feneas, e de todos os lados, ao mesmo tempo que elles recebiam as solicitações do Governador Civil para dirigir em as suas constantes insistencias aos influentes locais, estes respondiam que a propaganda tinha sido feita com actividade, que o eleitorado estava bem disposto a eleger o representante que satisfizesse ás aspirações do conservantismo tradicionalista. Em todo o Concelho na Lagôa os Machados de Faria e Maia e os Pereiras Athaydes garantiam o mesmo resultado, attendendo ás informações fornecidas de todos os lugares.

Na Ribeira Grande a lucta era de menor importancia porque o juiz Dr. Bernardo Francisco d'Abranches era uma pessoa estranha ao meio e sem convicções politicas, um candidato proposto ad hoc para trabalhar uma legislatura. Os proprios correligionarios o recommendavam friamente e como a sua cor de pelle dava lugar a dietos engraçados, grande parte do eleitorado não queria votar pelo *preto* porque já não era uma representação estranha á terra mas uma representação estranha á raça que era apresentada em listas.

Um dos homens que maior influencia tinha no Concelho da Ribeira Grande e que a dispunha pelo partido Regenerador era Antonio Manoel da Silveira Estrella que conhecia a administração do Concelho desde os negocios parochiaes á repartição da 1.ª auctoridade Concellhia por ter exercido todos os cargos publicos.

Antonio Manuel que representava um ramo das velhas familias ilhóas e que pela posição social que elle occupava e pelas relações que mantinha com toda a gente de representação n'esta terra, dispunha de todas as facilidades para a execução de qualquer empreza; Antonio Manuel era um homem modesto, affavel e de tracto captivante, de grande popularidade, esmolero, protector dos pobres e auxiliador de todos aquelles que para realisarem as suas aspirações precisavam um apoio de qualquer natureza.

O Circulo da Ribeira Grande abrangia os Concelhos do Nordeste, da Povoação, de V. Franca e de St.ª Maria com assembléas na Maia, Rabo de Peixe, N. S.ª da Conceição da Villa, N. S.ª da Estrella da Villa, S. Jorge da Villa do Nordeste, Achada, St.ª Mãe de Deus da Povoação, S. Miguel da Villa Franca e N. S.ª d'Assumpção da Villa do Porto.

O apuramento dos votos entrados nas Assembléas dos Concelhos era feito nos Paços do Concelho da Ribeira Grande pelas 9 horas da manhã do dia 23 d'agosto conforme o alvará do Governador Civil de 7 de julho do mesmo anno de 74 e segundo as determinações do decreto de 31 de julho de 1879.

Não estavam portanto na mão exclusiva de Antonio Manuel as eleições no circulo, a sua pessoa só garantia as eleições no Concelho e já não era pouco, os amigos que elle possuia nos outros Concelhos estavam dependentes de tantas orientações e opiniões que elle proprio não intervinha pessoalmente nel-las salvo se do directorio do partido lhe pediam em harmonia com algum plano politico d'interesse geral



Visconde do Porto Formoso

Não era só porém Antonio Manuel da Silveira Estrella e os irmãos que constituíam os baluartes electoraes dos agrarios no Concelho da Ribeira Grande. Clemente Antonio de Vasconcellos, descendente d'uma velha familia da Bretanha mas domiciliado na Villa era um dos grandes propagandistas dos interesses conservadores do partido Regenerador.

As Familias dos Velhos Mellos Cabraes e dos Tavares do Canto, o Doutor Francisco Manuel de Medeiros Correia e muitas pessoas cuja lista tornaria necessario uma outra orientação n'este artigo, eram outros tantos nomes que matizavam a lista bem nutrida da organização politica conservadora a que se dava o nome de *tubarões* nesta lucta contra a Sardinha.

Antonio Manuel da Silveira Estrella para a batalha eleitoral do tubarão contra a Sardinha escreveu aos agrarios domiciliados fóra do Concelho e pediu-lhes que lhe mandassem os seus homens de confiança receberem as listas e instruções, logo em junho, e que escrevessem aos influentes lcaes pessoalmente para ter o apoio d'elles. A situação em Rabo de Peixe dependia do P.^o Rezendes, do Capitão Tavares, Mauricio d'Arruda, o cura Galvão e Augusto Serpa. As recommendações para as Calhetas deviam d'emman do Leites Pachecos Bettencourt e para o Pico da Pedra Luiz Quintino d'Aguiar. O P.^o Rezendes de Rabo de Peixe estava em muito boas condições para ser ouvido no Porto Formozo aonde José do Canto e Dr. Francisco Machado de Faria e Maia tinham influencia e os Pachecos na Maia com José da Camara Leite o qual se correspondia com o Dr. Francisco Machado e com o Dr. Vicente Machado.

Antes do fim do mez o chefe do Partido remetia as listas e tinha a certeza que os negócios electoraes corriam pelo melhor porque era esta a affirmação que dava por certo Manuel Antonio em 26, depois de todas as negociações entabuladas com a gente das freguezias. Na Maia tinha-se dado começo aos trabalhos d'uma parte e havia a promessa que o Governo faria a reconstrução da egreja parochial. Nos Fenaes da Vera Cruz a questão eleitoral estava em volta de duas difficuldades para os governamentais; a primeira era que no ultimo recenseamento tinham excluído da lista dos votantes o nome do Regedor que exercia o cargo Bernardo Soares, o cirurgião João de Souza Figueiredo, o Professor Manuel Jacintho da Costa, o Padre Manuel Joaquim do Amaral e o Padre Manuel Moniz de Souza com mais Francisco de Medeiros Corrêa e Jacintho Ignacio Galvão que eram as pessoas de maior influencia da Freguezia fóra uns trinta e tantos ao todo que faltavam para os 108 votos que deviam formar a lista correcta; a segunda era que corria na população que se ia realisar o projecto de ha muito discutido na Junta Geral para uma divisão territorial que comprehendia a localidade no Concelho do Nordeste. A informação que dava o feitor do Senhor José do Canto do Porto Formozo que pedia 200 listas para repartir pelo Porto, Maia, S. Braz, Gorreana, Lombinha e Lomba da Maia dizia nos principios d'Agosto que por aquellos lados quasi toda a gente votava por Pedro Jacome Corrêa.

Todo o resto do Concelho parecia estar bem preparado a não ser Ribeira Sêcca aonde uma dúzia de meliantes andavam a fazer uma propaganda a favor do candidato democratico a todo o transe. Antonio Manuel pedia em 1 de Julho para que o Governador Civil mudasse a Assembléa projectada em S. Pedro da Ribeira Secca para a Conceição porque os electores da freguezia de S. Pedro aos domingos vinham tratar dos seus negocios á Villa.

Os dois candidatos da Sardinha percorriam os concelhos em propaganda politica sem algum successo: os manifestos repetiam-se por toda a parte á mistura com os comícios. Na Ribeira Grande a Estrella Oriental dando publicidade a um supplemento ao n.^o 34 do jornal e fazendo a declarada demonstração da utilidade da eleição de Pedro Jacome Corrêa sobre o candidato popular e rebatendo a argumentação dos jornais de Ponta Delgada mostrou verdadeiramente que o elemento sensato da sociedade ribeira-grandenise estava sinceramente conservadora. Era o redactor Gualberto Soares Vargas escriptor conciso, vehemente e severo, dizendo com argumentação poderosa e judiciosa as verdades muitas vezes cruas. O apello ao eleitorado calou fundo no seu espirito e foi mais do que sufficiente para anniquilar o trabalho do outro candidato. A Persuasão de Ponta Delgada tambem se dirigia em nome dos conservadores aos electores do Distrito, e a Persuasão redigida por Supico cujas publicações começavam a ter valor pela forma criteriosa e historica com que eram compostas, e que se approximava dos conservadores appear de Supico ser um democraata tinha uma opinião que era ouvida com agrado.

No Nordeste varios manifestos populares foram distribuidos impressos pelo Concelho. O P.^o Jacintho Felix Machado que era uma das personalidades mais estimadas não deu importancia nenhuma a facto



Antonio Manuel da Silveira
Estrella

e em 5 d'agosto dizia para José Jacome Corrêa que a eleição estava inteiramente nas mãos dos que queriam o deputado conservador Pedro Jacome Corrêa. Fora o P. Jacintho Felix Machado que em carta de 6 de junho, respondendo ao chefe do partido regenerador pactuára com elle para a eleição de Pedro Jacome nos seguintes termos:

“Fiz presente a meus sobrinhos e alguns meus amigos o favor de V. Ex.^a de 27 de Maio ultimo, elles approvão a proposta do meu digno irmão de V. Ex.^a para Deputado por este circulo; por ora não me consta que haja opposição contudo é mister prevenir-nos para quando ella appareça; vou pois percorrer os eleitores depois do dia 9, para me não ver embaraçado com as operações do recrutamento. Depois d'aquelle dia combinaremos ácerca das pessoas que nos devem ajudar e do resultado darei parte a V. Ex.^a, bem como de qualquer occorrença que appareça.

O portador desta vae para documentar a participação ou informação que a Camara faz ao Ex.^{mo} Senhor Presidente da Relação se para isso V. Ex.^a puder prestar-lhe algum apoio muito lhe agradecerá o que é de V. Ex.^a com muitos respeitoes am.^{os} v.^{os} obrg.^{os} (ass.) P. Jacintho Felix Machado.”

Francisco Soares Medeiros Gambôa garantia a eleição na Povoação.

Contudo os eleitores das Furnas que geralmente faltavam em grande numero por os eleitores não estarem dispostos a fazerem as duas leguas e meia de caminhada da sua freguezia á Matriz da Villa, iriam faltar e segundo Jeronymo Simões de Carvalho eram outros tantos pelo candidato conservador.

O Conde da Praia da Victoria a 8 de julho prevenira o Chefe do partido que na Villa Franca só havia milho até ao dia 15 e pedia-lhe para elle pol-o lá e a um preço inferior ao que elle estava na occasião e que era de 640 reis. O serviço reverteria em favor da causa politica que de resto estava bem parada para os Conservadores a não ser na Ribeira das Tainhas aonde havia uma corrente grande a favor do Juiz Abranches.

Em St.^a Maria este principio de carta de Antonio José Machado apresenta já a situação favoravel aos Conservadores. Dizia ella: A eleição de St.^a Maria pode considerar-se feita; alem duma carta do Monteiro tinha outras cartas dos Almeidas que depois de me fallarem de negocios commerciaes me promettem uma eleição toda a nosso favor para o que estavam trabalhando. Na Lagoa, asseverou-me o Procurador Antonio Jacintho Botelho Ambar que podemos contar com uma maioria de 500 a 600 votos.

Com as ideias da Republica em Hespanha nunca definitivamente generalisadas no paiz e que agora pareciam approximar-se d'um termo com a data da maioridade de Afonso, filho da Rainha depondo Isabel a quem os proprios republicanos queriam entregar o throno estava morrendo o d'mocratismo michalense dos ultimos annos do 3.^o quartecirão do seculo XIX. Havia era certo a homenagem a um liberal e um popular, Henrique Ferreira Paula de Medeiros, mas nenhum plano politico tinha sido esquiçado pelo Presidente da Camara fora da orientação administrativa Camararia que fôra na ausencia dos trabalhos eucetados pela Commissão da Presidencia de João Soares d'Albergaria. A Sardinha não podia lutar com o partido conservador nem tinha força para vencer o Governo. Se

na verdade escolhido um outro candidato pelo circulo da Ribeira grande que não fôsse o Dr. Abranches estranho aos negocios politicos insulares, e se os candidatos conservadores não tivessem adoptado o programma da defesa do contribuinte perante o Governo, teria sido possível á Sardinha estabelecer o seu partido democratico e systematisar os seus ideaes e doutrinas e concretisalas em volta d'uma organização que se fizesse regularmente representar para o futuro na Camara baixa; mas com a queda das ideias republicanas d'Hespanha e a do democrático michalense nas eleições de 9 d'Agosto na sua acção directa no Governo e administração do paiz. Trez mezes depois em Hespanha o Principe (a 28 de novembro) declarava-se um rei catholico, hespanhol e liberal e com essas qualidades era proclamado rei por Martinez Campos no pronunciamento de Murviedo em 29 de dezembro.

Teria a Republica hespanhola se tivesse prevalecido com a forma politica constitucional, uma influencia qualquer sobre os movimentos eleitoraes da Sardinha em 71—74 no districto de Ponta Delgada? E' possível! e os politicos da Capital quando mostravam a necessidade de dar combate á candidatura de Henrique Ferreira Paula de Medeiros assim o davam a entender. Correia Caldeira mesmo chegou como vimos a dizelo ao Visconde do Porto Formozo quando insistiu com elle em Colares para accei-



Padre Jacintho Felix Machado

tar a Candidatura e Antonio Rodrigues Sampaio quando aproveitava uma reunião para trocar impressões com o Candidato Regenerador pelo Circulo da Ribeira Grande. Assim, a Sardinha não aprofundou o sulco aberto pelas eleições administrativas de 71; satisfeita com uma administração favorável, ella contentou-se em eleger os liberaes da politica districtal e Municipal que lhe garantia uma marcha de negocios segura. Um cheque governamental, com avançadas de republicanismo, a Sardinha não o consegue em absoluto, talvez porque a educação democratica das populações não estivesse feita; ou porque os conservadores liberaes ainda eram preferidos aos verdadeiros convictos do democratismo livresco; ou porque enfim havia mais ou menos a convicção de que seria necessario montar entre a administração districtal e a representação legislativa um elo seguro por garantia dos negocios publicos.

Os resultados da Eleição foram bem convincentes. Na Cidade são os populares que ganham por 135 votos; na Ribeira Grande é o Candidato Regenerador governamental eleito por uma maioria grande—3148 votos sobre uma entrada de 4188 de listas nas urnas.

Por occasião de se reunirem os portadores das actas a Assembléa d'Apuramento 15 dias depois das eleições estando presentes os dois delegados da Assembléa da Villa do Porto vindos em cahique, foram reunidos pelo chefe do partido regenerador n'uma casa pertencente na Villa a Antonio Borões de Medeiros cerca de 50 convivas que festejaram alegremente o resultado da eleição.

Talvez o pacto liberal fosse o resultado da commemoração festiva (1). O que é um facto positivo é que em 1880 um grupo politico era formado sob a designação de Centro Republicano Federal que se propunha trabalhar para a implantação em Portugal da Republica Federal, dava publicidade a Estatutos, que regiam o movimento da organização partidaria e publicava um jornal de propaganda com o titulo de Republica Federal.

A Sardinha da acção directa transformára-se n'um partido ideologico, theorico, de propaganda.

(1) — Ver Francisco Maria Supico Republicano na politica regeneradora, suas relações com escriptores e politicos por correspondencia inédita.

O ESTABELECIMENTO DOS PORTOS FRANCOS NOS AÇORES

Negociações Diplomáticas com os Estados Barbarescos e a garantia ao Commercio e à navegação do porto de Ponta Delgada, que d'ellas podia ter resultado

A aproximação entre a Inglaterra e Portugal motivada pelas ambições napoleónicas e pela attitude da França revolucionaria na politica europeia, tinha dado lugar a varios tratados, entendimentos e convenções entre os dois paizes sobre varios assumptos relativos á guerra contra a França. Assim, a deslocação da Côte para o Rio de Janeiro fôra feita com o auxilio inglez trocando-se por essa occasião varios accordos entre os dois governos referentes a commercio, navegação e conjugação da acção militar na guerra.

O Governo e a Côte installados no Rio de Janeiro negociaram ali novos tratados politicos de Commercio e de Navegação e é d'elles que nasce a acção politica de Portugal na costa do nordeste d'África e o porto franco estabelecido em Ponta Delgada.

O Governo inglez de Jorge III embebedo fortemente das doutrinas humanitarias philantropicas de Wilberforce no Parlamento e pela imprensa, tomára uma orientação anti-esclavista, e por toda a Africa aonde essa acção mercantil abusiva da força e immoral se dava por costume, elle velava porque a liberdade do Commercio fosse respeitada. Era o seguimento de Marquez de Pombal em Angola (1) e para o Reino, (2). Havia então duas correntes de escravatura, o recrutamento dos pretos feito pelos portuguezes para serem empregados nos trabalhos agricolas e industriaes na Colonia do Brazil, do qual partilhavam os inglezes para as suas Colonias e os francezes; e o aprisionamento de pretos e brancos praticado á mão armada e exercido pelos corsarios mouros de toda a costa do noroeste d'África. Nós portuguezes eramos victimas d'esses attentados criminosos que punham a navegação do Atlantico em perigo constantemente. Datava de bem longe a inimidade entre os christãos da Peninsula e os musulmanos da costa Africana; de mais de mil annos. As cruzadas da Europa Central que foram combater esses inimigos do christão e da sua fé e da sua moral para o Oriente foram vingar os seus irmãos de raça que na Peninsula lutavam para os expulsar. Ellas eram bem da mesma raça e da mesma religião essas gentes que se encontravam nos campos da Andaluzia e pelas cidades da Costa Africana e as que defendiam as costas da Syria americano communicando atravez do deserto Sahará em caravanas.

No Seculo XIV D. João I abria a cruzada com a empresa da conquista de Ceuta em 1315. Os arabes depois de rechassados da Europa eram atacados na terra Africana aonde o predominio parecia ter-se definitivamente fixado atravez os seculos ao abrigo do estreito de Gibraltar e das fortalezas da costa da Europa que ainda na sua posse guardavam qualquer tentativa inimiga d'avançada guerreira. Depois das con-

quistas empreendidas n'esse seculo e no seculo seguinte que puzeram grande parte da costa no poder dos portuguezes a acção d'estes no Atlantico era tão frequente contra os navios christãos que as outras nações se viram obrigadas a fazerem as suas demonstrações navaes aos portos e exigir indemnizações e satisfações por abusos commettidos de caracter bellico.

Os hespanhoes e os portuguezes porém, os povos mais proximos dos seus dominios foram os mais atacados.

Os Açores tiveram muitas vezes as suas assaltadas e a ilha de S. Miguel pela sua situação e pela sua importancia offerencia o maior interesse ao banditismo daquella feroz gente.

Valle de Cabaços quando era Recoleta de Freiras, viu-se um dia ser atacado por um bando de piratas audazes que levaram objectos d'arte e as proprias freiras po:ndo a saque aquella região da Caloira. Deu esse triste acontecimento lugar a que viessem as freiras para Ponta Delgada, aonde a esposa do Donatario Ruy Gonsalves da Camara, D. Philippa Cotinho mandou edificar o Convento da Esperança para onde ellas levaram a Imagem do Senhor Santo Christo, mas durante os 40 annos em que as freiras estiveram na Recoleta de Valle de Cabaços foram repetidos os assaltos, dando-se combates entre a gente de terra e os piratas, e o local foi fortificado ficando a bahia protegida por um fortim tão satisfactoriamente que para lá foram depois installar-se os eremitas das Furnas fugidos ás erupções vulcanicas.



—O Bordo (1830) residencia do Dey de Tunis—

(1)—Lei de 11 e 25 de Junho de 1758, (2) Alvará de 16 de Janeiro de 1773.

Mas esses actos de banditismo que se davam nos principios do seculo XVI, continuaram nos seculos seguintes, e a nossa marinha mercante andava de conserva para se garantir d'elles, desde os Açores até ás costas de Portugal. No seculo XIX as tradições eram mantidas e tanto os argelinos, como os tunisianos, como os tripolitanos ou os marroquinos perseguiram nos mares os navios de commercio dos europeus. A pirataria era para essa gente um negocio no qual a confiscação das mercadorias não era mais rendoso; do que a traficancia com os captivos que se tornára uma fonte de receita publica nas administrações dos Deys e dos Pachás d'aquelles diferentes Estados.

Em 14 de Maio de 1799 conclue Portugal com o Pachá de Tripoli Yusef Bax Carmanaly um tratado de paz similar ao concluido entre Tripoli e a Grande Bretanha; em 29 de junho seguinte é outro tratado assignado entre o Dey Hamuda e D. João VI pelo qual aquella garante treguas por trez annos e por mais se a guerra com a França continuasse, não sendo permitido aos tunisianos terem corsarios no Atlantico sob pena de serem aprisionados e só navegarem com passaportes portuguezes.

A Argelia envia ao Governo da Regencia de D. João em outubro do mesmo anno a Frei José de St.º Antonio Moura na companhia do Principe Abdelcarim Ben Tald natural de Marrocos e casado com uma argelina com casa de commercio em Lisboa para tratar do resgate de captivos e de negocios relativos á paz. O principe tinha grande influencia na Argelia e o frade sabia o arabe.

Deixando de parte as «démarches» do Governo Portuguez junto d'estes outros Estados Africanos que nos faziam a guerra pirata porque elles não tem interesse directo na nossa historia tratemos apenas do plano diplomatico dirigido pelo Governo da Regencia aos Argelinos. A primeira embaixada de 1799 acabou por uma declaração de guerra da nossa parte pois que o Dey Pachá Mustefá recusou-se a aceitar quaesquer propostas. Seguiu-se uma segunda em julho de 1803 em que o Frade Antonio Moura volta da sua viagem na nau Vasco da Gama, a qual estava destinada pelas autoridades portuguezas de marinha a policiar as costas africanas, com melhores resultados dos que obtivera na sua primeira.

O Dey para conclusão da paz queria 4 milhões de duros e presentes valiosissimos como era costume, por fim fixou ao Enviado, que, acompanhado pelo Padre, propuzera dois milhões de duros pelo resgate dos captivos portuguezes e cinquenta mil cruzados annuaes como pagavam os outros paizes e um presente consular de dois em dois annos na forma tambem costumada. Os membros do Divan, assignado o tratado, entregariam os captivos portuguezes com o Filho do Almirante Ramires por quem elles queriam cem mil duros extra.

Este tratado que foi assignado no 1.º de setembro de 1803 segundo a informação do judeu Neftali que dirigira as primeiras negociações entre os portuguezes e o Dey, podia contra uma proposta de 3 milhões de duros por uma só vez ser uma paz definitiva; os embaixadores porém que não tinham autoridade para incluir nas condições de qualquer tratado o levantamento do bloqueio aos portos argelinos e que sabiam que o Dey sem essa condição nunca o faria, partiram sem outras negociações para Gibraltar aonde fretaram um cahique do Algarve deixando a Vasco da Gama e o seu commandante James Scornichia a 7 de setembro, entregues outra vez á sua missão do bloqueio.

Este tratado ainda não levou os portuguezes á paz que elles desejavam obter do Dey de Argel para tranquillidade da sua navegação e para interesse d'administração do Ministerio da Marinha e da economia nacional pois que o policiamento dos mares custava-



Porto e Cidade de Tripoli nos principios do seculo XX

nos 3 milhões de cruzados annualmente.

A situação de Portugal com a occupação franceza tinha vindo aggravar ainda mais a policia naval do Atlantico que se tornava agora além d'um pezado encargo uma exigencia onerosa e uma derivante de unidades de combate necessarias; e os Governadores do Reino em 20 de Maio de 1810 enviam como embaixadores ao Dey Hage-Aly o antigo commandante James Scornichia com o P.º Antonio Moura a negociar um tratado de paz que foi concluido por dois annos, resgatando-se 541 escravos por 850.000 duros argelinos (573 duros hespanhoes) tendo o governo de Portugal de dar á Regencia d'Argel mais 350 mil duros hespanhoes, 150 para serem repartidos pelos principaes chefes 24 mil annualmente para substituir o que pagavam as outras nações para petrechos de guerra e 10 mil em vez do presente consular de dois em dois annos.

Foi este tratado que serviu de base em outubro seguinte ao Ministro do Ultramar de D. João VI, o

conde das Galveias, para criação em Ponta Delgada d'um porto franco, destinado á descargá e armazenagem de mercadorias e transito sem pagamento dos direitos fiscaes estabelecidos pelas pautas alfandegarias de todo o paiz. D. João d'Almeida Mello e Castro 5.º conde das Galveias, o diplomata e ministro dos negocios estrangeiros assigna o alvará no Rio de Janeiro a 26 d'outubro de 1810 dizendo n'elle claramente que estabelecida a paz com o pachá d'Argel a criação do porto livre nos Açõres era d'uma grande vantagem ao commercio das nações, e á industria e marinha nacionaes pela forma como ia ser regulado o funcionamento dos armazens d'arrecadação de mercadorias, e applicados a ellas os direitos de exportação e de reexportação.

O modelo era o porto franco de Lisboa que tinha funcionado em Lisboa no caes da Junqueira desde 23 de Maio de 1796 até 6 d'agosto de 1806 fundado pelo Governo de D. Maria.

Os regulamentos dos caes livres de Ponta Delgada garantiam aos commerciantes das propriedades arrecadadas contra deterioração e falsos documentos. O estabelecimento de principios para carga e descargá e outorga dessas mercadorias com limitação de praso bastante longo, 2 annos, eram outras regras observadas nos serviços do porto que facilitavam as reexportações e importações aos mercadores.

Os Regulamentos eram vastos:

O deposito de todas as mercadorias portuguezas e estrangeiras ficava sujeito á administração e decisão da auctoridade existente na Cidade de Ponta Delgada, o juiz d'Alfandega, estabelecido com seu escrivão, e mais officiaes que as necessidades de serviço exigissem; e era a elle que se remetiam todos os manifestos de cargas.



Ponta Delgada em principios do seculo XIX reproduzido d'um desenho a côres na Bibliotheca de Ponta Delgada

Os generos de carreiras coloniaes dos dois paizes alliados Inglaterra e Portugal não tinham entrada nos dois paizes, iam d'aquella data em diante gozar do privilegio de poderem ser recebidos mutuamente nos «portos francos» e «warehousing ports» pagando taxas minimas e apenas algumas pequenas despezas de cargas e descargas. Todas as mercadorias em geral pagavam 4 por cento do seu valor e sendo transportadas em navios portuguezes essa taxa era reduzida a 2 por cento pagos no momento da exportação. Gozando a Inglaterra d'um tratamento de nação favorecida e as fabricas nacionaes d'um beneficio de pauta tambem excepcional sujeitas as suas produções ao direito minimo de 1 por cento.

O Commercio d'importação esse ficava no mesmo pé em que estava regulada a sua entrada em todo o paiz. A Alfandega de Ponta Delgada cobrava os impostos das mercadorias pelas taxas das tarifas geraes e essas mercadorias eram tiradas pelos importadores, dos antigos depositos perfeitamente separados dos caes livres novamente estabelecidos.

Sob esse regimen extraordinario vigorou o systema fiscal da Ilha até que os armazens e depositos de mercadorias para mercadorias de reexportação foram extendidos a todas as Alfandegas do paiz em 1812.

Este estabelecimento dos caes livres em Ponta Delgada podiam ter um grande futuro commercial de facto se os portos do levante mantivessem com os do Brazil e os dos Açõres umas relações aturadas e activas.

cendo o direito de 5 por cento e 4 por cento em retribuição do tratamento mutuo de nação favorecida mantendo os direitos fixados para os depositos de Ponta Delgada e para os depositos do caes de G.ão cuja criação datava do alvará de 4 de fevereiro de 1811.

A paz foi enfim concluída com os argelinos em 14 de junho de 1813 de caracter definitivo garantindo a livre navegação e commercio entre os dois paizes ou garantia absoluta para os súbditos portuguezes e argelinos; mas dizer que essa paz teve alguma influencia benéfica nos destinos commerciaes da Ilha de S. Miguel seria uma absoluta falta de verdade. O que é preciso sobre o movimento d'exportação e importação que se deu depois de 1810 é que os rendimentos e direitos cobrados pela Alfandega de Ponta Delgada no triennio de 1820—22 eram n'uma



Argelia—Oran em 1320

media de 23 contos, a media de exportação annual do cereal para Lisboa conserva-se nos 6 mil moios e a exportação de laranja regula pelas 35 mil caixas annuaes ou 30 contos de reis importando a Russia umas duas mil caixas; a navegação não passa dos 225 navios d'entrada na media annual do movimento do porto.

A legislação proteccionista foi tambem um importante factor para impedir o desenvolvimento do Commercio da Ilha porque as nossas mercadorias soffreram pezados direitos: Assim foi alterado o Alvará de 28 d'Abril de 1809 que isentára nos portos do Brazil a entrada ás mercadorias d'industria nacional. Havendo difficuldade na pequena industria de reconhecer qual

era a nacional o Governo de D. João VI tornou essa sujeita aos direitos correntes pelo alvará de 21 de janeiro de 1813, isentando a industria fabricada nas manufacturas em grande, esabeadas por ordens regias ou provisões da Real Junta do Commercio Agricultura Fabrica e Navegação.

O alvará de 25 de Abril de 1818 que visou a protecção ao azeite e vinagre conservando os mesmos direitos para os nacionaes dobrando os estrangeiros tambem deixa os nossos vinhos sujeitos a pezadas taxas como se vê:

Tabela dos direitos a que estavam sujeitos os liquidos á entrada no Brazil:	
Azeite e vinagre de Portugal.....	Os mesmos direitos que pagavam
Vinho e licores portuguezes pagavam por pipa de 180 medidas.....	12,000 mil reis por todos os direitos que pagavam até então das diversas denominações
Vinho do porto de rama.....	10,000 mil reis na mesma forma
Madeira.....	12,000 mil reis
Vinho do Porto, Algarve e Ilhas.....	9,600 reis
Aguardente.....	20,000 mil reis
Licôres port. 12 garrafas.....	800 reis
EXTRANGEIRO:	
Vinho estrangeiro pipa.....	36,000 mil reis
Vinho estrangeiro 12 garrafas.....	1,600 reis
Aguardente, pipa.....	50,000 mil reis
Licôres—12 garrafas.....	2,400 reis
Azeite e vinagre.....	O dobro do que pagavam

N. B.—todos estes generos vindos em navios portuguezes pagavam menos 1/4 parte dos direitos. Vem depois o alvará de 30 de Maio de 1820 que não é de molde a deixar o commercio das Ilhas mais alliviado.

Por elle foi imposto um adicional de 8 mil reis por pipa vinda do estrangeiro o qual seria applicado por despeza militar e estabelecimento publico: uma redução de direitos d'1/4 nas mercadorias transportadas em navios nacionaes foi abolida por haver abuso e transporte de mercadoria estrangeira, foi revogado o privilegio á Companhia do Alto Douro para a exportação para o Brazil conservando só o do vinho legal e de embarque que a Companhia poderia exportar directamente ou por escala por a America e vender engarrafado ou envasilhado á convenção das partes sem sujeição á taxa: o vinho de rama era permitido a qualquer lavrador ou negociante portuguez exportal-o e remettel-o a qualquer negociante pagando os direitos estabelecidos.

DO EXTRANGEIRO

Os trigos, milhos, centeios e farinhas pagariam a dizima d'entrada nos portos de Portugal e Algarve.

A arrecadação era feita pelo terreiro de Lisboa e nos outros portos na alfandega; e n'esta não era comprehendida a vendagem do terreiro, de 20 reis o alqueire de trigo e 40 reis o alqueire de farinha destinada á manutenção do estabelecimento d'aquella casa.

Esta medida era para contrabalançar a decima do pagamento das produções dos generos.

Havia a faculdade de se poder estabelecer nos casos anormaes accordos especies mas essa faculdade foi supprimida a 6 d'outubro seguinte por portaria. O sal pagaria para o futuro a 1/2 dos direitos (Portugal e Algarve) o outro do paiz pagaria os mesmos 80 reis o alqueire.

Os peixes, atum, sardinhas etc., de Portugal e Algarve entrariam livres nos Portos do Brazil e assim os pannos de linho, linhas, burel, sargaço trazendo attestações do magistrado do lugar d'onde tinham sido exportadas ou da Alfandega.

A aguardente pagaria mais 8 mil reis por pipa, não exceptuando as prohibições estabelecidas para evitar as desordens entre os escravos e punha fóra da medida as Provincias do Rio Grande do Norte, Parahiba e Pernambuco.

Era estabelecida a obrigatoriedade de apresentar nos portos os manifestos de carga sellados pela auctoridade consular do porto d'onde tinham sahido ou na falta d'este de auctoridade Civil ou Commercial sem o que a sahida não era permitida.

Os linhos que gozando d'uma livre entrada no Brazil poderiam voltar a ter a manufactura que tinha havido no seculo XVIII, continuavam a estar nas mesmas condições pelo augmento das tarifas para as mercadorias portuguezas.

EXPORTAÇÃO EM 1806

panno de linho curado.....	90,811 varas
cru	10,195 varas
genipapo(?)	6,105 varas
meias de linho.....	224 pares
guardanapos.....	77 duzias
linha	471 libras
toalhas e colchas.....	393

EXPORTAÇÃO DE LINHOS EM VALOR

Valor	Direitos d'exportação
1778—106.635.650 reis	2.132.713 reis
1780—132.951.850 reis	2.657.037 reis

E' verdade tambem se a legislação do Governo de D. João VI não era de molde a auxiliar o progresso do commercio michaelense na sua exportação a navegação não passava no Atlantico com'a segurança necessaria a desenvolver o commercio entre os grandes continentes da Europa, Africa e America. Os piratas argelinos não deixavam os navios do Commercio de qualquer nacionalidade que fosse tranquillios. Uma esquadra ingleza e hollandesa sob o commando de Lord Exmouth bombardeou a Algeria destruindo a esquadra dos corsarios em 1816 e em 1819 os francezes com os inglezes repetiram o feito sem que contudo fosse posto termo ao flagello que havia tantos annos preocupava a Europa, e que tinha sido um dos assumptos discutidos pelos Plenipotenciarios dos paizes reunidos no Congresso de Vienna em 1815 e depois no Congresso de Aix-la-Chapelle em 1818.



D. João VI—Miniatura da epocha n'uma caixa de Tartaruga da Senhora D. Maria Ernestina do Canto Faria e Maia

I

A reforma Aduaneira de António Correia de Herédia de 1866 para os Açores e as discussões na imprensa por ocasião do Projecto Fontes Pereira de Mello

Meio século é passado sobre esse plano politico do reinado de D. João VI que nenhuma consequencia feliz teve como não tiveram actos nenhuns d'essa infeliz epoca.

Um homem consciencioso, conhecedor dos assumptos de que temos vindo tratando emprehendendo mesmo uma viagem aos Açores em 1866 vae novamente levantar o estabelecimento do regimen dos portos livres nos Açores e para isso elle não recorre á experiencia do Conde das Galveias nem analisa o problema economico d'um modo geral visando as theorias proteccionistas, ou livres cambistas. Como Inspector d'Alfandegas elle investiga o problema sob o ponto de vista fiscal e aduaneiro locais e baseia o regimen açoriano n'um novo balanço de receita e despesa alfandegaria evitando os males d'uma organização existente do systema e condições especiaes em que viviam as Flores e o Corvo separadas das outras Ilhas do archipelago dando livre pratica em todos os seus portos a qualquer navio que lá abordasse. Sendo as communicações entre estas Ilhas e as outras perfeitamente isentas de qualquer imposto alfandegario, não estando creados postos aduaneiros para o fim de fiscalisar a natureza das mercadorias, nem existir pessoal para fiscalisar a natureza das mercadorias de transitio, uma reforma se impunha nos serviços das alfandegas e essa reforma o Inspector Geral preconizava ser a do livre commercio nos termos das portarias de 1.º de Maio de 1833 e 25 de setembro de 1850.

O commercio dos Açores do oeste para Portugal avaliado approximadamente em 50 mil pipas de vinho e estando muito reduzido devido ao ataque do oídium tuckeri ás cepas, essas Ilhas, que não teriam a soffrer as consequencias d'um augmento do preço do genero no continente com o estabelecimento



Porto e Cidade da Horta, em 1900

do imposto nas alfandegas de lá supportariam perfeitamente este regimen e certamente que lucrariam com a entrada das mercadorias estrangeiras que beneficiariam o comprador e o commerciante.

De mais, a receita com os portos aduaneiros das Ilhas a que elle queria estender o regimen pouco excedia a despesa com o pessoal excepto a Ilha do Fayal. Mas essa com o porto da Horta excepcionalmente bem abrigado e com uma doca artificial em construcção o que seria a definitiva garantia da navegação, com um movimento de navios approximadamente de 500 anualmente merecia bem o sacrificio financeiro em proveito do progresso economico e commercial. Assim, na Ilha de S. Jorge, a receita da delegação do Topo não era nenhuma e a das Vellas tinha sido em media nos 6 annos anteriores 59 a 65 de 1.520.608 reis contra uma despesa

comprehendendo a fiscalisação externa de 2.057.200 reis para as duas delegações. A sub-directoria da Graciosa nos mesmos 6 annos tinha rendido 435.699 reis sendo a despesa de 1.716.300 reis em media annual egualmente. A sub-directoria das Flores era em rendimento 950 mil reis, e a despesa de 640.800 reis. A sub-directoria de St.ª Maria rendia 160 mil e custava 1.640.800 reis. As delegações da Ilha do Pico, nas villas das Lagens e S. Roque, não rendiam nada e custavam 607.800 reis. E todas estas Ilhas juntas apresentavam um custeio para o thezouro de 4.587.652 reis sobre a receita. Incluindo a Ilha do Fayal que em media a receita alfandegaria era calculada 48.583.174 reis (ella variava entre 60 contos e 38) e a despesa de 5.336.000. Vê-se que o encargo para o thezouro seria annualmente, accrescentando os 4.578.652 reis das despesas com os portos das outras Ilhas, ao todo de 38.600.000 somma perfeitamente ao alcance dos cofres do Estado para servir em beneficio do progresso economico dos Açores.

António Correia de Herédia natural da Ilha da Madeira encarara a questão debaixo do ponto de vista insular muito em beneficio do progresso local. O thezouro cujos interesses elle punha temporaria-

mente de parte seria muito mais tarde indemnizado pelos impostos e contribuições. O Insular tinha de facto visto o problema debaixo das mais solidas bases de progresso que as Ilhas podiam oferecer para uma reforma aduaneira do seu systema; e Heredia não extendia a reforma aos dois archipelagos dos Açores e Madeira porque recia sacrificar o thezoiro em uma receita de 340 contos, o que lhe parece impraticavel nas circumstancias em que se achavam os rendimentos do Estado em 1875, dez annos depois do primeiro relatorio, quando, para dar execução ás determinações do Ministerio da Fazenda, elle apresenta um segundo relatorio em setembro sobre os regulamentos a applicar ao decreto de 23 de dezembro de 1869 para uniformisar e simplificar o despacho e expediente das alfandegas, suas delegações, postos fiscaes e registos em harmonia com as attribuições das mesmas alfandegas e mais postos fiscaes.

E' d'este projecto de reforma das alfandegas que sae toda a theoria em volta da qual foi discutida entre os republicanos que formavam o Centro Federal e os commerciantes da Associação Commercial e alguns proprietarios agricolas, a questão da liberdade de commercio ligada ao estabelecimento dos Portos Francos nos Açores.

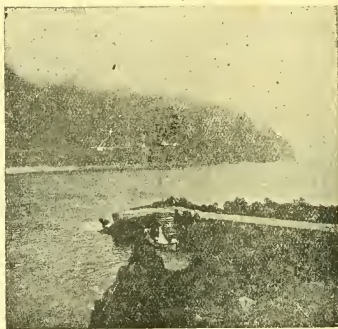
Em principios do anno de 1883 os jornaes de Ponta Delgada pegaram-se em discussão sobre a franquia dos portos dos Açores levantada na Ilha e na Capital a proposito d'um projecto que estava no programma do Ministro da Fazenda Fontes Pereira de Mello.

O commerciante então presidente da Associação Commercial de Ponta Delgada João Machado de Faria e Maia levou a sua experiencia economica ás columnas d'um jornal que acabava de ser lançado ao publico pelo Capitão do regimento de caçadores 11, que então se aquartelava em S. João, Henrique das Neves; a Gazeta Açoreana. João Machado dizia, e era a voz geral das classes agricolas, que a abertura dos portos á importação dos productos agricolas estrangeiros era uma calamidade para uma terra exportadora só em milho $1/8$ da sua producção que era de 40 mil moios. De facto, esses productos d'origem americana aonde as culturas eram feitas intensivamente em vastissimas planicies por meio de machinas a tracção rapida animal, podiam chegar ao porto de Ponta Delgada por preços inferiores aos que tinham os mesmos generos produzidos pelos agricoltos michaelenses nos mercados da ilha; havia a prova d'isso nos annos de crise em que a importação tinha sido feita, podendo o commerciante, sem lucro era verdade, vender os generos por um preço mais baixo do que o da producção insular.

O preço corrente variava entre 400 e 500 reis o alqueire sendo o seu preço medio 478 reis, o preço do milho importado na ultima crise de—77—78 tinha sido o de 400 reis; havia por tanto aqui uma depreciação de 16 por cento no valor da producção; attendendo porém a que o milho americano pezava em media 24 libras o alqueire, em quanto que o michaelense pezava 22, a depreciação do milho era de mais 9 por cento e ao todo de 25 por cento. Esses 25 por cento de desvalorisação que se ia dar no milho, o genero por excellencia da nossa agricultura, não recebiam os agricoltos e os proprietarios de suas propriedades agrícolas. D'essa opinião era tambem o Senhor José Jacomé Corrêa que n'essa occasião estava em negociação com o Conde da Ribeira Grande para as compras das suas propriedades da Salga e que diz que enquanto estivesse pendente da approvação das Camaras um projecto attribuido ao Ministro da Fazenda Fontes Pereira de Mello para o estabelecimento dos portos francos nos Açores qualquer negocio de propriedade devia ser reduzido de 25 por cento do seu valor anterior.

Os argumentos do Senhor João Machado eram alem d'estes que interessavam os agricoltos e as industrias açoreanas os de caracter administrativo e fiscal quanto á suppressão dos impostos aduaneiros que traziam uma receita regular de quinhentos contos ao thezouro os quaes difficilmente seriam substituidos por impostos indirectos ou contribuições.

Só em Ponta Delgada os rendimentos dos direitos cobrados na alfandega eram de 156.214.000 reis, sendo a despeza de fiscalisação 17.637.800 reis, ou fosse uma importancia de 138.576.200 reis a ir buscar aos impostos e contribuições para não aggravar as receitas do Estado. Como distribuir semelhante quantia, que representava mais de metade da importancia do restante das receitas geraes da Fazenda Publica na Ilha, as quaes constavam das seguintes importancias:



Casas das Flórs

De contribuição predial.....	89.000.000 reis
Industrial.....	8.536.000 reis
De renda de casa e sumptuaria.....	5.183.000 reis
De registo.....	33.712.000 reis
Imposto de tabaco.....	30.000.000 reis
De pescado.....	3.028.000 reis
De sello.....	19.447.000 reis
Aguardente.....	?
Real d'agua.....	5.323.000 reis
Receita do Porto Artificial de P. Delgada.....	11.520.000 reis
Receitas eventuaes.....	1.542.000 reis
	207.291.000 reis,

Contra os argumentos de João Machado de Faria e Maia debatiam a questão os jornaes "Diário dos Açóres", a "Persuasão" que era o órgão officioso do partido Regenerador, e a Republica Federal.

Na Republica Federal Caetano Moniz de Vasconcellos esclarecia a origem da inclusão do estabelecimento dos portos francos nos Açóres, no programma ministerial. Apoz o successo republicano nas eleições da Madeira o Rei chamára o Presidente do Ministerio e mostrára-lhe que os deputados que o partido republicano conseguira eleger pelos círculos do Funchal mostravam bem o descontentamento e desanimo que existia nas populações quanto á administração que lhes dizia respeito dos partidos nos ultimos tempos, descontentamento e desanimo bem patente na imprensa do Archipelago. O Rei aconselhára Fontes Pereira de Mello a olhar com attenção para as questões açoreanas afim de evitar que n'um curto periodo se desse nas Ilhas um facto identico ao que se dera nas eleições que acabavam de ter lugar.

Fontes Pereira de Mello sabendo que era uma velha aspiração d'uma grande maioria de gente o estabelecimento dos portos francos e que Antonio Correia de Heredia com os seus dois relatorios tornára a questão d'actualidade debaixo do ponto de vista fiscal e administrativo; não hesitára em lançar mão da questão e fazer d'ella um projecto que na primeira oportunidade seria levado ás Camaras.

A questão nunca passou da discussão nos jornaes e nunca Fontes Pereira de Mello apresentou ás Camaras um projecto. Nos jornaes da Ilha porém ella foi bem debatida e Caetano Moniz combatendo João Machado de Faria e Maia mostrava a impossibilidade que havia estabelecendo-se os Portos Francos, em a concorrência estrangeira vir prejudicar as industrias michaenses quer agricolas quer objectos d'uso, mostrando apenas que a industria da lonça seria affectada na competencia com a estrangeira; quanto aos generos agricolas, alcool, melaço, tabaco, vinho não podia haver receio que a concorrência estrangeira viesse prejudicar o consumo pelo porte dos preços. O unico problema que carecia de resolução era o problema dos rendimentos da alfandega que difficilmente se poderiam distribuir pelos impostos indirectos.

João Machado de Faria e Maia, o presidente da Associação Commercial, e o auctor dos artigos da Gazeta Açoreana

Em presença da vantagem com a entrada de inumeros objectos que n'aquelle momento se achavam fóra do alcance da bolsa do contribuinte, com o augmento da navegação, e com o acrescimo do movimento de tourists na Ilha, toda a discussão pendia facilmente para as vantagens que proviriam da abertura dos portos e estabelecimento de caes.

E no "Diário dos Açóres" era outro que vinha discutir a medida fallando na generalidade e apontando os beneficios que nas outras nações tinha gozado o commercio e estímulos que tiveram as industrias á sombra do systema livre cambista; e portanto as mesmas vantagens que nos seriam offeredidas com o estabelecimento de caes francos nos Açóres. E depois as Ilhas prosperariam com um systema que desenvolveria as actividades e demonstrava que até os armazens a estabelecer para arrecadação de mercadorias seriam uma fonte de rendimento para companhias e particulares que as quizessem explorar para o futuro.

No fim da primavera os jornaes já não fallavam mais em portos francos e a questão parecia ter voltado para a sombra aonde tinha jazido quasi um seculo quando desponha uma ameaça de crise cerealifera com a deficiência de produção do milho. Sendo chamado a occupar as funções de Governador Civil o membro do Conselho de Districto Dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde, que atravessára duas crises, uma fazendo parte do mesmo conselho em 76—77 e outra em 69 como Presidente da Camara nas quaes debatera o regimen de liberdade de commercio para os cereaes; o Dr. Pereira Athayde, quando abria as sessões ordinarias da Junta Geral em novembro, fallando sobre a situa-

ção do mercado em face da produção do milho apresenta trez quesitos á Junta para esta discutir e resolver o assumpto :

1.º Poderá permittir-se a exportação de milho no corrente anno agrícola sem perigo para as subsistencias publicas, ou receio de se elevar o preço do dito cereal de modo que não fique em proporção do salario ?

2.º No caso affirmativo deve abrir-se o porto limitando logo o quantitativo da exportação, ou não deve limitar-se ?

3.º No caso de se dever limitar, qual deve ser a quantidade de litros que se deve deixar exportar ?

Estes quesitos, para cujo parecer d'uma comissão que se formou dentro da Junta para estudar a questão foram mandados entregar pelo Governador os elementos necessarios e que estavam nas repartições do Governo, deram lugar a vir para as sessões da Junta o problema de liberdade do commercio de cereaes que estava ligado ao problema do estabelecimento dos portos francos nos Açores. A Comissão foi de parecer que fosse estabelecida a liberdade de Commercio, mas como não fossem determinados os termos d'essa liberdade, houve por parte de alguns procuradores em sessões ultteriores que entenderam por liberdade de commercio a importação e exportação o que de facto não tinha acontecido pois que a Comissão só encarará a questão debaixo do ponto de vista exportação. Os rumores de crise que tinham circulado apaziguaram-se logo e a liberdade de Commercio para os cereaes não foi mais debatida.

Com o evento da Republica em 1910 o Jornal "A Republica" de Ponta Delgada trouxe uns artigos a publico em que se fallava em Portos Francos. Havia então um programma politico que tinha por base uma organização especial aduaneira para o fim do turismo e o Ministro do Fomento Sr. Antonio Maria da Silva do Governo da Presidencia do Sr. Afonso Costa em 18 de julho de 1913 assignou uma lei que auctorisava a ser formada uma Comissão technica no praso de dois mezes para estudar o local aonde deveriam funcionar os caes francos no Porto de Lisboa cujo regulamento vinha publicado a seguir determinando as condições de concessão d'exploração a uma empreza concessionaria sob caução de 50 contos, o modo de funcionar do porto submettendo as mercadorias e os navios ao regimen fiscal existente dos armazens geraes francos; a necessidade de se regular por occasião do concurso da exploração do porto, as tarifas de carga, armazenagem e descarga e de beneficiação das mercadorias; e a reserva dos direitos de regular a policia e a fiscalisação do porto etc.

No jornal do Commercio e das Colonias appareceu um artigo de critica do Senhor Roque da Costa funcionario publico competentissimo em que criticava a lei por não ser clara na criação do porto franco de Lisboa quando porto franco não era precisamente o que se pretendia crear mas sim zonas francas dentro do porto. O Senhor Roque da Costa condemnava os portos francos como prejudiciaes ás industrias estabelecidas nos interiores dos paizes que soffriam o aggravamento das pautas enquanto que na Cidade livre que quasi sempre é a grande consumidora, as mesmas industrias competiam isentas d'impostos.

De facto Hamburgo que se desenvolveu sob o regimen de porto franco e as vantagens commerciaes que se apontam ao regimen livre cambista em certas circumstancias da vida dos povos attraem uma grande corrente de partidarios para o regimen de liberdade absoluta na importação e exportação das mercadorias. Lisboa mesmo do tempo de D. Fernando I no seculo XIV se engrandecceu á custa d'um regimen neutro n'um commercio vasto em que eram, por gentes, de innumeradas nacionalidades importadas mercadorias d'essas nacionalidades, e por navios portuguezes exportados vinho, azeite e sal e muitos outros generos comestiveis os quaes generos e mercadorias deixavam nas Alfandegas de Lisboa para cima de 35 a 40 mil dobras (2.800 contos da nossa moeda actual) segundo nos conta Fernão Lopes.

Os regimen podem não ser estranhos á vida das terras que os põem em execução, mas o que elles não são certamente é por si só a causa desse progresso.

Podem ser mesmo a origem de progresso mas reunir em si os elementos necessarios a elle não é possivel pela natureza mesmo da sua parcialidade e incompleticismo. Hamburgo prosperou de facto



Vista do Côrvo

são o regimen de porto franco; mas teria Hamburgo de facto prosperado se não fosse o commercio que manteve durante um seculo com a America do Norte depois de instituida a Nacionalidade com o tratado de Paris, que lhe impoz a criação de uma marinha mercante? Não tinha sido já Hamburgo um dos portos da Liga Hanseatica e não tinha elle sido o entreposto entre o commercio do nordeste e noroeste da Europa, isto é porto gozando das tradições d'uma civilisação que varias causas tinham deixado estacionaria e decadente e varios outros tinham levantado n'outras epochas?

Os Açores pela sua situação estão destinados a receber uma grande parcela da navegação entre a Europa e as Americas agora com a abertura do Canal de Panamá entre a Europa, e o extremo Oriente. Os japonezes e os chinezes são importadores dos mercasos europeus e por sua vez exportam para a Europa mercadorias cuja natureza e extravagancia sobretudo em objectos de decoraçáo, mobiliario e vestuario agradam immenso aos europeus. Os vapores inglezes e allemães que antes da guerra faziam o commercio com o extremo Oriente já foram suppridos por vapores japonezes que fazem as carreiras do seu paiz para a Hollanda e Inglaterra.

Quer tenhamos Portos Francos quer os não tenhamos a doca ahí está para offerecer as vantagens necessarias á segurança da navegação. Se houver mercadorias a transbordar, hão de apparecer as zonas francas com depositos e armazens francos porque ellas impor-se-hão ás necessidades das reexportações e porque os actuaes annexos da Alfandega não comportam um desenvolvimento de reexportações; se as populações açoreanas pretenderem viver sob um regimen autonómo e que isso lhes seja concedido com isenções absolutas de ligações fiscaes n'uma constituição especial aduaneira, podendo e querendo lutar

na struggle industrial e commercial e contentando-se com a perda dos rendimentos alfandegarios então os portos livres darão entrada ás mercadorias estrangeiras e os povos com a concorrência terão um alívio de que hoje não gozam com o regimen existente que agrava os preços dos objectos d'importação, muitas vezes já onerados devido á forma do fornecimento.

Submetter porém o futuro do progresso e tornal-o dependente d'um regimen aduaneiro, parece-me exaggerar a questão. Sob as tradições d'um systema pautal proteccionista nós temos vivido e progredido; tivemos, como o porto d'Hamburgo quando as colonias do Brazil e Africa começaram a receber os primeiros beneficios da civilisação da Metropole, e quando o commercio da Índia progredia com a navegação, um movimento nos portos que attingia proporções que depois no decorrer dos annos, com a dominação hespanhola, se não mantiveram.

A fundação e grandeza rapidamente adquirida da Cidade de Ponta Delgada simples e modesta villa por occasião da erupção vulcanica em

1522 na Villa Franca do Campo, attestam bem, um seculo depois, a importancia da navegação dos mares dos Açores.



Caetano Moniz de Vasconcellos
redactor da R. publica Federal



O Porto de Ponta Delgada antes de construída a doca, por occasião em que foi publicado o Relatório de Antonio Correia de Herédia:

INDICE GERAL DO 1.º ANNO

	PAG.
A REVISTA MICHAELENSE—por Ayres Jacome Corrêa	1
ILLUSTRAÇÕES DE AUGUSTO CABRAL—por O Editor.....	2
EL-REI D. CARLOS I—por P.º Ernesto Ferreira.....	3
A CONFERENCIA CONFSSIONAL—por Ayres Jacome Corrêa.....	9
O DOUTOR FRANCISCO PEREIRA LOPES DE BETTENCOURT ATHAYDE—EM DUAS PHASES DA SUA VIDA ADMINISTRATIVA.....	14
A CAÇA DE BALEIAS—por J. A. A. B.....	32
AS ODES NO PRINCIPIO DO SEculo XIX.....	36
MONOGRAPHIA DOS GINETES —por Anténio José Lopes da Luz (Prior das Feteiras).....	45
VIZITAS D'ANNOS—por ***.....	77
MONOGRAPHIA DOS GINETES — (continuação) por Antonio José Lopes da Luz (Prior das Feteiras).....	83
FRANCISCO MARIA SUPICO REPUBLICANO NA POLITICA REGENERADORA — SUAS RELAÇÕES COM ESCRITORES E POLITICOS—POR CORRESPONDEN- CIA INEDITA	115
D. FERNANDO—por Ayres Jacome Corrêa.....	125
BASE NAVAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE EM PONTA DELGADA—por ***.....	138
CHRONICA LITTERARIA—por ***.....	156
CHRONICA AGRARIA	173
EL-REI D. AFFONSO VI NO CASTELLO D'ANGRA.....	187
AMAR—por Ayres Jacome Corrêa.....	211
EPISTOLA—por José Pedro Soares	217
SONETOS	218
A LIBERTAÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL PELO CONDE DE VILLA FLÔR....	219
LUCTAS ELEITORAES ENTRE O DEMOCRATISMO E O CONSERVANTISMO EM 1870—74. SUAS ORIGENS E SEUS EFFEITOS.....	221
O ESTABELECIMENTO DOS PORTOS FRANCOS NOS AÇÓRES.....	235

